This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

## Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

## About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07139371 8

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XXXII)

# CHRONICA

DE

# EL-REI D. JOÃO II

POR

## Garcia de Resende

CONTENDO A INTERESSANTISSIMA MISCELLANIA

CONFORME A EDIÇÃO DE 1622

VOLUME I

*ESCRIPTORIO*

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

1902

NDO DO LIVRO

BIBLIOTHECA

DE

# CLASSICOS PORTUGUEZES

PROPRIETARIO E FUNDADOR

*MELLO D'AZEVEDO*

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XXXII)

# CHRONICA

DE

# EL-REI D. JOÃO II

POR

Garcia de Resende

CONTENDO A INTERESSANTISSIMA MISCELLANIA

CONFORME A EDIÇÃO DE 1622

VOLUME I

*ESCRIPTORIO*

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

1902

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

# O chronista Garcia de Resende

TANTO afina com o meu parecer a opinião de um historiador moderno a respeito de Garcia de Resende que eu com a devida venia vou aproveitar alguns periodos do seu trabalho.

Refiro-me ao livro recentemente publicado sob o titulo *As sepulturas do Espinheiro*, pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire. A proposito da capella tumular de Garcia de Resende, na cerca do antigo mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, perto de Evora, o sr. Braamcamp escreve o estudo mais rico de dados biographicos que ora temos do chronista de D. João 2.º

Os estudos historicos do sr. B. Freire revelam indagação aturada, critica severa, sobre tudo um desejo intenso de acertar, que lhe prestam uma grande auctoridade.

E como noutras occasiões eu tenho apresentado o meu modo de vêr ácerca do chronista, agora folgo de publicar ainda mais o parecer tão valioso do moderno

historiographo, consolando-me a coincidencia das opiniões; por isto, na primeira parte d'este prefacio, sigo a prosa auctorisada do sr. B. Freire.

Garcia de Resende não foi fidalgo, nem heroe, nem estadista, e todavia o seu nome sôa alto, destaca-se bem entre os dos homens da sua época. Nem mesmo foi grande poeta ou insigne historiador. Do poeta apenas mereceram louvor a Castilho as *Trovas á morte de D. Ignez de Castro;* ao livro do historiador chama Herculano em dia aziago, é certo, «mesquinha collecção de historietas». Apezar d'isto o nome de Garcia de Resende brilha na litteratura portuguesa.

Nas suas historietas apresenta-nos elle a descripção de usos, costumes, trajos, ceremonias; dá-nos trechos de conversações, noticias de relações sociaes, e muitas outras informacões interessantes, incluindo as anecdoctas, que nos revelam em parte o modo de viver da gente portuguesa d'aquelles tempos. E nós, que não temos memorias da vida intima de ninguem; nós que sabemos a valia da historia official dos chronistas coada pela censura; nós, que n'esta historia arida, só encontramos a noticia das acções dos reis e proceres, e não sentimos nella o pulsar da vida nacional, nós estimamos, louvamos e sobretudo agradecemos a Garcia de Resende o seu livro que a nossos olhos revive as gerações passadas.

Herculano tinha dois heroes: D. João I, como rei, Fernão Lopes como chronista, D. João II e Garcia de Resende eram-lhe odiosos. Pois se na vida de D. João II, ha o assassinio do duque de Vizeu, na de D. João I, lá está o conde de Ourem; com a differença que o Principe Perfeito, Rei de Portugal, matou um parente que lhe jurára pela vida; ao passo que o Rei de Boa Memoria, sendo apenas um fidalgo pretendente nem ainda sabia a quê, assassinou um homem só para des-

bravar um pedaço de caminho. Na premeditação, no disfarce, na companhia que lhe guardava as costas, contrapesam-se os dois matadores; mas avantaja-se muito D. João II ao Mestre de Avis no facto de defender a monarchia na sua pessoa, que, sendo vencida, podia na queda arrastar a propria independencia nacional.

D. João I, ajudado pelo seu grande condestavel, venceu a batalha de Aljubarrota, em sua casa, dentro no reino, defendendo este de uma invasão oppressora e detestada; o principe D. João, desajudado de todos, ganhou a batalha de Toro, em paiz estranho e hostil. D. João I ao cabo de quarenta e oito annos de reinado, dos quaes vinte e dois pacificos, deixou, é certo, o reino augmentado e prospero; D. João II em quatorze annos de governo, dos quaes os tres primeiros bem agitados, e os tres ultimos bem angustiados, levantou a nação da ruina a que o seu predecessor a levara, e deixou tudo prompto para as assombrosas venturas do seu successor.

E se não ha comparação entre os resultados que a Portugal trouxeram Aljubarrota e Toro, tambem é incomparavel a conquista de Ceuta com o descobrimento da India.

A chronica de Fernão Lopes avantaja-se muito á de Garcia de Resende. Não ha n'isto duvida, mas tambem que differença enorme não existe nas acções que os dois historiadores narraram. Coube em sorte a Fernão Lopes relacionar os feitos epicos de um povo que defendia sua independencia com a energia de um heroe que pugna pela honra e pela vida; pertenceu a Resende contar a existencia de uma nação que debaixo do sceptro do «melhor rei do mundo», como lhe chamava, apesar de inimigo, o cardeal de Alpedrinha, viveu feliz, e portanto não teve historia.

Já repararam para o final da chronica de Fernão Lopes? Não a acham, n'esta parte, muito desbotada, comparando-a com o principio? E' porque aos tempos revoltos tinham succedido os socegados: é porque o povo, salva a independencia, começava a viver feliz.

Garcia de Resende nasceu em Evora por 1470, ou ainda antes.

O pae chamou-se Francisco de Resende e a mãe Beatriz Bóta; gente muito eborense. Bóta é forma femenina, usual, de Bóto. Conta-se que a origem deste appellido é o seguinte caso: na tomada de Ceuta um soldado matou as duas sentinellas mouras de uma torre, subiu ao alto d'ella, e de lá, com as duas cabeças nas mãos, perguntára aos companheiros que haviam ficado em baixo: Bóto? De aqui se lhe derivou a alcunha que se tornou appellido para seus descendentes.

O pae de Garcia de Resende foi criado do celebre e illustrado bispo D. Garcia de Menezes, tão famoso e tão infeliz. Francisco de Resende parece que era fallecido em 1490, quando na casa do principe D. João foi posto seu filho Garcia, por isso que então este «se agasalhava com seu tio», que não nomeia, mas que poderia muito bem ser o Dr. Rui Boto, desembargador do paço, muitas vezes mencionado nos documentos do tempo.

D. João II em 1491 escolheu Resende para moço da sua escrevaninha, e neste officio, muito junto á pessoa d'El-Rei, e de sua particular confidencia, serviu até ao fim da vida de D. João II, merecendo em tôdo o tempo inteira confiança e benevola amizade a seu amo. Assistiu á sua morte em Alvor a 25 de outubro de 1495; e continuou a encontrar a mesma boa disposição a seu respeito em tempo de D. Manuel a quem acompanhou em 1498 nos juramentos de Castella, e

que por provisão dada em Lisboa a 11 de maio de 1515 o nomeou cavalleiro de sua casa, com boa tença e habito da ordem militar de Christo.

Serviu tambem na famosa embaixada de 1514, quando Tristão da Cunha foi a Roma, a Leão X, em que fez de secretario e ainda de thesoureiro, segundo parece por documentos conhecidos.

Em 1516 Garcia era fidalgo da casa d'el-Rei e escrivão da fazenda do principe D. João, desempenhando o mesmo cargo quando este subiu ao throno.

Sabe-se tambem que elle foi guarda da camara real, desde o tempo de D. João 2.º E' certo que tinha alguns meios, além de seus ordenados, propriedades ruraes e urbanas, tenças e pensões; instituiu um morgado e construiu na cerca do convento do Espinheiro, perto de Evora, uma capella, em 1520; ainda existe felizmente essa gentil capellinha, pequenina e artistica, com seu alpendre, elegantes ameias e coruchéus, finos azulejos relevados, e o brasão d'armas dos Resendes encimando o trabalhado portal.

Em Evora, a 8 de setembro de 1533, fez Garcia de Resende por sua propria mão o seu testamento. Morreu na mesma cidade em 3 de fevereiro de 1536.

Garcia de Resende immortalisou-se com a Chronica, e Cancioneiro e com a admiravel Miscellania, documento de primeira ordem nas lettras portuguesas. Muito bem elle lhe chamou *Miscellania e variedade de historias, costumes, casos e cousas que em seu tempo aconteceram;* era um espirito superior, vendo e sentindo muito bem, um poeta philosopho, um grande pensador dobrado pelo humorista mais puro.

Gostava de trabalhar, de se entreter,

*mas quem deixa perder tempo*
*nunca o mais pode cobrar*

E que cousas e casos elle viu! ou ouviu contar! As victorias do turco, guerras tremendas na Asia e Europa, o findar da idade media e as maravilhas do Renascimento. Ante o leitor passa a extraordinaria figura de Affonso V, que tanto andou e batalhou:

> *... depois veio e morreu*
> *na casa em que nasceu*
> *em Sintra onde acabou*

E seguem os casos de João 2.°, as festas, as crises, os luctos, e a prisão de Maximiliano em Bruges, a queda de Granada, o descobrimento da America, as estonteantes navegações dos Portuguezes, o cabo da Boa Esperança, o caminho da India.

Porque na Miscellania, n'esses versos espontaneos, suaves, ha philosophia da historia, ha syntheses e comparações de rara felicidade; é extraordinaria a maneira como elle condensa e claramente exprime; ao lamentar a mudança de costumes que veio com as opulencias asiaticas, os degenerados do tempo, diz elle; o que

> *por baixeza se havia*
> *em alteza se tornou*

Tratando das guerras europeias

> *estas mui injustas guerras*
> *fazem o turco prosperar*

Depois a constellação dos grandes nomes portugueses D. Jorge da Costa, D. Garcia de Menezes, D. Francisco d'Almeida, D. Alvaro de Castro, Vasco da Gama e Affonso d'Albuquerque.

Pagem da escrevaninha, moço ou guarda da camara, homem do paço, elle viu de perto a gente cortezan e conta galantemente ditos e casos palacianos; viu em Lisboa trez rainhas, D. Joanna a excellente senhora, D. Leonor e D. Maria. Chegando á velhice recorda com saudade os tempos antigos, os costumes lhanos da côrte de D. João 2.° Este foi um rei popular; por instincto ou por politica, pendeu sempre para o povo. Lembrava-se talvez de D. João 1.° que achou o seu principal apoio nos braceiros e mesteiraes, na arraia miuda.

A Garcia de Resende não esqueceu a grande invenção da typographia e a instituição das Santas Casas da Misericordia, a mais altruista e christã fundação que tem visto a humanidade.

Nem esqueceu as modas, as artes, a musica e o canto, a pintura e illuminura; elle que passou pela deslumbrante Roma do começo do sec. XVI:

*...Michael & Raphael*

sendo elle mesmo de sua natureza inclinado ao desenho e á musica, lega-nos dados importantes para a historia das artes em Portugal.

Por isto o conjuncto da obra de Garcia de Resende sôa alto no bom saber português.

A parte da chronica de D. João 2.° que sem duvida lhe pertence é da maior importancia, é unica, para o conhecimento da sociedade de então. Amigo do rei João:

*Segundo em nome e a ninguem segundo*

como André Falcão de Resende disse no soneto que

precede a chronica, elle ergueu-lhe um monumento de grande valor.

*Não consentio perder-se tal memoria*
*Garcia de Resende, em seu pollido*
*E doce estylo, e verdadeira historia.*

Conta-se que a rainha Izabel a Catholica ouvindo a noticia da morte de D. João 2.° disséra:

*Muerto es el Hombre!*

E que o celebre cardeal D. Jorge da Costa, inimigo do rei, ao ter a nova em Roma, exclamára: *Morreu o melhor rey do mundo, filho do melhor homem do mundo.*

Garcia de Resende foi bom chronista dos feitos d'esse infeliz monarcha.

G. Pereira.

# SONETO

## De André Falcão de Resende

Heroicos feitos e saber profundo,
Virtudes, condição, primor, costume,
Vida, e morte declara este volume
Do Lusitano Rei D. João Segundo.

Segundo em nome, e a ninguem segundo.
Em fama tão subida em alto cume,
Que apesar do tempo que consume
Toda cousa, será clara no mundo.

Não consentiu perder-se tal memoria
Garcia de Resende, em seu pollido
E doce estylo, e verdadeira historia.

Mas a seu Rei, e a sua patria agradecido,
Dando-lhes digna fama, e immortal gloria
A si a deu, e fez seu nome esclarecido.

# VIRTUDES

# FEIÇÕES, COSTUMES

E

# MANHAS D'EL-REI D. JOÃO, O SEGUNDO

## Que Santa gloria haja

EL-REI D. João era homem de muito bom parecer e bom corpo, e de meã estatura, porém mais grande que pequeno, muito bem feito e em tudo mui proporcionado, airoso e de tanta gravidade e auctoridade, que entre todos era logo conhecido por Rei; o rosto tinha algum tanto comprido, e assi o nariz em boa maneira, e a boca muito bem feita, os dentes alvos e bem postos, os olhos eram pretos, graciosos e de muito boa vista, e ás vezes tinha nas alvas umas veias de sangue que o faziam com menencoria ser mui temido, e nas cousas de prazer era alegre e muito bem assombrado, de muita graça, e em tudo era mui alvo, e no rosto córado em boa maneira, a barba tinha preta e bem posta, e o cabello castanho e corredio, e em idade de trinta e sete annos tinha já na barba e cabeça muitas cãs, de que mostrava contentamento, e não consentia que lhe mondassem algumas. As mãos tinha compridas, alvas e fermosas, e as pernas grandes e mui bem fei-

tas. E até idade de trinta annos foi muito bem disposto, e d'ahi por diante engordou alguma cousa.

Era prudente, de muito vivo saber, e mui pronto e esperto, e de muito sotil engenho, e mistico em todalas cousas, e prezava-se bem d'isso, e teve muito grande memoria e claro juizo, e fallava muito bem, e nas cousas de substancia suas palavras tinham sempre mais verdade e autoridade que despejo nem sabor, porque algum tanto eram vagarosas e entoadas pelos narizes, porém em cousas de folgar era gracioso, e tocava muito bem qualquer cousa. E foi homem de grandissimo esforço, e de alto e mui ardido coração, de mui altos pensamentos, e mui desejoso de cousas grandes, em que sua grandeza podesse mostrar e executar, e tudo por serviço de Deus, honra e acrecentamento de seus reinos, e nisto eram seus sentidos mui occupados.

Era mui justo e amigo de justiça, e nas execuções d'ella temperado, sem fazer differenças de pessoas altas nem baixas; nunca por seus desejos nem vontade a deixou inteiramente de cumprir, e todalas leis que fazia cumpria tão perfeitamente, como se fôra sojeito a ellas.

Defendeo as sedas, e nunca mais as vestio, defendeo as mulas, e sendo muito doente nunca mais em mula cavalgou, defendeo os jogos, e nunca jugou jogo defeso; nunca na justiça usou de poder absoluto, nem de crueza, e muitas vezes de piedade, porém não que tirasse justiça ás partes, nem em grandes crimes, e secretamente tinha dito na relação que como não fôsse caso feio, ou ladrão, ou tivesse partes, que dessem vida aos homens, que muitas ilhas havia ahi para povoar, porque um homem custa muito a criar; outro tanto tinha dito aos meirinhos ácerca das prisões com as pessoas honradas.

E por amor da justiça se começou a desaventura das traições, que por querer mandar corregedores ás terras dos senhores se escandalizaram d'elle. E todalas sextas feiras ia sempre á relação pelas manhãs, e ás tardes estava com desembargadores do paço, e os sabbados á tarde ia á fazenda e estava na mesa d'ella com os veadores e escrivães, vendo as cousas que relevavam. Em despachos e petições era vagaroso, e de má vontade entendia em papeis, e porém a principal causa de não despachar muito foi os casos grandes que em sua vida lhe sobrevieram, e sua grande e muito comprida doença, que quatro annos lhe durou, e nunca teve descanso.

Foi Rei muito estimado, e nomeado em todalas partes do mundo, e em seus reinos tão reverenceado, acatado, e temido, que só com olhos que punha em qualquer pessoa que fallava ou estava como não devia, emmendava tudo, e tão grandemente ensinava os homens, que diante d'elle não havia máo ensino, nem fôra se o elle soubesse, que ficasse sem reprensão ou castigo. E por onde quer que ia, ninguem se chegava a elle senão era para lhe falar com muito acatamento, e nos lugares onde cumpria muito maior lugar fazia com olhar, do que todolos officiaes e porteiros com muito trabalho podiam.

Era tão verdadeiro e presava-se tanto de o ser, que nunca o viram mentir, nem passar um alvará em contrario d'outro, nem o ousava ninguem requerer. E porque um dia por falsa informação passou um alvará em que deu de perda a um homem duzentos mil réis, quando se lhe veio agravar, por não passar outro em contrairo, lhe mandou dar os duzentos mil réis logo em ouro, e lhe disse que o acabasse.

Era magnanimo, e tão grandioso, que as cousas que com gosto fazia eram mais perfeitas que todas,

como foram as festas do casamento do Principe seu filho, que já para sempre ficaram por singulares e nomeadas por maiores que nunca foram, e assi a sua grande entrada de Lisboa e outras cousas que fez. Tinha tanta autoridade que como mostrava boa vontade a uma pessoa era logo estimado tanto quanto se não póde crêr, e tendo mui acceitos servidores e privados, pessoas mui principaes a que fazia grandes mercês e dava parte de seus segredos e conselhos, foi sempre tão isento, que nunca nenhum cuidou que o poderia governar nem fazer que fizesse o que não devia, e d'esta isenção que elle sempre quiz ter, o tinham por seco de condição os grandes e principaes, que cuidavam que muito valiam, que dos outros; e da gente meã, e dos povos foi grandemente amado e querido. E depois de sua morte foi de todos em geral mui chorado, e mais desejado que nunca Rei foi.

Era tão certo e tão constante, que quando prometia alguma cousa, por mui grande que fosse, só com sua palavra iam os homens tão contentes e satisfeitos como se levassem já os despachos feitos na mão, e nunca dava alvarás de lembrança.

Estimou sempre muito os bons homens virtuosos, e os bons cavalleiros, os verdadeiros, os letrados e homens de bom saber e de bons costumes e manhas, e os seus naturaes, e com qualquer homem que em especial tinha alguma cousa boa, folgava muito.

Honrava muito as honradas donas, e quando lhe queriam falar as ia ouvir em algum mosteiro ou egreja afastado que o não ouvissem, e porém perante todos, e assi fazia muita honra ás virtuosas religiosas, e aos bons religiosos. E isto fazia haver sempre em seu tempo muitos hypocritas em todolos estados, que depois de sua morte se enfadaram de o ser, e foram

conhecidos por quem eram, porque os homens que boas calidades não tinham valiam pouco ante elle.

Favoreceu muito os bons officiaes de todolos officios, e elle sabia muito em todos.

Estranhava muito a moços trazerem espadas, e defendia-lhas até serem grandes, e dizia que não serviam de mais que de se fazerem fracos, que se acertavam de se tomar com homens, e os escoziam, que ficavam para sempre com receio e covardes. E em mui grande maneira criava e doutrinava os moços, e a todos, e honrava tanto seus criados, que qualquer que por seu prazer casava, e lh'o pedia por mercê, o ia receber a sua casa, que fosse pobre escudeiro, e eu lhe vi em Evora antes das festas ir receber a casa de seu sogro um Ruy da Costa, porteiro da camara do Principe seu filho.

Favoreceu muito os cavalleiros, e fazia-lhe muita honra e muitas mercês, e dizia que eram como a sardinha que era muita e sabia muito bem, e custava muito pouco, e que sempre na batalha de Touro os achara junto de si. Foi muito nobre, e grão liberal em fazer mercês e dadivas a quem devia, e como devia, e da maneira que devia por sua propria vontade, e não por importunações de ninguem; dava poucas tenças a homens solteiros, e mercês de dinheiro dava mais e maiores que os outros Reis de seu tempo, e muitas vezes sem lh'as pedirem quando os homens mais descuidados estavam d'isso, sem alvarás nem despachos lhe mandava dar o dinheiro na mão com as palavras de amor, de que ficavam tão contentes e satisfeitos como se tivessem muitas rendas. E geralmente a todos seus moradores fazia em cada um anno mercê, e como traziam certidão da fazenda de como havia um anno que a não houveram, sem falarem a El-Rei, sómente aos Veadores ou Escrivães da fazenda, lh'a despa-

chava, e se faziam cadernos de muitas pessoas em que os Veadores da fazenda punham por fóra na margem a cantidade que lhes parecia que cada um devia haver, que se estimavam as contias, os quaes cadernos El-Rei via, e a muitos acrecentava em mais mercê, e a nenhum não diminuia. E dizia por quem estas mercês não pedia, que era pequice perder ração de paço, que por isso não havia de deixar de lhe fazer outras muitas, e não sómente fazia mercês a seus criados e naturaes, mas nos reinos estrangeiros de Castella, Aragão, França, Roma, e outras muitas partes, muitas e grandes pessoas recebiam d'elle em cada um anno muitas e grandes mercês secretamente, dos quaes elle recebia muitos e grandes avisos mui necessarios a seu serviço e estado, e as esmolas eram tantas, que chegavam a Jerusalem, e tudo por serviço de Deos, e por sua honra, e bem de seus reinos, e pelos grandes desejos que tinha de os acrecentar dava muito poucas cousas da corôa; e sendo tão liberal e gastador, era tambem mui grande astucioso, e acquiridor.

Entre outras muitas virtudes tinha esta singular: tanto cuidado de quem no bem servia, que sem lhe pedir mercê lh'a fazia; e trazia secretamente um livro escripto por sua mão, que algum nunca o soube senão depois de sua morte, no qual tinha feito todolos homens a que mais obrigado era, cada um em sua cantidade em capitulos que diziam: Foão me tem feito taes serviços, lembrar-me-ha quando cousa vagar que nelle caiba, de o provêr. E quando as cousas vagavam e lhas vinham pedir dizia: já a tenho dada; e então secretamente via no livro as pessoas da calidade de tal cousa, e áquella a que mais obrigação tinha a dava, e ás vezes estando as taes pessoas fóra do reino em seu serviço lhe mandava cá fazer seus despachos, de que muitos se espantavam; e foi singular virtude, em

que todolos bons tinham muita esperança de seus serviços.

Este livro tenho eu em meu poder.

E assi tinha outro livro em segredo em que tinha escripto todolos homens actos, para d'elles se servir nas cousas para que eram, cada uns em seus titulos, uns para capitães de cousas grandes, e outros de outras somenos, outros para embaixadores, e assi para enviadeiros, e tambem para todolos carregos e cousas necessarias, de maneira que como havia necessidade de uma cousa, logo achava muitos homens nomeados para ella, e sem falar a alguem escolhia o que melhor lhe parecia, e assi era sempre muito bem servido, e muito prestes.

Tinha muito grande cuidado de prover as cousas de seus reinos antes de haver necessidade d'ellas, e tanto que na maior força das festas do casamento do Principe seu filho se faziam com mais diligencia as torres e cava de Olivença, e outras fortalezas do estremo. E agravando-se-lhe El-Rei de Castella d'isso por em tempo de tanta paz fazer cousas que pertenciam á guerra, com honesta e boa resposta não deixou de o fazer. E elle foi o primeiro que inventou e achou estando em Setuvel, em caravellas e navios pequenos trazer bombardas mui grossas.

Foi desenvolto e mui manhoso em todalas boas manhas que um Principe deve ter: e singular dançador em todalas danças, e muito bom cavalgador da gineta, e da brida, mui destro, muito braceiro e forçoso, tanto que cortava com uma espada tres e quatro tochas juntas de um golpe, que nunca achou quem o fizesse.

Folgava de montear, e de caçar com galgos, e com açores, e muito mais com caça d'altanaria, e tinha sempre muito bons monteiros e caçadores, e singulares aves e cães, e a seus tempos folgava nisso, e

tambem com muito bons librés e alãos, que sempre mandava lançar a touros; e assi trazia os melhores luctadores que se podiam achar, e muitas vezes via luctar, e havia fidalgos que o faziam muito bem, que elle n'isso favorecia, e tambem os fazia ocupar a correr e saltar, e lançar lança e barra, todalas cousas de desenvoltura, assi a pé como a cavallo, e a serem bons ginetarios, que todas estas cousas elle fazià muito bem em sua primeira edade, quando para isso havia tempo, e gabava tanto os homens que as faziam bem, que todos trabalhavam por terem boas manhas, e em seu tempo houve homens mui manhosos e que valiam muito por isso, e eram d'elle estimados. Folgava com concerto e limpeza, e suas cousas desejava que fossem melhores que todas, e qualquer homem que fazia alguma d'aventagem dos outros recolhia logo para si, e lhe fazia favor e mercê.

Vestia-se ricamente, e nunca se vestia de festa que o não dissesse primeiro a pessoas para se vestirem com elle, a que sempre para isso fazia mercês, e quando assi se vestia havia sempre muitos homens muito bem vestidos, aos quaes com os olhos e palavras dava muito contentamento, e sempre em os taes dias se vestia tambem a Rainha e as damas, e havia ahi serão de sala de danças e bailos, que ficava em festa. E n'estes dias, e assi em os domingos e dias santos cavalgava pela cidade, e muitas vezes com trombetas e atabales, charamellas e sacabuxas, e com muito estado andava as ruas principaes, de que o povo e todos recebiam muito contentamento, e lhe alimpavam com grande diligencia as ruas, e lançavam pannos ás janellas, e as mulheres postas nellas, e se via um homem honrado a sua porta, detinha-se com elle, e perguntava-lhe alguma cousa, de que os homens ficavam com grande contentamento, e ganhava

com isso os corações de seus povos. E sempre ia á carreira, e fazia correr todos os que o bem faziam, e elle corria as mais das vezes e o fazia com muita graça e desenvoltura, e era muito para folgar de vêr os singulares ginetarios e ginetes que então havia.

Comia muito e muito bem, com muito vagar e cerimonia, porém não mais de duas vezes por dia, e sempre a sua mesa havia boas praticas, e muitas vezes disputas de grandes letrados, theologos, e nos dias santos danças, instrumentos, menistrís e bailos de mouros e mouras vestidos de muitas sedas que para isso tinham, e o faziam tão bem, que era para folgar de vêr. E o serviço da mesa em tudo perfeito e abastado, e os officiaes escolhidos para isso limpos e muito bem dispostos.

E até edade de xxxv annos em que adoeceo nunca bebeo vinho, e d'ahi por diante com necessidade e requerimento de todolos fisicos o bebeo muito temperadamente; e era muito ceremonial, e as cousas de seu estado sempre quiz que lhe fizessem em todolos tempos com grande veneração. E sendo em suas camaras e retretes mui familiar, mui despejado e muito alegre, em publico era tão grave, que os mais chegados a elle lhe tinham maior acatamento, e era em suas palavras mui honesto, e porém tão claro que se tinha má vontade a alguem não lh'o havia de encubrir, e logo lh'o dava a entender, e nas cousas de castigo não dissimulava, nem deixava por sua vontade passar tempos, e havia por cousa baixa ter odio, e se com paixão o fazia, ou dizia alguma cousa era logo tão arrependido com satisfação, que dizia o Bispo de Vizeu D. Diogo Ortiz, que foi seu confessor, que era pecador, e singular penitente.

E sendo em Principe muito amigo de mulheres

depois que foi Rei, foi nisso tão temperado e casto, que se affirma nunca mais conhecer outra mulher senão a sua.

Foi mui catholico, e em grande maneira amigo de Deus e temente a Elle, e muito devoto da paixão de Nosso Senhor Jesu Christo, e da Sagrada Virgem Maria Nossa Senhora. E confessado por elle a hora de sua morte, que nunca em sua vida lhe pediram cousa a honra das cinco chagas que não fizesse. E todolos dias ouvia mui devotamente missa. E em quaesquer casas que estivesse tinha oratorio fechado, em que todalas noites depois de despejado e despedido se recolhia com muita devoção a rezar os sete Psalmos, e se encommendar a Deos, e afirmava-se que com os joelhos nus postos em terra; e muitas vezes tardava tanto que era muito trabalho aos que o guardavam, e isto todalas noites por ordenança, e pelas manhãs na cama, e á mesa rezava sempre as horas de Nossa Senhora, e outras muitas orações.

E em uma boeta de que elle tinha a chave se achou depois de sua morte um confessionario, e umas deciplinas, e um aspero celicio que muitas vezes trazia sobre a carne debaixo da camiza e vestiduras reaes. E para se os officios divinos fazerem em grande perfeição, e com muito acatamento, trazia sempre em sua capella riquissimos ornamentos, e muitos e bons capellães, e os melhores cantores que se podiam haver, e as suas missas em pontifical eram ditas com mais devoção, acatamento e cerimonias que em outra nenhuma parte. E nas Endoenças sempre dormia onde o Sacramento estava, e com dó e grande loba de capello. O qual dó dava sempre de esmola a algum cavalleiro pobre, e era boa esmola, que sempre tiraria vinte covados de contrai. E o lavar dos pés aos pobres, e todalas outras cerimonias fazia com tanto acatamento

e lagrimas, que aos bons religiosos dava singular exemplo, quanto mais aos seus familiares. E as festas eram d'elle com grande veneração celebradas, e sempre nellas se vestia ricamente, e com grande estado real guardava os antigos costumes dos Reis seus antecessores, convem a saber: no Natal consoadas, na Paschoa Resurreição. Dia de Corpus Christi procissão e touros. Bespora de S. João grandes fogueiras, e no dia canas reaes, e assi dia de S. Jorge fazia sempre festa por causa da garrotea que tinha, que elle muito prezava, e todas as outras festas do anno eram grandemente guardadas e cerimoniadas, e nellas muitos pontificais que depois se tiraram.

E elle foi o primeiro Rei que em sua capella fez ordenadamente rezar as horas canonicas como em egreja cathedral, e para se melhor poder fazer e com maior perfeição, deu-lhe rendas de que houvesse destribuições, e a pôs na ordem em que ora está, que é a melhor que Rei christão tem.

Fez christão El-Rei de Manicongo e a Rainha e Principe, com outra muita nobre gente.

Edificou a cidade de S. Jorge na Mina, e foi o primeiro que ordenou o descubrimento da India.

Venceu a batalha de Touro, e em seus reinos outros maiores perigos como esforçado Rei.

Ordenou e começou o Esprital de Lisboa da maneira em que está, que é o melhor que se sabe. E assi fez e ordenou outras muitas cousas de muito proveito e boa governança de seus reinos, em que mostrava o grande amor que a seus povos tinha, e bem conforme ao Pelicano que por divisa trazia.

Acabou sanctamente sua vida, e tanto que de muitos é havida por sancto, com esperança de milagres. E falleceo de doença mui comprida, em idade de quarenta annos e seis mezes, dos quaes os vinte e cinco

foi casado com a Rainha D. Lianor sua mulher, e reinou quatorze annos e dois mezes com tantas doenças, nojos, trabalhos, cuidados, e com tão pouco descanço, que nelle por suas singulares obras e muito grandes virtudes mereceu alcançar a gloria, que é para todo sempre.

LAUS DEO

# CHRONICA

## QUE TRATA DA VIDA

E

## Grandissimas virtudes e bondades, magnanimo esforço, excellentes costumes e manhas, e claros feitos, do christianissimo D. João o segundo d'este nome, e dos Reis de Portugal o decimo tercio, de gloriosa memomoria

EM NOME DE NOSSO SENHOR E REDEMPTOR JESU CHRISTO, COMEÇA-SE A VIDA DO EXCELLENTISSIMO PRINCIPE EL-REI D. JOÃO O SEGUNDO, DE GLORIOSA MEMORIA

## CAPITULO I

*De seu pae e sua mãe, e seu nascimento*

O muito alto e muito poderoso Principe El-Rei D. Affonso o quinto, de gloriosa memoria, foi casado com a serenissima e mui excellente Princesa a Rainha D. Isabel sua mulher, e sua prima com irmã, filha do mui excellente Infante D. Pedro seu tio. E estando El-Rei em Almeirim, vindo um dia da caça, foi assi de caminho a casa da Rainha, e teve com ella ajuntamento. A Rainha tinha em um annel uma esmeralda de muito preço que muito estimava, a qual por esquecimento não tirou do dedo, e se lhe quebrou em pedaços. E quando assi a vio, pesando-lhe muito, disse a El-Rei: Senhor, a minha esmeralda

com que tanto folgava, é quebrada; e elle lhe respondeu: Senhora, tomai-o em muito boa estreia, que prazerá a Nosso Senhor que agora concebereis um filho que estimareis mais que todalas esmeraldas do mundo; e dito por El-Rei n'aquella hora emprenhou do Principe D. João seu filho, que sobre todalas cousas muito estimaram, o qual pario na muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa, nos paços d'Alcaçova.

Nasceu aos tres dias do mez de Maio do anno de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e quatrocentos e cincoenta e cinco annos, de que El-Rei e a Rainha receberam grandissimo contentamento, e foi grande prazer em todo o reino, e fizeram-se muitas festas e alegrias.

## CAPITULO II

*De como o Principe foi baptisado e das grandes festas que se fizeram no dia do baptismo*

E aos onze dias do dito mez de Maio em um domingo foi o Principe baptisado na Sé de Lisboa com grande solemnidade. E dos paços até á Sé era tudo ricamente armado e toldado por cima de ricos pannos, e por baixo muito limpo e espadanado, e a Sé muito ornamentada, e todolos senhores e fidalgos, senhoras donas e damas iam a pé, e levavam muitas tochas apagadas, que á vinda vieram acesas.

E o muito excellente Infante D. Fernando irmão d'El-Rei, levava o Principe nos braços debaixo de um palio de rico brocado, e ia com elle o mui catholico e virtuosissimo Infante D. Anrique tio d'El-Rei, e a muito excellente Infanta D. Catherina irmã d'El-Rei, e a mui illustre senhora D. Felipa irmã da Rainha, e

a marqueza de Villa Viçosa, e outros muitos senhores e senhoras, e muita e mui nobre fidalguia.

E diante do Principe muitas trombetas, tambores, charamelas e sacabuxas, e outros muitos instrumentos, e muitos porteiros da maça, reis d'armas, porteiros móres, mestres salas, veador, e o mordomo-mór com todas cerimonias reaes.

Sairam da Sé a recebel-o com muito solemne procissão o Arcebispo de Braga e tres Bispos com muita e mui honrada clerezia, e o Arcebispo o baptisou.

O palio levavam estes senhores diante: o conde de Villa Real, D. Pedro de Menezes, e o Prior do Crato, D. Vasco de Tayde. E detraz o marquez de Villa Viçosa, e D. Fernando conde d'Arrayolos, seu filho maior. O saleiro levava D. Fernando de Menezes, e o gomil e o bacio dá offerta Lionel de Lima. Foram padrinhos o Infante e o Prior do Crato, e madrinhas a Infanta e a marqueza, e D. Beatriz de Vilhena.

E n'este dia houve sessenta senhores fidalgos vestidos de opas roçagantes de ricos brocados, e sessenta senhoras, donas e damas vestidas á franceza de ricos brocados, e houve muitos vestidos de ricas sedas, e fizeram-se muitas festas.

## CAPITULO III

### *Da criação do Principe*

Grandemente foi criado com muito grande cuidado, e tanto que teve entender lhe ordenou logo El-Rei seu pae pessoas virtuosas, prudentes e mui examinadas que d'elle tivessem cuidado, e que fossem taes de que podesse tomar boa doutri-

na, e lhe deu bons mestres que o ensinassem a lêr, rezar, e latim, e escrever, e assi moços bem ensinados para se criarem com elle e o servirem, tudo feito como tal pae ordenava, e tal filho merecia. De maneira que assi como crecia no corpo e edade, creciam nelle virtudes, bons costumes, bom ensino, boas manhas, em tanto crecimento, que sendo muito moço veio logo a ganhar tanta auctoridade com os povos, com os nobres, e com El-Rei seu pae, que não fazia conselho, nem cousa grande em que o não metesse, e tomasse seu parecer.

## CAPITULO IV

### *Do casamento do Principe*

PELA muito grande fama que por muitas partes corria das virtudes, saber, manhas e perfeições do Principe, El-Rei D. Anrique de Castella mandou muitas vezes cometer a El-Rei D. Affonso que casasse o Principe com a Princesa D. Joana sua filha.

El-Rei D. Affonso por querer muito grande bem ao Infante D. Fernando seu irmão, e por lhe fazer mercê por haver muito que lhe pedia, não quiz concertar nem fazer o casamento com a Princesa herdeira de Castella. E sendo o Principe de edade de xv annos o casou com a senhora D. Lianor d'Alemcrasto, filha maior do Infante, e prima com irmã do Principe, que foi da propria maneira que El-Rei seu pae casou. A qual Princesa era tão singular pessoa e de tão grandes virtudes e bondades, de tanta fermosura, manhas e gentileza, tão acabada e perfeita,

que parece que como ambos nasceram tão excellentes, logo Nosso Senhor ordenou que elle não podesse achar outra tal mulher, nem ella tão magnanimo marido.

E o dito casamento se fez e concertou no anno de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e quatrocentos e setenta annos. E antes de vir a despensação o Infante se finou em Setuvel a XVIII dias de Setembro de mil quatrocentos e setenta, e depois de sua morte veio a despensação, e o Principe recebeu a Princesa na dita villa de Setuvel a XXII dias de Janeiro de mil e quatrocentos e setenta e um sem festa alguma por causa da morte do Infante.

## CAPITULO V

*De como o principe foi com El-Rei seu pae na tomada d'Arzilla onde foi feito cavalleiro*

No anno logo seguinte de mil e quatrocentos e setenta e um, El-Rei D. Affonso determinou de ir tomar a villa d'Arzilla em Africa, e o Principe pediu tão apertadamente a El-Rei seu pae que o levasse comsigo que lh'o não pôde negar, e contra conselho de todos lh'o concedeu, não tendo outro filho. E porém El-Rei lhe aprouve d'isso, porque estimava tanto o Principe seu filho, e sua vista e conversação, que em todos seus prazeres e perigos o quiz sempre tomar por companheiro pelo que d'elle conhecia.

E quando lhe assi concedeu a ida o Principe lhe beijou por isso a mão, e lh'o teve tanto em mercê como se alguma grande lhe fizera, e concertado tudo

o que para tal ida cumpria (como em seu lugar é declarado) El-Rei e o Principe partiram da cidade de Lisboa dia de Nossa Senhora da Assumpção, a xv dias do mez d'Agosto, e aos vinte dias do dito mez chegaram a villa d'Arzilla, onde El-Rei e o Principe foram dos primeiros que tomaram terra, sendo tão perigosa a entrada, que se perdeu nella uma galé e muitos navios e bateis em que morreram dozentos homens, em que entraram oito fidalgos e muitos cavalleiros e escudeiros. E logo a dita villa por El-Rei e o Principe com esses que eram fóra, foi cercada e combatida até os vinte e quatro dias do dito mez d'Agosto, dia de S. Bartolameu pela manhã, que se tomou. Na qual entrada e combates o Principe o fez tão valentemente e como tão esforçado e ardido cavalleiro, que de todos foi grandemente louvado, e d'El-Rei seu pae muito mais que de ninguem, porque na força dos perigos, em que El-Rei se meteu e pelejou, achou sempre o Principe junto comsigo ferindo tão bravamente nos mouros, que dos grandes golpes que dava a espada andava toda torcida, e dos que feria e matava toda mui cheia de sangue. Em que ganhou muito grande louvor, sendo em idade de dezaseis annos. E na primeira cousa em que se vio, tão bem pelejada e de tanto perigo, mostrou logo a grandeza e esforço de seu coração.

E no mesmo dia depois do feito acabado com tanta honra sua, El-Rei seu pae com muito contentamento o fez cavalleiro dentro da mesquita, e junto do corpo do conde de Marialva que ahi jazia morto, e morrera como esforçado cavalleiro. E El-Rei pelo na morte honrar disse ao Principe:

«Filho, Deos vos faça tão bom cavalleiro como este que aqui jaz».

E no combate mataram os mouros o conde de Mon-

santo, e o conde de Marialva, e outras muitas pessoas. E dos mouros foram mortos dois mil, e captivos cinco mil almas, e tomado muito rico despojo, que foi avaliado em oitocentas mil dobras, e foi tudo de quem o tomou, que El-Rei fez escala franca.

## CAPITULO VI

### *Do que ao Principe aconteceu andando de noite só*

O PRINCIPE como homem mancebo que era, ainda que o esforço, saber, e os cuidados eram de muito maior edade que a sua: todavia não podia negar o que a natureza dá, e aquillo a que geralmente os mancebos são mais inclinados, e algumas horas ia de noite fóra secreto com uma ou duas pessoas a folgar em cousas de amores.

Aqueceu por duas vezes, uma indo com elle D. Diogo d'Almeida, Prior do Crato, e a outra D. Fernando Mascarenhas seu capitão dos ginetes e da guarda, pessoas de que elle sempre confiou muito e estimou, não sendo conhecido, saltarem com elle muitos homens armados em Lisboa, junto de Santa Justa, cuidando que saltavam com outrem, e por se não dar a conhecer jogaram as cutiladas com todos, e o fez tão valentemente, que foi muito falladó nisso, sem saberem quem eram, e feriu muitos até lhe fugirem.

E o Principe havendo muitas e grandes feridas nas armas, não houve nenhuma em seu corpo, por ir muito bem armado.

E porque alguns dos homens o fizeram muito bem como esforçados, e elle vio que iam feridos, ao outro dia teve logo maneira secretamente, e por todolos

surgiões soube os homens que naquella noite, e áquellas horas e lugar foram feridos, e sabido lhe mandou logo fazer mercês de dinheiro e cura-los muito bem, e como foram sãos os tomou por seus criados.

## CAPITULO VII

### *De como o Principe tomou sua mulher e casa*

No anno seguinte de mil e quatrocentos e setenta e dois annos tomou o Principe a Princesa sua mulher, e sua casa, e lhe foi dada em Beja, onde estava a senhora Infanta D. Beatriz sua sogra, que tudo lhe deu em muita perfeição, e d'ahi a poucos dias com sua casa ordenada, elle e a Princesa se foram á cidade de Evora.

## CAPITULO VIII

### *Do nascimento do Infante D. Affonso, filho do Principe, e do que El-Rei D. Affonso fez*

Estando o Principe em Arronches com El-Rei seu pae que d'ahi entrou logo em Castella, lhe veio recado como a Princesa parira o Infante D. Affonso seu filho, na cidade de Lisboa nos paços d'Alcaçova, aos xviii dias do mez de Maio de mil e quatrocentos e setenta e cinco annos. De que El-Rei e o Principe, e toda a côrte e o reino receberãm grande prazer, e se fizeram festas e muitas alegrias.

E porque El-Rei ia a casar a Castella, determinou

logo ahi e o deixou assi assentado, que sendo caso que elle houvesse filhos da Rainha, e o Principe falecesse primeiro que elle, que a socessão do reino ficasse ao Infante D. Affonso seu neto, e logo ahi o declarou por seu herdeiro: e deixou ordenado que o jurassem, como logo d'ahi a pouco com muita solemnidade todos juraram por herdeiro dos reinos de Portugal e dos Algarves.

## CAPITULO IX

### *De como o Principe ficou em Portugal com a governança do reino*

DA dita villa de Arronches entrou El-Rei em Castella com cinco mil e seiscentos homens de cavallo e quatorze mil de pé, e todos bem armados, afora a carruagem que era muita. E o Principe foi com elle fallando na maneira que havia de ter no regimento do reino e em outras muitas coisas até o logar de Pedra Boa.

E depois de todo concluido o Principe com devido acatamento se despediu d'El-Rei seu pae e se veiu a Portugal, onde logo teve muitos e grandes cuidados nas cousas da justiça, e muito maiores nas da guerra, em que muito teve que fazer, que por El-Rei seu pae ser em Castella e levar a principal gente de Portugal, assim elle recebia nos extremos do reino muitos rebates da gente dos contrarios, a que acudia com tanto esforço, saber, cuidado e diligencia, quanto um singular e ardido capitão de muitos annos acostumado na guerra o podia fazer, sendo elle mui mancebo; e não se contentava com tão pouca gente como tinha

defender os reinos, mas ainda com ella fazia muita guerra aos inimigos que em grande maneira o temiam. E assi teve tambem muito trabalho com os do reino, porque havia muitas coisas a que acudir, o que tudo fazia com tanto saber e bom esforço, e valentia, que mais não podia ser.

## CAPITULO X

### *De como o Principe tomou Ouguella*

Em este mesmo anno estando o Principe em Extremoz lhe veio nova como um capitão castelhano, que se chamava Galindo, tomara a villa d'Ouguella. E tanto que o soube a foi cercar com os que pôde ajuntar: e antes de a combater lh'a deram os castelhanos por concerto. E n'este cerco João da Silva que era camareiro-mór do Principe, e então capitão de sua gente, se topou de noite com o Galindo, capitão dos castelhanos, e vindo ambos diante de toda a gente, sem se conhecerem, se encontraram tão fortemente, que d'aquelle só encontro morreram ambos, sem outra alguma pessoa de ambas as batalhas morrer, senão só elles capitães. Do que o Principe foi muito enojado, porque tinha muito amor a João da Silva, e além de ser seu camareiro-mór e pessoa mui principal, era mui valente cavalleiro e muito bom capitão, que em tal tempo era para sentir sua morte, ainda que morresse em seu officio, e assi o Galindo era mui esforçado cavalleiro e muito bom capitão.

E logo ahi deu o Principe o officio de camareiro-mór a Ayres da Silva, fiiho do dito João da Silva,

e sendo Ayres da Silva bem moço começou logo de servir o dito officio inteiramente, e o mettia nos conselhos pelo fazer mais cedo homem, e ter mais auctoridade.

## CAPILULO XI

*De como o Principe partiu para Zamora a chamado d'El-Rei seu pae, e do caminho se tornau*

Estando El-Rei em Zamora, por as cousas que trazia entre mãos serem de mui grande peso e cumprirem muito a sua honra e seu estado, desejou muito vêr o Principe seu filho para com elle se aconselhar e consultar tudo, e escreveu-lhe com muito amor, que receberia mui grande prazer e contentamento em o logo querer ir vêr. E o Principe tanto que lhe a carta deram com muita obediencia e desejo de vêr El-Rei seu pae, logo cumprio.

E deixando tudo o que no reino cumpria para a guerra e para a paz muito bem ordenado, partio, e sendo já em Miranda do Doiro aforrado, para ahi vir gente d'El-Rei por elle, lhe chegou recado de seu pae que se tornasse por caso da traição da ponte de Zamora, o qual recado lhe trouxe o Chichorro, capitão dos ginetes d'El-Rei, que passou de noite o Doiro a nado armado a cavallo como valente cavalleiro que era, e da nova foi o Principe muito triste por não vêr o pae que muito desejava, e pela traição da ponte que El-Rei muito sentio, e foi muito grande perda, e houve rijos combates nos quaes mataram D. Tristão Coutinho, e derribaram da torre abaixo com uma viga a D. João de Souza, querendo-a entrar esforçadamente por uma escada, e foi levado como morto,

e assi mataram e feriram outras muitas pessoas, sendo ahi El-Rei em pessoa.

## CAPITULO XII

*De como o Principe determinou de ir em pessoa socorrer El-Rei seu pae e do que sobre isso fez*

Vendo o Principe a traição da ponte que assi foi feita a El-Rei seu pae, temendo outras que podiam sobrevir e lembrando-se da necessidade que o pae já tinha de gente e dinheiro, como verdadeiro e virtuoso filho, e muito prudente Principe e valente cavalleiro, determinou de logo socorrer a El-Rei em pessoa com a mais gente e mais dinheiro que podesse ajuntar, e ir com seu pae tomar parte de seus trabalhos, por cima de quantos elle cá no reino tinha: o que logo com muita diligencia e grande cuidado poz por obra. E mandou aperceber e apurar toda a gente que pôde, e todo o dinheiro que das rendas do reino se devia, e outro que andou ajuntando e pedindo emprestado a pessoas que o tinham. E porque lhe pareceu que não era tanto quanto cumpria, com muito recado e muita certeza de paga tomou a prata das egrejas e mosteiros: aquella que não era sagrada, que na sagrada se não bolio nem poz mão: a qual depois de ser Rei com muito cuidado pagou; e de todas estas cousas fez-se boa somma de dinheiro.

E por consentimento d'El-Rei seu pae deixou o regimento e governança do reino á Princeza D. Lianor sua mulher, e com ella deixou pessoas de muita auctoridade e letras, e bom conselho, com que nas cousas do reino se aconselhasse. E assi proveu as fron-

teiras de capitães, e as fortalezas de alcaides móres, gente e armas e todo o que mais cumpria.

E feito assi tudo, tendo já a gente prestes, partio da cidade da Guarda no mez de Janeiro de mil e quatrocentos e setenta e seis annos, e entrou em Castella pela villa de S. Felizes, a qual logo tomou por força por estar contra El-Rei seu pae, e a deixou por sua, e no combate houve alguns mortos e feridos.

E d'ahi foi ter junto com Ledesma, que sendo contraria, deu ao arraial por dinheiro mantimentos e provisões. E d'ahi por suas jornadas foi com sua gente tão concertada e em tanta ordem e regimento, que nunca ninguem ousou de o acometer; e chegou á cidade de Touro onde El-Rei seu pae e a Rainha, e toda sua gente estava: e foi recebido d'El-Rei com grandissimo amor e muitas lagrimas de prazer de uma parte e da outra, e assi da Rainha e de todolos portugueses com tanto contentamento que mais não podia ser, porque toda a esperança d'El-Rei D. Affonso e dos seus era só na vinda do Principe.

## CAPITULO XIII

### *De como o Principe venceu a batalha de Touro e ficou no campo sem lh'o ninguem contradizer*

Tanto que o Principe foi em Touro, por o grande favor que El-Rei seu pae e todos com sua vinda receberam, porque El-Rei D. Fernando tinha cercado o castello de Zamora, determinaram logo de irem cercar a cidade da outra parte da ponte, o que logo fizeram, e deixou El-Rei com a Rainha em Touro o duque de Bragança e o conde de Villa

Real com a gente que o cumpria. Nos quaes em uma ilha que faz o rio Doiro se ajuntaram para concerto de paz, da parte d'El-Rei D. Fernando o duque de Alva e o almirante, e da parte d'El-Rei D. Affonso o senhor D. Alvaro, e Ruy de Sousa, e tiveram muitas praticas, mas não fizeram concerto algum.

E El-Rei e o Principe por lhe fallecerem os mantimentos e lhe não poderem vir, e aquelle sitio ser doentio e a gente receber muito mau trato, determinaram alevantar o arraial e tornarem-se á cidade de Touro. O que supitamente fizeram em uma sexta feira, dois dias do mez de Março do anno de mil e quatrocentos e setenta e seis, em querendo amanhecer, com toda a diligencia e recado que se podia ter, porque tinham por certo que El-Rei D. Fernando por estar mais poderoso de gente e muito melhor tratada, como quer que o soubesse iria logo após elles, como foi com todo seu poder.

E indo El-Rei e o Principe já duas leguas da cidade de Zamora, vindo a gente d'El-Rei D. Fernando já muito cerca da d'El-Rei, sendo a de Castella muito mais que a de Portugal, por ser já muita chegada a Touro, e assi ficar com a Rainha muita, o Principe como tão esforçado e valente cavalleiro que era, determinou esperar El-Rei D. Fernando e dar-lhe batalha. E mandou logo recado a El-Rei seu pae que era diante por o caminho a ter e fazer tornar a gente, que com receio apressuradamente se acolhia á cidade. O qual muito ledo e contente d'isso, como mui valente e esforçado tornou logo atraz e com o Principe ordenou de darem batalha, e se pozeram logo em ordem de a dar no campo junto com Touro. Sendo já El-Rei D. Fernando tão cerca, que não podiam ordenar sua gente, que era bem pouca em respeito da dos castelhanos, e com tudo com muita pressa a ordena-

ram em duas batalhas. A primeira e maior a d'El-Rei com sua bandeira real da parte d'onde estava a maior batalha d'El-Rei D. Fernando com sua bandeira sem elle estar nella. E a segunda batalha de menos gente foi a do Principe, porém era gente corteză e mui escolhida, e com sua bandeira se poz a outra parte defronte d'onde estavam duas muito grandes batalhas de gente d'El-Rei D. Fernando. E vendo o Principe como as batalhas contrarias eram duas, ordenou sua gente tambem em duas batalhas, e apartou de si com os de sua guarda o capitão Fernão Martins de Mascarenhas, e por não ter tanta gente como cumpria encommendou a Gonçalo Vaz de Castel Branco, e a Ruy de Sousa que com sua gente que era muita e muito boa, se ajuntasse, como logo ajuntaram com Fernão Martins, e por entre elles não haver deferença sobre a capitania, mandou lá a D. Pedro de Menezes, que depois foi conde de Cantanheda, e todos juntos fizeram uma boa batalha.

E estando assi as batalhas ordenadas de uma parte e da outra para encontrar, sendo já quasi sol posto, El-Rei mandou dizer ao Principe que lhe mandava a benção de Deos e a sua, e que com ella desse logo rijamente nos contrairos: o qual por lhe obedecer e cumprir o que tanto desejava, depois de feito sinal pelas trombetas, elle com todos os seus com grandissimo esforço e animo como singular capitão, bradando todos pelo nome de S. Jorge, com grande força e impeto deu tão bravamente nas batalhas contrairas, que sendo muito mais gente não poderam soffrer nem resistir os grandes e asperos encontros, e sem muita detença foram logo ambas desbaratadas e postas em fugida com muito damno feito n'ellas.

E era alferes do Principe que levava a bandeira, Lourenço de Faria, homem fidalgo e esforçado, que

neste dia e em outros o fez como muito bom cavalleiro, e o Principe por tal o teve sempre. E assi como o Principe desbaratou estas duas grandes batalhas, assi a batalha grande d'El-Rei D. Fernando desbaratou a d'El-Rei D. Affonso, porque vinha em ella muita e mui grossa gente de armas, e muitos acubertados, e grande somma de espingardeiros que fizeram grande damno aos cavallos.

E sendo assi a batalha desbaratada, e El-Rei D. Affonso vendo-se assi desbaratado, parecendo-lhe que assi o seria a batalha do Principe, pois tinha muito menos gente que a sua, da qual não tinha vista nem recado, achando-se da outra parte com muito poucos: por salvar sua vida se recolheu com muito perigo a Crasto Nunho, já muito noite e bem só, onde o alcaide Pero de Mendanha como bom e leal cavalleiro o recolheu, e fez nisso grandes finezas e lealdades, assim elle como sua mulher, e o serviram muito bem e deram muitos confortos. E El-Rei se foi là, porque a gente dos contrairos era tanta entre a cidade de Touro e elle, que não podia já lá ir. E toda aquella noite esteve com grande tristeza, por não saber novas do Principe, parecendo-lhe que podia ser morto ou ferido.

E El-Rei D. Fernando, que sem pelejar estava atrás em uma pequena batalha posto em um alto, vendo o desbarato que o Principe fez nas primeiras duas batalhas sendo de muito mais gente que a sua; e vendo a sua batalha grande toda revolta, sem poder bem determinar o que nella ia, parecendo-lhe tambem que era tudo desbaratado, desemparou tudo, e com esses com que estava se acolheu logo a Zamora. E o Principe como prudente capitão vendo a grande victoria que Deos lhe dera, e a boa ventura d'aquella hora, quiz mais segurar a honra de tamanho vencimento,

que seguir mais o alcanço. E com muito grande animo e recado recolheu assi sua bandeira e a bandeira real d'El-Rei seu pai, a qual lhe trouxe um escudeiro que se chamava Gonçalo Perez, criado de Gonçalo Vaz Pinto, que por força como homem esforçado a tomou a um Souto Maior, castelhano, que a levava, e o prendeo, a qual bandeira nunca poderam tomar das mãos de Duarte d'Almeida, alferes, sem lh'as primeiro deceparem e darem outras muitas feridas no rosto e no corpo, até o deixarem por morto, e viveu, e fez alli como valente e mui esforçado cavalleiro.

E assi recolheo muita gente que pelo campo era espalhada, e fez corpo e com muita segurança e socego e grandissimo esforço e recado esteve no campo a maior parte da noite sem nunca mover atrás, e estava junto d'elle muita mais gente d'El-Rei D. Fernando que a sua, a qual pelo tão valentemente verem pelejar, e vendo a segurança e socego com que estava, nunca ousou de o cometter, estando tão cerca uns dos outros que se ouviam o que fallavam. E como a noite escureceu se foram todos e o Principe ficou só no campo, triumphando do tamanho vencimento e fazendo recolher os feridos e mortos, como piedoso capitão esteve assim quedo.

E com quanta razão tinha de estar mui alegre por tamanha honra como tinha ganhada, estava em estremo triste sem o dar a entender, por não saber novas d'El-Rei seu pae, que sobre tudo desejava saber.

E algumas pessoas principaes de sua batalha, e outras muitas com o grande alvoroço do vencimento seguiram tanto o alcanço dos contrarios, que deram na forçada gente, onde foram alguns mortos e captivos.

E a gente da batalha d'El-Rei D. Affonso que pelo

campo andava perdida, ouvindo as trombetas e tambores do Principe, e vendo as fogueiras que no campo mandou fazer, se recolheo toda a elle, com que fez uma muito grossa batalha, com que aquella noite ficou pacifico senhor do campo, no qual não ficou nenhum dos Reis, cuja a causa era.

E alli D. Vasco Coutinho, que depois foi conde de Borba, prendeo a D. Anrique, conde de Alva de Lista, pessoa mui principal que vinha a conhecer a batalha do Principe. E trazendo-o assi preso o Principe andava correndo e cerrando sua gente, e foi dar com elles, e deu com o couto da lança ao conde passo, e disse a D. Vasco:

«Tende-o bem, não se vá como o conde de Venavente».

E em passando lembrou-lhe que era tio d'El-Rei D. Fernando, e tornou rijo, e pediu-lhe que lhe perdoasse por lhe tocar com a lança, e o conde lhe respondeo:

«Ah! senhor, não vos dê d'isso, que já me não podeis tirar sessenta annos, e ser em tres batalhas campaes: nem se póde tirar a Vossa Alteza faze-lo hoje melhor, do que ha muitos annos que Principe christão o fez».

E o conde foi trazido preso a Portugal, onde lhe foi feita muita honra por ser pessoa de grã valia, e depois foi solto e livre tornado a Castella. E depois do Principe estar assi muita parte da noite no campo, e vêr como os contrairos todos eram fugidos, e d'elles não haver nem parecer pessoa alguma, e já não ficar cousa que fazer, determinou estar no campo tres dias sem se partir d'elle, e foi aconselhado pelo Arcebispo de Toledo, e outros senhores, que pois a gente dos contrairos era já toda fugida, abastava cumprir com estar tres horas, e para isso como sabedor na guerra,

e nas letras, deu ao Principe taes razões que tomou seu conselho.

E por muito máo trato que a gente tinha recebido, e por muitos feridos que havia, e tambem por lh'o pedirem o Arcebispo de Toledo, e outros senhores que ahi com elle eram, se foi com grande triumpho e vagar, com suas bandeiras tendidas, e trombetas, e atabales á cidade de Touro, onde entrou e esteve com muita tristeza até o outro dia, que soube novas d'El-Rei seu pae, de que ficou muito ledo, e logo lhe mandou muita gente com que veio a Touro onde a Rainha e o Principe estavam.

N'esta batalha, e assi na tomada de Arzilla, e em outras partes, não falo em muitas pessoas, nem nos esforçados feitos que fizeram por pertencer á Chronica d'El-Rei D. Affonso, que até aqui não digo senão o que toca ao Principe; que se a mi pertencera, homens e feitos havia de que fallar, muito dignos de memoria, que bem folgara de escrever.

## CAPITULO XIV

*De como o Principe por mandado d'El-Rei seu pae se veio a Portugal, e das palavras que um dia disse á mesa*

Depois d'isso assi passado logo por El-Rei foi determinado que o Principe se viesse a Portugal, e depois de nisso se tomar conclusão o Principe fez muitas honras e muitas mercês aos que na batalha o serviram como bons cavalleiros, e mandou dar mercês de dinheiro aos feridos, e proveu alguns que da batalha d'El-Rei seu pae foram captivos, e des-

pedido d'El-Rei com muito grande saudade, e assi da Rainha, partio da cidade de Touro na semana maior e veiu ter a Pascoa a Miranda do Doiro, e de Miranda onde a Princesa sua mulher estava, e d'ahi a poucos dias disse alto e publicamente estando comendo á mesa estas palavras:

«Mui necessaria cousa me foi vestir as armas para conhecer os homens a que devo de fazer mercê». Palavras certo dignas de memoria.

## CAPITULO XV

### *De outras cousas que no reino se seguiram andando El-Rei seu pae em França*

EL-REI D. Affonso havendo já vindo de Castella, e partindo de Lisboa para França, o Principe se veiu logo á cidade de Evora, e d'ahi andava pela comarca dentre Tejo e Odiana d'onde fazia a guerra a Castella, em que fez muitas entradas com muito damno aos contrairos. E porque quando elle estava em Touro com El-Rei seu pae, D. Alonso de Monroy, que então era mestre d'Alcantara, e da parte d'El-Rei D. Fernando, tomou a villa de Allegrete por manha, e estava n'ella forte e mui bem bastecido, o Principe com seu muito grande esforço o mez de Fevereiro de mil e quatrocentos e setenta e sete a foi cercar, e mandou tão rijamente combater, que por partido lh'a deram, e lhe foi entregue com muita sua honra e louvor, e porém com mortes e damnos d'ambalas partes.

## CAPITULO XVI

***De como o Principe tomou Allegrete, e como fez tornar o Mestre de Sanctiago, que com duas mil lanças vinha correr a Evora***

Isto assim acabado estando o Principe em Elvas com sua gente, veiu a Evora aforrado, e no dia que chegou lhe deram nova como o Mestre de Sanctiago de Castella com duas mil lanças era entrado e estava pousado na ribeira do Digebe com tenção de a outro dia pela manhã cedo vir correr as portas de Evora, sem saber que elle ahi estava.

O Principe quando lhe o recado deram ficou muito triste e agastado por não haver em Evora mais de trezentas lanças que ahi estavam com o Bispo D. Garcia, e não era gente para poder resistir ao Mestre vir á cidade, o que elle muito sentia por se acertar a isto, e parecia-lhe que recebia nisso muita offensa. E como muito prudente capitão com manha o quiz remediar, pois com força não podia. E logo á noite mandou Diogo da Silva de Menezes, que depois foi conde de Portalegre, e D. João de Sousa, mui valentes cavalleiros, e pessoas de que muito confiava, e com elles trinta de cavallo, onde o Mestre estava pousado com todo seu arraial na dita ribeira, e de um outeiro que sobre a ribeira estava, bradaram alto, até que da tenda do Mestre acudiram, e D. João disse:

— «Dize ao senhor Mestre que estão aqui Diogo da Silva e D. João de Sousa com um recado do Principe para sua senhoria».

Sahiu o Mestre á porta da tenda, e perguntou o que queriam, e D. João lhe disse:

— «Senhor, o Principe nosso Senhor manda dizer a vossa Senhoria por nós que elle chegou hoje á cidade de Evora, e soube como vossa Senhoria aqui estava com tenção de pela manhã ir dar uma vista á cidade, e que elle por amor de vós, e desejar de vos vêr, vos quer tirar d'este trabalho, que vos agradecerá muito quererdes-lhe esperar aqui, que elle pela manhã será com vossa Senhoria.»

O Mestre lhe respondeu:

— «Dizei senhores a Sua Alteza, que eu lhe beijo as mãos, e que não sabia como elle ahi estava, e que agora que o sei me parece mais razão ir eu lá para o servir, que Sua Alteza vir cá, e que pela manhã prazendo a Deus serei com elle.»

E com muita cortezia de ambalas partas se despediram D. João e Diogo da Silva, e vieram ao Principe já depois da meia noite, o qual não acharam dormindo, mas armado a cavallo e com todos andando pela cidade a buscar os homens por suas casas, que sabendo o poder do Mestre de má vontade queriam sahir. E com o recado folgou muito, e mandou logo o Bispo D. Garcia com trezentos de cavallo caminho d'onde o Mestre estava: e lá em lugar para isso aparelhado andaram toda a parte da noite trilhando todos a terra tanto, que parecia trilhada mais de tres mil de cavallo, e em querendo amanhecêr se puzeram em lugar onde não podessem haver vista d'elles.

E o Mestre ante-manhã levantou-se, e posta sua gente em ordem, mandou tornar sua carruagem por onde viera: e elle com dois mil de cavallo começou de andar caminho da cidade: indo assim com tenção de chegar até ás portas foram dar na trilha da gente, de que ficaram muito espantados. E quando a viram tamanha, foi em todos tamanho receio, que log

tornaram atrás, e com muita pressa e temor partiram caminho de Castella fugindo, sem verem de que fugiam.

E passando pelo porto de Mourão, sahiu a vel-os D. Diogo de Castro que ahi estava com cento e cincoenta lanças: e em o Mestre passando por um porto mui apressado, disse Ruy Casco a D. Diogo: senhor demos n'aquella gente, porque vae desbaratada, que ouço ir traquejando umas lanças com as outras, como homens cortados de medo.

O que D. Diogo logo fez, e deu rijamente na trazeira do Mestre, que já era passado adiante, e desbaratou-os, e captivou mais de cento de cavallo, sem haver homem que voltasse atráz pelo grande medo que levavam.

O Principe quando soube que o Mestre assi se tornara, foi muito alegre e muito contente pelo assi fazer ir, e por se vêr fóra de tamanha vergonha como para elle fôra vir correr as portas d'Evora. E quando lhe deram o recado do desbarate que D. Diogo na gente do Mestre fizera, folgou muito, e a Ruy Casco pelo conselho que deu a D. Diogo que desse nelles, fez mercê de cincoenta mil reaes de tença.

Em este mesmo tempo e anno houve o Principe de Pero Pantoja, que lh'as deu, as fortalezas de Zaguala e Pedra Boa, do mestrado de Alcantara, em que logo poz seus alcaides e capitães, e por ellas lhe deu em Portugal a villa de Santiago de Cacem. As quaes fortalezas de Zaguala e Pedra Boa com outras rendas n'estes reinos deu o Principe ao dito Mestre D. Affonso de Monroi, porque servisse a El-Rei D. Affonso seu pae como na guerra bem e fielmente como esforçado cavalleiro sempre serviu até se fazerem as pazes.

E assi houve o Principe de Martim de Sepulveda,

fidalgo castelhano, a fortaleza de Noudalan, que estava e era tomada dos castelhanos. E lhe fez por isso em Portugal mercê de que elle foi muito contente e satisfeito.

E n'este mesmo tempo fez o Principe côrtes na villa de Montemór-o-Novo, onde pelos povos para estas necessidades da guerra lhe foi feito serviço de dinheiro.

## CAPITULO XVII

*De como El-Rei D. Affonso estando em França se apartou dos seus com tenção de se ir a Jerusalem, e do que nisso se passou, e como o Principe foi alçado por Rei*

El-rei D. Affonso vendo como a fortuna em todos estes tempos lhe era muito contraira, e lhe corria de rosto, e não contente de seus trabalhos e fadigas, ainda por maior desaventura por sua causa fôra morto o duque de Borgonha seu primo, que elle muito em extremo sentiu, por ser tão excellente Principe, e morrer com todos os seus tão cruamente; e vendo que tudo o que um esforçado e valente Rei podia fazer elle o tinha feito em Portugal e Castella, Africa, França, e outras partes, e tudo se lhe ia através; parecendo-lhe que isto vinha por Deos, ou por seus peccados, determinou de deixar o mundo, e se ir a Jerusalem meter-se em religião, e com toda a dissimulação que pôde o poz por obra. E aos vinte e quatro dias do mez de Setembro do anno de mil e quatrocentos e setenta e sete, um dia ante manhã com um capelão e dois moços da camara e dois moços d'estribeira se partiu mui secretamente.

E do caminho mandou um dos moços d'esporas, avisado que não o dissesse por onde ia, com uma chave de uma sua boeta, e mandando que se abrisse como logo abriram e acharam n'ella certas cartas, e uma instrucção do que mandava que fizessem, tudo escripto por sua mão.

Uma das cartas era para El-Rei de França, em que lhe encomendava muito o amparo e favor, e ajuda dos seus, se lhe fosse necessario, e dando-lhe conta de sua determinação. E outra para o Principe seu filho, em que com palavras de muita tristeza e sentimento lhe dava uma muito triste conta de sua viagem, e desconfortada tenção, e das tristes causas que a isso o movera. Encomendando-lhe muito, e mandando-lhe por sua benção que tanto que lhe a carta dessem logo se levantasse por Rei, e outra carta para todos os do reino em que lhe mandava que como a proprio e verdadeiro Rei lhe obedecessem. As quaes cartas o conde de Farão a que elle na instrução mandou que todos obedecessem e cumprissem seus mandados até tornarem a Portugal, deu a Antão de Faria, seu camareiro e guarda roupa do Principe, que ao tal tempo lá era a visitar El-Rei. Com as quaes Antão de Faria logo partiu, e com pressa veio ao Principe, que como singular e virtuoso, e verdadeiro filho, com muitas lagrimas e grandes soluços as leu, e assi com muita tristeza de todos os que presentes eram e de todo o reino.

E em cumprimento do mandado d'El-Rei seu pae o Principe foi alçado por El-Rei com sua solemnidade em Santarem nos alpendres de S. Francisco, aos dez dias do mez de Novembro de mil e quatrocentos e setenta e sete annos, e não com poucas lagrimas suas e dos que com elle eram. Sendo presentes o duque de Bragança e o marquez de Montemór seu ir-

mão, o Arcebispo de Lisboa, o Bispo de Evora D. Garcia, o Bispo de Coimbra e o Bispo de Vizeu, o conde de Villa Real, o conde de Penella, o conde de Monsanto, e outros senhores e pessoas mui principaes.

## CAPITULO XVIII

*De como El-Rei D. Affonso foi achado e tarnado a seus reinos, e da grã obediencia e mui singular virtude que o Principe fez*

TANTO que foi sabido que El-Rei D. Affonso era partido se poz tanta diligencia pelos francezes para se buscar, que não ficaram caminhos, estradas, nem atalhos por onde muita gente não fosse em sua busca. E assi todos os portugueses com tanta tristeza, tanta dôr, tanto desamparo, quanto bons e verdadeiros criados e vassallos por tão excellente e tão virtuoso Rei, de quem tantas mercês e tantas honras tinham recebidas podiam ter, todos espalhados por todalas partes com tanto desejo de o acharem para com elle irem e o servirem até morte, quanta era a desconsolação de suas almas.

E tanta gente foi após elle por todolos caminhos, que houveram nova por onde ia, e d'ahi a dois dias foi achado por um fidalgo francez, que com muito acatamento o servio e deteve até que os senhores e fidalgos portugueses chegaram a elle. E com muito trabalho o poderam tirar de seu proposito, e porém como virtuoso e piedoso Rei lhe aprouve de fazer o que com tantas lagrimas e mui piedosas palavras lhe pediam, que era tornar-se a seus reinos, e não nos deixar tão perdidos, tão tristes e desemparados em

reinos e terras estranhas. E logo com todos se tornou, e por não vir a Nafrol d'onde partia, foi a embarcar a uma angra do mar, que chamam a Oga, em uma grande carraca, e a outra gente em naos, que para isso tinham prestes, e assi partio logo para seus reinos.

E vindo no mar foi aconselhado d'algumas pessoas principaes que fosse desembarcar a algumas das cidades que tinha em Africa, e não em Portugal, porque seu filho por já ser Rei não lhe havia de obedecer nem consentir que mandasse nada, e El-Rei lhes respondeu:

«Prouvesse a Deus que tanta mercê me fizesse que fosse eu governado e mandado por meu filho».

Veio El-Rei ter a Cascaes, onde soube que o Principe seu filho era levantado por Rei, e ao outro dia foi desembarcar a Oeiras.

E no mesmo dia veio o Principe ter com elle, que assi como lhe deram a nova, sem mais esperar hora nem ponto partio e veio com muito grande pressa até chegar ao pae, e em o vendo com grandissimo prazer, alegria, e lagrimas, com muito grande acatamento, e os joelhos ém terra lhe beijou a mão. E com palavras de Principe tão prudente e virtuoso, e filho tão obediente como era, renunciou logo de si nas mãos d'El-Rei seu pae o titulo de Rei, que por seu mandado tinha tomado. De que El-Rei e todos os que com elle vinham ficaram mui contentes e mui alegres, porque entre elles houve alguns que duvidavam do Principe fazer tamanha bondade, e El-Rei com muito contentamento e muitas palavras de amor, e razões mui evidentes que para isso ao filho alegou, quizera, e apertadamente lhe cometeu, e rogou, que pois por seu mandado era alçado por Rei, não deixasse de o ser, e ficasse Rei de Portugal, que elle se contentara

com ficar Rei dos Algarves, e nos lugares d'além ir acabar sua vida, fazendo guerra aos infieis por serviço de Deos.

E o Principe pelo grande amor e acatamento que lhe tinha, e por suas muito grandes virtudes nunca o quiz acceitar: dizendo que nunca Deos quizesse que em sua vida houvesse outro Rei senão elle.

E apertando El-Rei todavia muito nisso, e por muitas vezes, o Principe lhe pedio muito por mercê que tal lhe não mandasse, porque em nenhuma maneira o havia de fazer, ainda que n'isso lhe fosse desobediente, e que soubesse certo que muito mais estimava ser seu filho, que ser Rei de muitos reinos. De maneira que logo El-Rei D. Affonso ficou como d'antes era, e o Principe no mesmo dia se tornou a chamar Principe, de que foi de todos em estremo muito louvado, e foi grandissima virtude.

Aos senhores e fidalgos que com El-Rei seu pae vinham fez muita honra e gasalhado, e assi recebeu todos os mais com muito amor. E d'ahi se foram El-Rei e elle á cidade de Lisboa, onde com muitos prazeres e mui grandes alegrias foram recebidos, e assi foi mui grande prazer em todo o reino.

## CAPITULO XIX

### *Do que o Principe passou em Almeirim com o Cardeal*

O Principe nunca foi contente das cousas do Cardeal de Portugal D. Jorge da Costa, nem lhe parecia bem a muita honra que El-Rei seu pae lhe fazia mais do que era razão, com que o Cardeal se mostrava rijo, e fazia algumas cousas mais

solto do que devia: de que o Principe tinha desprazer por El-Rei lh'as consentir. E estando El-Rei em Almeirim, andando passeando no campo, o Principe se apartou com o Cardeal a cavallo, e foram passeando caminho de Santarem, e á ponte d'Alpiarça o Principe mandou ficar todos, e só com o Cardeal e os moços d'estribeira adiante afastados, passou a ponte d'Alpiarça. E foi reprehendendo muito o Cardeal com palavras asperas e feias, estranhando-lhe as cousas que fazia, e o Cardeal dando-lhe muitas desculpas, o Principe lh'as não recebia, e lhe disse:

«Para que é nada, senão a um Cardeal tão mal ensinado, desagradecido e de mà condição manda-lo tomar pcr quatro moços d'esporas, e afoga-lo em um rio, e dizer que cahiu e se afogou por desastre».

E isto indo-se chegando ao Tejo, de que o Cardeal houve tamanho medo que verdadeiramente cuidou que o Principe o levava para o mandar matar. E d'ahi por diante se emmendou e o temeo tanto, que logo determinou sua ida para Roma, e se foi, e lá contou a muitas pessoas que nunca táo grão medo houvera, e que aquella hora se dera por morto.

## CAPITULO XX

### *De como Lopo Vaz, o Torrão, se levantou com a villa de Moura, e do que o Principe sobre isso fez*

Depois d'El-Rei D. Affonso ter vindo de França no anno de setenta e oito, durando ainda as guerras de Castella, Lopo Vaz de Castello Branco a que chamavam o Torrão, sendo alcaide-mór da villa de Moura, sem causa alguma se alevantou com

a dita villa e fortaleza por El-Rei de Castella, contra El-Rei D. Affonso que o criara, e chamou-se conde de Moura. E depois por ser muito estranhado de seus parentes, homens principaes e leaes que no reino havia, e aconselhado e requerido d'elles se tornou a levantar por Portugal, e desistio do titulo de conde, que endevidamente tomara, porém com promessas d'El-Rei D. Affonso. De que o Principe houve muito desprazer, e nunca nisso cousentiu: antes disse a El-Rei seu pai, que pois queria fazer mercê aos que contra elle se alevantavam, que faria aos que o muito bem servissem. E porque o Principe sentio muito o dito Lopo Vaz se alevantar assi sem causa, e não fiar d'elle, por escusar de o poder fazer outra vez determinou de o mandar matar. E teve maneira que estando o dito Lopo Vaz em Moura bem receoso e guardado d'elle, por certos cavalleiros que manhosamente lá mandou, dizendo que iam fugidos, o mandou matar, e o mataram no campo indo com elles á caça.

E tanto que o Principe o soube acudio logo em pessoa, e toda a côrte após elle, e segurou a villa e fortaleza, e entregou-a á Infanta D. Beatriz sua sogra, e mãe do duque D. Diogo, cuja era a villa e fortaleza. O que o Principe assi fez por se outros individamente e sem causa se não levantarem.

E os cavalleiros que o assim mataram eram João Palha, Mem Palha, Pero Palha, e Brás Palha, irmãos, e Ruy Gil e Diogo Gil Magro, irmãos, e todos primos, aos quaes o Principe fez boas mercês.

## CAPITULO XXI

### *Do que o Principe fez sobre as terçarias*

Depois das pazes feitas por El-Rei D. Affonso e El-Rei de Castella, no fim do anno de mil e quatrocentos e oitenta, por assi estar assentado nas capitulações d'ellas, o Principe estando em Beja com a Princesa, e sua casa, mandou entregar o Infante D. Affonso seu filho á Infanta D. Beatriz sua sogra, que já estava em Moura, para o ahi ter em terçaria, o qual Infante foi grandemente acompanhado dos principaes senhores do reino, e despedido do Principe seu pai, e da Princesa sua mãi com muitas lagrimas, e grandissima saudade, foi levado e entregue á senhora Infanta sua avó. E logo veiu de Castella a Infanta D. Isabel filha maior d'El-Rei D. Fernando e da Rainha D. Isabel, e com ella o mestre de Santiago, e outros muitos senhores, e mui nobre companhia.

E antes de entregarem a senhora Infanta vieram embaixadores á Infanta D. Beatriz além dos que já com ella estavam. Os quaes embaixadores apontaram de novo tantas e grandes duvidas e condições para dilatarem a entrega da Infanta D. Isabel, que foi necessario irem muitas vezes recados ao Principe, que estava em Beja, do que queria e mandava que se fizesse, porque todo o caso dependia sobre elle. E o Principe agastado de suas importunações e delongas, parecendo-lhe que não queriam cumprir o que era determinado e assentado nas capitulações das pazes, presumindo que isto poderia d'outrem vir, mandou aos embaixadores dois escriptos com duas sós palavras escriptas de sua mão, e em um dizia paz, e no outro

guerra. E mandou que no conselho onde os de um reino e do outro cada dia se juntavam fossem os ditos escriptos perante todos dados aos ditos embaixadores, e que logo em nome dos Reis seus senhores escolhessem um d'elles qual quizessem. E que se tomassem o da guerra, que d'ella seria mais contente por ser uma guerra, que de paz que tantas guerras lhe dava; que se quizessem o da paz que d'ella tambem lhe prazeria: sem mais emnovações das que já concluidas eram, e que para isso logo trouxessem e entregassem a Infanta. Os quaes dois escriptos do Principe com sua tão clara determinação tiveram no conselho tanto poder e auctoridade, que os embaixadores todos sem mais duvidas nem delongas se conformaram todos e acordaram a entrega da senhora Infanta, que logo entregaram. E foi entregue á Infanta D. Beatriz aos onze dias do mez de Janeiro de mil quatrocentos e oitenta e um annos.

E a Infanta D. Izabel foi solemnemente recebida, e ficaram ella e o Infante D. Affonso nas ditas terçarias, e os senhores e embaixadores foram logo despedidos. E a Infanta D. Beatriz como foi entregue da Infanta D. Izabel, entregou o senhor D. Manoel seu filho para lá andar emquanto não fosse o duque D. Diogo como era ordenado, porque ao tal tempo estava doente. E os senhores o receberam e levarãm com muita honra. E ia com mui honrada casa e concerto, e muitos fidalgos honrados, tudo ordenado pelo Principe.

## CAPITULO XXII

*Da morte d'El-Rei D. Affonso e de como o Principe foi alçado por Rei*

Depois do Infante D. Affonso assi estar em terçarias na villa de Moura em poder da Infanta D. Beatriz sua avó, como dito é, o Principe e a Princeza pelo grandissimo bem que ao Infante queriam por ser tão excellente creatura e não terem outro filho nem filha, pelo grande receio que tinham da sua saude, por a villa de Moura ser muito doentia nos verãos, ficaram em Beja para d'ahi cada dia saberem novas do filho que em extremo muito amavam.

E no mesmo anno de mil e quatrocentos e oitenta e um, no mez d'Agosto, veiu recado ao Principe que El-Rei seu pae estava na villa de Cintra muito doente de febres, e tanto que lhe deram a nova partio logo a grande pressa, e o foi vêr. E havendo muito poucos dias que El-Rei era doente foram as febres tão rijas, que quando o Principe chegou a elle o achou já de maneira que todolos fisicos desconfiavam de sua saude.

Beijou a mão a El-Rei seu pae com muito acatamento, e El-Rei foi mui ledo com a vinda e vista do Principe, por que em todas suas fortunas elle só foi sempre o principal conforto e remedio d'ellas, e o que El-Rei em todos os tempos sobre todos mais estimou. E naquelle tempo que era de tamanha necessidade, tanta tristeza e desconsolação, ficou mui consolado com elle. E o Principe como prudente e mui virtuoso filho, tanto que dos fisicos soube que a vida d'El-Rei

seu pai não tinha remedio algum, lh'o quiz buscar para salvação de sua alma: e lhe lembrou logo com palavras de muito amor e esforço, com grande prudencia e segurança, as cousas que lhe pareceram necessarias para descargo de sua consciencia e bem de sua alma. As quaes El-Rei tomou d'elle com grande amor e muita paciencia, dando muitas graças a Deos por o livrar de tantos perigos, como tinha livre, e o deixar morrer em seus reinos, e em sua casa e sua cama, com conhecimento de sua morte, e conformando-se com sua vontade e o que mais fosse servido, fez logo tudo o que cumpria com seu testamento feito e muito bem ordenado: confessado, commungado e ungido com muita devoção e arrependimento de seus peccados como catholico e virtuoso Rei, perante o Principe seu filho deu a alma a Deos, e se finou na dita villa de Cintra em a mesma casa e logar onde nasceo, aos XXIII dias d'Agosto do dito anno de mil e quatrocentos e oitenta e um, em edade de quarenta e nove annos, dos quaes reinou os quarenta e tres.

Foi o Principe por sua morte mui enojado e assi todos os que presentes eram, e todo o reino, porque El-Rei era mui bemquisto e mui amado de todos.

Foi logo o corpo d'El-Rei com muita solemnidade e muito grande tristeza levado ao mosteiro da Batalha, e sepultado na casa do capitulo, onde ainda agora jaz.

O Principe vestido todo de burel como então era costume, se encerrou tres dias com tantas lagrimas e tanta tristeza, quanto um tão singular filho por um tão virtuoso pai podia ter. E no derradeiro dia do dito mez d'Agosto, vestido de vestiduras reaes com o ceptro na mão, e todas as cerimonias acostumadas, foi pelos senhores e nobres do reino que se ahi então acertaram, alevantado por Rei, na mesma villa de Cintra,

no Jogo da Pela, em edade de vinte e seis annos e quatro mezes. E logo com grande solemnidade foi em todos seus reinos levantado e obedecido por Rei.

E pelo grande sentimento que todos souberam que El-Rei tinha pela morte d'El-Rei seu pae, e tambem pelo nojo em todos ser mui geral, por quão amado e bemquisto era, foram em todo o reino feitos muito grandes prantos com grandes cerimonias de tristeza, e toda a gente vestida de burel, almafega, luto e vaso. E por mandado d'El-Rei foram feitos em todos os mosteiros e egrejas grandes e devotas exequias, em que mui devotamente encommendavam sua alma a Deos.

E d'El-Rei D. Affonso que sancta gloria haja não ficaram mais filhos que El-Rei D. João e a Infanta D. Joana, mais velha que El-Rei, que solteira sem casar, com vida e obras de mui virtuosa e catholica Princesa se finou no mosteiro de Jesu d'Aveiro d'ahi a muitos dias, em edade de trinta e seis annos, no anno de mil e quatrocentos e noventa, como adiante será.

## CAPITULO XXIII

### *Do sahimento d'El-Rei D. Affonso e d'outras cousas que El-Rei logo fez necessarias em tal tempo*

ESCREVEO logo El-Rei a todos os grandes e Perlados, e fidalgos principaes de todos seus reinos, e os mandou apercéber para o sahimento d'El-Rei seu pae que logo mui honradamente com muito grandes cumprimentos e muitas despezas, e grande perfeição lhe mandou fazer no mesmo mosteiro da Batalha no fim do mez de Setembro, ao qual El-Rei foi em pessoa acompanhado de todos os grandes e nobres

de seus reinos, e de outra muita gente honrada: o qual sahimento fez muito perfeitamente e com grande sentimento no dito mosteiro.

E tanto que El-Rei veio do sahimento, mandou recado a todalas cidades e villas notaveis, e assi aos alcaides móres, que no mez de Novembro seguinte fossem todos na cidade d'Evora para côrtes que ahi havia de fazer, e assi para darem obediencias e menagens.

E recolheo logo para si com muito amor e gasalhado todos os officiaes da casa d'El-Rei seu pae e assi os moradores, e muitos dos officiaes tomou para si com os mesmos officios, e a outros deu satisfações de que foram bem contentes, e fez outras muito grandes mercês, com muitas palavras de conforto e de muita esperança, com que todos ficaram mui confortados e satisfeitos d'elle, que para perda de tão bom senhor foi grandissimo remedio tão virtuoso e verdadeiro emparo como todos em El-Rei acharam.

E nas cousas do testamento e descarrego da alma d'El-Rei seu pae, o fez tão virtuosamente, com tanta bondade, com tanto cuidado e diligencia, em tanta perfeição o cumprio sem ficar cousa alguma por fazer, que mais não fizera para sua propria vida e salvação de sua alma, e por isto foi de todos em extremo mui louvado.

## CAPITULO XXIV

***Do que El-Rei fez sobre um alvará que tinha passado a Nuno Pereira***

SENDO El-Rei Principe, no tempo de sua mocidade folgou muito com Nuno Pereira, fidalgo de sua casa, homem galante, cortesão, e bom trovador, e sendo assi privado pediu ao Principe que lhe fizesse mercê de um alvará em que lhe prometesse de o fazer conde tanto que fosse Rei.

E por o Principe ser moço e lhe querer grande bem, lhe deu o alvará feito á vontade de Nuno Pereira, sem o ninguem saber, o qual teve muitos annos em segredo, sem d'isso dar parte a pessoa alguma, nem lembrar mais ao Principe. E depois que foi alçado por Rei, Nuno Pereira com o alvará na mão lhe veio requerer que lh'o cumprisse. E El-Rei quando viu e leu o alvará que nunca mais lhe lembrara, ficou enleado e tomou-o, e disse-lhe que elle lhe responderia. E teve logo sobre isso conselho se era caso de castigo, pois em moço lhe fizera fazer o que não devia, folgando muito com elle. E emfim rompeu o alvará e disse a Nuno Pereira que maior mercê lhe fazia em o castigar, do que lhe fizera se lhe cumprira o alvará, e porém depois sempre lhe fez honra e mercê.

## CAPITULO XXV

*De como El-Rei mandou fazer o castello da cidade de S. Jorge na Mina*

Em vida d'El-Rei D. Affonso, sendo ainda El Rei Principe, tinha já a governança dos lugares de além em Africa: e assi as rendas e tratos da Mina, e todo Guiné, que então rendiam pouco, e os trazia a esse tempo arrendados Fernão Gomez da Mina, cidadão de Lisboa que nelles ganhou muito dinheiro.

E tanto que El-Rei reinou, como muito prudente e mui astucioso, cuidando muitas vezes o grande proveito que a elle e a seus reinos e naturaes recrecia se naquella parte da Mina podesse fazer e ter uma fortaleza onde assentasse trato com muitas e boas mercadorias para com ellas se fazer muito ouro, como tinha por verdadeira informação que alli se vinha resgatar; e que assentando-se o trato, e vindo a estes reinos ouro seria muito serviço e acrecentamento de sua honra e estado, e principalmente por a fé de Nosso Senhor Jesu Christo ser naquellas partes sabida como foi, determinou com os do seu conselho de a fazer, como fez, na cidade de S. Jorge na Mina, de que tanto proveito a estes reinos recreceo.

E havendo muitos que o torvavam por o haverem por cousa impossivel pelas grandes doenças da terra e a longura do caminho e incerteza e pouca verdade e confiança dos negros, e outros muitos inconvenientes que para isso lhe lembravam, todavia determinou de o fazer.

E o primeiro homem que para ir lá se offereceo,

foi Fernão Lourenço, seu escrivão da fazenda, que depois foi feitor das casas da India e da Mina, homem mui honrado, a quem El-Rei muito agradeceu e lhe fez sempre muita honra e muitas mercês.

Escolheu para isso Diogo d'Azambuja, cavalleiro de sua casa, que depois foi do conselho e tomou a cidade de Safim aos mouros, e foi d'ella capitão, homem de muito bom saber e esforçado coração, de confiança e bondade, e outras boas calidades, e com todalas cousas necessarias em muito grande abastança, o mandou com seiscentos homens a fazer a dita fortaleza, os centos d'elles pedreiros e carpinteiros, e os quinhentos homens d'armas, em que entravam muitas pessoas honradas, criados d'El-Rei, levando logo de cá toda a pedraria e madeira lavrada.

E porque em todo o mar Oceano não ha navios latinos senão as caravellas de Portugal e do Algarve, El-Rei por ninguem ousar d'ir áquellas partes, fez crêr a todos que da Mina não podiam tornar navios redondos por caso das correntes. E para isso toda a pedra, cal, telha, madeira, pregadura, ferramentas e mantimentos, mandou tudo em urcas velhas, para lá se desfazerem e dizerem que por caso das grandes correntes não poderam tornar, e assi se fez com muito segredo e grandes juramentos, e o houveram todos por tão certo que em vida d'El-Rei sempre pareceo que navios redondos não podiam vir de lá, e com isso sempre teve a Mina mui guardada.

E com estas urcas que diante foram e com muitas e mui boas caravelas, partio Diogo d'Azambuja com sua armada da cidade de Lisboa vespora de Santa Luzia, doze dias do mez de Dezembro do dito anno de mil e quatrocentos e oitenta e um. E aos dezenove dias de Janeiro do anno de mil e quatrocentos e oitenta e dois foi o primeiro dia em que sahiu em terra,

e d'ahi a dois dias começou a fortaleza no lugar onde ora está, com muito saber e resguardo, e muitas dadivas aos da terra, tudo como homem prudente e muito bom cavalleiro. E depois de tudo feito como cumpria tomou a gente necessaria para guarda da fortaleza e para o trato, e a outra mandou logo para o reino com recado do que ficava feito: de que El-Rei recebeu muito contentamento, e elle ficou lá por capitão, onde esteve dois annos e sete mezes, d'onde veio rico e mui honrado, e sem o elle requerer El-Rei lhe fez em chegando muita mercê e acrecentamento e tanta honra, quanto por tão bom serviço lhe merecia.

## CAPITULO XXVI

*Das côrtes que El-Rei fez na cidade de Evora, onde lhe deram obediencias e menagens*

DEPOIS de ser acabado o saimente d'El-Rei D. Affonso, como já fica dito, El-Rei com a Rainha e o Principe se veio á cidade de Evora. E no mez de Novembro d'este anno de mil e quatrocentos e oitenta e um foram juntos na cidade todos os grandes senhores e pessoas principaes, e alcaides-móres e assim todos os procuradores das cidades e villas notaveis, para côrtes que haviam de fazer. As quaes se fizeram em uma sala grande dos paços, com muito grande solemnidade, ordem e regimento, com muito ricos concertos, tudo em muito grande perfeição. El-Rei em alto estrado, e sua cadeira real com dorsel de brocado, e elle vestido de opa roçagante de tella d'ouro forrada de ricas martas com o ceptro na mão. E os senhores e officiaes móres, e os do conse-

lho e assi todos os procuradores do reino assentados em seus assentos ordenados, segundo suas precedencias.

E depois de tudo posto em ordem, e a casa em grande silencio, o doutor Vasco Fernandes de Lucena, chanceler da casa do civel, fez em alta voz uma arenga mui bem feita, e bem conforme ao caso. E acabada, D. Fernando, duque de Bragança e de Guimarães se levantou, e se foi a El-Rei, e posto em joelhos diante d'elle por si, e pelo duque D. Diogo irmão da Rainha, que ao tal tempo andava em Castella pelo contrato das terçarias, deu a El-Rei sua obediencia, e pelos seus castellos e os do duque lhe fez nas mãos d'El-Rei por todos menagem. E o senhor D. Alvaro irmão do duque, como procurador do marquez de Montemór e do conde de Farão seus irmãos, e em nome de todolos senhores do reino, e por si, deu tambem obediencia e menagem nas mãos d'El-Rei, e após elle a deu um procurador da cidade de Lisboa por todalas cidades: e outro de Santarem por todalas villas: o que assi fez por abreviar, porque se todas houveram de ir per si, fôra cousa de fastio e grande vagar.

E acabo assi tudo, El-Rei com grande estado real, e todos seus officiaes diante d'elle, e muitos reis d'armas e porteiros de maça, e os senhores que o acompanhavam se recolheu a suas camaras.

## CAPITULO XXVII

*De como se começou e houve principio o caso do duque de Bragança*

Antes de se fazerem estas menagens, El-Rei com o duque de Bragança e outros senhores e pessoas do conselho, praticou nas palavras que nas menagens haviam de dizer, muitas vezes, em que houve muitas porfias, desgostos e descontentamentos, por lhe parecer aspera fórma a em que El-Rei queria que se fizessem, sendo aquella propria em que ora se fazem, porque até então não achavam regimento algum por onde se fizessem (cousas de muito grande descuido dos Reis passados).

E porque d'ahi em diante houvesse fórma e regimento por onde se todas fizessem, El-Rei mandou fazer um livro muito bem ordenado, que sempre andou em sua guarda roupa, em que todalas menagens que todolos alcaides móres d'ahi em diante fizessem fossem nelle escriptas, nomeando o lugar, dia e mez, e anno, e com os alcaides e testemunhas nelle assinados, e ordenou que se dessem nesta maneira: — El-Rei assentado e o alcaide em joelhos diante d'elle com ambas as mãos juntas metidas entre as mãos d'El-Rei, estivesse assi até se acabarem as palavras da menagem, as quaes são estas.

## CAPITULO XXVIII

### *A maneira em que se as menagens dão*

Aos tantos dias de tal mez e tal anno, na cidade ou villa tal, nas casas taes onde El-Rei Nosso Senhor pousa, Foão lhe fez preito e menagem pelo castello e fortaleza tal na fórma que se segue. As quaes palavras ha-de lêr alto o escrivão da poridade, ou o secretario. Mui alto, mui excellente, e mui poderoso meu verdadeiro e natural Rei e senhor. Eu Foão vos faço preito e menagem pelo vosso castello e fortaleza tal de que me ora novamente encarregaes e daes carrego que a tenha e guarde por vós, e vos acolherei no alto e no baixo d'ella de noite e de dia a quaesquer horas e tempos que seja, irado e pagado com poucos e com muitos, vindo em vosso livre poder, e d'elle farei guerra, e manterei tregoa e paz, segundo me por vos senhor fôr mandado, e o não entregarei a alguma pessoa de qualquer estado, gráo, dignidade, ou preminencia que seja, senão a vós meu senhor, ou a vosso certo recado logo sem delonga, arte, nem cautella, a todo tempo que qualquer pessoa me der vossa carta assinada por vós, e assellada com vosso selo, ou sinete de vossas armas, porque me tiraes este dito preito e menagem.

E se acontecer que eu no castello haja de deixar alguma pessoa por alcaide e guarda d'elle, eu lhe tomarei este dito preito e menagem na dita fórma e maneira, e com as clausulas e condições e obrigações nelle contheudas. E eu por isso não ficarei desobrigado d'este dito preito e menagem, e das obrigações e cousas que nelle se contem: mas antes me obrigo

que o dito alcaide, ou pessoa que assi deixar, tenha e mantenha, cumpra e guarde todas estas cousas e cada uma d'ellas inteiramente.

E eu sobredito Foão faço preito e menagem em as mãos de Vossa Alteza que de mi a receba, uma' duas e tres vezes, segundo vosso costume d'estes vossos reinos. E vos prometo e me obrigo que tenha e mantenha, guarde e cumpra inteiramente este dito preito e menagem, e todalas clausulas, condições e obrigações e todalas cousas, e cada uma d'ellas em ella contheudas, sem arte, cautella, fraude, engano nem mingoamento, e por firmeza d'ello assignei aqui; testemunhas: Foão e Foão. E eu Foão escrivão da poridade que esta menagem por mandado do dito senhor fiz escrever e estive ao tomar d'ella, e tambem assignei.

O duque e seus irmãos, e assi outros senhores houveram então a fórma d'esta menagem por aspera e prejudicial a suas honras. E o duque fez logo seus requerimentos e protesto, e pedio d'isso instrumentos, que em caso que então assi a fizesse era quasi forçado: mas que protestava depois de buscar as suas doações, escripturas e privilegios, e El-Rei o ouvir sobre isso com sua justiça, e lhe guardar e o não obrigar a mais do que os Reis seus passados seus antecessores obrigaram a elle e a seu pae e avós.

E o duque por vêr se poderia remediar isto que muito sentia, mandou logo o bacharel João Affonso, veador de sua fazenda, a Villa Viçosa, e deu-lhe a chave de um cofre em que tinha suas doações e escripturas, e todos os papeis de seu segredo, e mandou-lhe que o abrisse e entre todos buscasse todalas que lhe parecessem que para este caso lhe cumpriam.

E o bacharel por descuido ou negligencia, ou outras ocupações, ou por misterio de Deus, mandou

buscar os ditos papeis por um seu filho moço de que elle muito fiava. O qual filho buscando o dito cofre, chegou por acerto a elle Lopo de Figueiredo, escrivão da fazenda do duque, homem de muita confiança, o qual a requerimento do moço o ajudou a buscar todalas escripturas e papeis que no cofre estavam, mais com tenção do serviço do duque, que do que adiante se seguio.

E andando assi em busca dos ditos papeis, topou com algumas cartas e instruções de Castella, e para os Reis de Castella, d'ellas proprias, e outras emendas corregidas e emendadas da letra do mesmo duque. E como assi vio, escondidamente do moço as tomou todas, e meteo na manga, e se foi a casa, e secretamente vio todas. E vendo que eram contra o estado, honra e serviço d'El-Rei, determinou de logo lhe ir tudo mostrar, e sem detença alguma partio de Villa Viçosa escondidamente, e veio a Evora, e secretamente falou com El-Rei com muito resguardo, e com palavras de muito bom homem e leal vassalo mostrou tudo a El-Rei, affirmando-lhe e jurando que o não fazia por odio do duque, porque tinha razão de o amar e servir, nem menos por esperar de Sua Alteza por isso mercês, mas que era seu vassalo, e temia a Deos, e receava o que d'alli se podia seguir, e a conta que a Deos daria podendo atalhar tanto mal, e não o fazer.

El-Rei depois de tudo muito bem vêr, e lhe dar d'isso os agradecimentos que devia, ficou triste e mui cuidoso. E mandou logo a Antão de Faria, seu camareiro de que muito confiava, e a quem descubria seus segredos, que com a maior pressa que podesse, tresladasse todos aquelles papeis, o que logo fez. E El-Rei tornou os proprios ao dito Lopo de Figueiredo para os tornar ao cofre d'onde os tirara, porque ainda o

moço tinha muito que buscar, e se porventura mais achasse, que o trazeria a Sua Alteza: e não mingoando nem se achando cousa menos no cofre não haveria ahi que suspeitar. As quaes cousas dando a El-Rei muito cuidado e paixão as dissimulou de maneira que nunca pessoa alguma entendeo nada nelle, e tudo guardou em si. E porém d'alli por diante como prudente começou a entender e olhar por muitas cousas, e andar sobre aviso do duque, e ter d'elle muitas suspeitas e má vontade, sem lh'a nunca dar a entender.

## CAPITULO XXIX

*D'algumas cousas que El-Rei nas côrtes ordenou e quiz fazer*

N'ESTAS côrtes a requerimentos dos povos, e por vontade d'El-Rei, que com muito cuidado todo se fazia, ordenara muitas e boas cousas, ante as quaes El-Rei ordenou os contadores e officiaes das terças e residios, capellas e hospitaes, e orfãos, e os repartiu nas comarcas como ainda agora estão. E tirou os adiantados que em cada comarca do reino eram postos por El-Rei seu pae, pessoas principaes e de titulos, que punham por si ouvidores que ouviam como corregedores. Isto a requerimento dos povos, e por lhe assi parecer serviço de Deos e seu.

E assi determinou que as confirmações que havia de confirmar, não fossem geraes como os Reis seus antecessores costumavam: mas que todalas pessoas de qualquer estado e condição que fossem, assi acclesiasticos como seculares, e todolos mosteiros e egrejas de seus reinos, e todalas cidades, villas e lugares d'ahi a

certo tempo viessem offerecer aos officiaes deputados para suas confirmações todas as doações, graças e privilegios que tivessem, para lhe confirmar as que razão e justiça lhe parecesse, e não no cumprindo que d'ahi em diante perdessem a graça de todo.

E a principal causa porque El-Rei isto assi mandou foi por vêr as doações e todalas mais cousas dos grandes senhores fidalgos e cavalleiros de seus reinos, por lhe ser dito que em suas terras e senhorios usavam de maiores jurdições e poderes do que suas doações, graças e privilegios se estendiam, e assi para se não confirmarem geralmente muitas cousas que os Reis passados deram: principalmente El-Rei D. Affonso seu pae, que quasi constrangido em tempos de muita necessidade, guerras e affrontas, outorgou muitas que de direito e razão antes se deviam revogar que consentir nem confirmar. E assi para mandar renovar em nova letra privilegios e liberdades tão antigos, que se não podiam bem lêr.

## CAPITULO XXX

*Ida d'El-Rei a Montemór-o-Novo, e do que aconteceu ao marquez da dita villa no recebimento d'El-Rei, e das palavras que houve com o Arcebispo de Braga*

PORQUE na cidade de Evora começaram a morrer de peste, El-Rei com sua côrte no Janeiro seguinte de quatrocentos e oitenta e dois se foi a Montemór-o-Novo para ahi acabar de despachar as cousas particulares das côrtes, e assi ordenar outras que para bem de seus reinos e estados cumpriam.

E antes d'entrar na dita villa, indo com grande dó, e todos vestidos de burel e almafega, o marquez de Montemór o veio receber ao caminho com um argao e pelote d'almafega, e debaixo um gibão de brocado que parecia, e vinha em um ginete arreiado com uns cordões e topeteira cramesis, querendo dar a entender a El-Rei que tinha muito prazer e contentamento d'elle reinar, e mui alegre lhe beijou a mão.

El-Rei ficou mui espantado de tamanha deshonestidade, e houve d'isso muito desprazer, e porque as cousas mal feitas não deixava passar sem reprensão ou castigo, mandou logo dizer ao marquez que se lhe lembrava a elle que o Rei por quem trazia tal dó o fizera marquez e lhe dera Montemór, e lhe fizera sempre muitas honras e mercês. Do qual recado o marquez ficou envergonhado e escandalizado d'El-Rei.

E logo na villa por darem a D. João Galvão, Arcebispo de Braga, d'aposentadoria umas casas de um criado do marquez que elle quizera escusar e não pôde, disse ao Arcebispo publicamente palavras feias e injuriosas, de que o Arcebispo sentido muito e enjuriado, foi logo fazer queixume a El-Rei, que mostrou receber por muito descontentamento, e por ser no começo de seu reinado em sua côrte e entre pessoas tão principaes, sendo verdadeiramente informado do caso, esteve logo sobre isso com pessoas do conselho, e letrados, todos sem sospeita, e sem mais dilação mandou ao marquez que logo naquelle dia se saisse da dita villa de Montemór, e dentro em cinco dias se passasse além do Tejo onde estaria até sua mercê.

E tanto que o recado foi dado ao marquez, que já no castello onde pousava estava como preso, se sahio logo, e em tudo cumpriu o mandado d'El-Rei, mos-

trando-se d'isto muito agravado, descontente, e injuriado. E dentro nos cinco dias se foi a Castello Branco, onde alguns dias esteve.

## CAPITULO XXXI

*De algumas cousas que o marquez logo fez contra serviço d'El-Rei*

O marquez estando em Castello Branco, logo com odio e má vontade que a El-Rei sem causa tinha, fez capitulos mui falsos e deshonestos da vida d'El-Rei, que tocava muito a sua honra e estado real, e os mandou logo por um Affonso Vaz, secretario seu, a El-Rei e á Rainha de Castella, que então estavam em Medina del Campo. Os quaes capitulos por sua deshonestidade El-Rei e a Rainha não receberam como o marquez desejava, nem deram credito ao mensageiro.

E o marquez tornou a fazer outros capitulos que depois enviou a El-Rei e á Rainha de Castella por Pero Infante, homem de que o marquez muito confiava. E antes de Pero Infante partir, o marquez por Lopo da Gama, cavalleiro de sua casa, mandou mostrar tudo ao duque de Bragança seu irmão, que estava em Villa Viçosa. E segundo se houve por certo ao duque pesou muito de os vêr, e lh'o mandou reprender e estranhar muito como cousa de homem apaixonado e de pouco siso. E com tudo pelo degredo do marquez ser assi supito e apressado, e a seu parecer rigoroso, o duque recebeu tanta paixão, que lhe acrecentou a má vontade que a El-Rei tinha, pare-

cendo-lhe que o fazia por abatimento seu e do marquez seu irmão.

## CAPITULO XXXII

*De como El-Rei a requerimento dos povos ordenou nestas côrtes de mandar corregedores ás terras dos senhores, e o que sobre isso passou com o duque*

E porque pelas guerras passadas e necessidades em que El-Rei D. Affonso se viu, e tambem por ser de sua condição, as cousas da justiça andavam mais largas do que eram razão, El-Rei nestas côrtes requerido por seus povos quiz logo a isso acudir como devia, e primeiramente quiz por algum tempo mandar seus corregedores ás terras dos senhores, e primeiro que nada fizesse o disse em Evora ao duque, rogando-lhe muito, e encomendando-lhe que o consentisse e houvesse por bem, e que sem paixão alguma o quizesse fazer, pois sabia quanto a seu serviço e estado cumpria entender logo nas cousas de justiça em principio de seu reinado. E mais sendo tão apertadamente por isso dos povos rèquerido. E que elle duque devia de folgar de se saber a justiça que em suas terras se fazia, e como eram governadas, porque sendo como elle esperava que fosse, levaria nisso muito contentamento. E havendo algumas cousas que emendar ou castigar, elle faria tudo com o resguardo e temperança que elle por sua honra, seu sangue e dignidade merecia, e que fazendo-lhe este prazer seria exemplo para os senhores todos do reino sem paixão o consentir.

E o duque com todas estas boas palavras se escu-

sou d'isso, e não lh'o quiz conceder, antes elle e seus irmãos, porque suas terras eram d'isso isentas, mostraram receber grandes descontentamentos.

## CAPITULO XXXIII

### *De como começaram as graças e separadas*

El-Rei D. Affonso e os Reis ante d'elle pagavam a seus moradores os casamentos juntamente em uma só paga, e no tempo das guerras de Castella, por El-Rei D. Affonso ter muita necessidade de dinheiro não pôde pagar muitos casamentos a muitas pessoas que os tinham havia dias tirados, e assentou de não pagar nenhum, e disse aos homens a que os devia, que lhe prazia que emquanto lhe não pagasse os ditos casamentos, lhe fazer em cada um anno graça de dez mil reaes por cada mil corôas. E diz graça, porque até então os Reis diziam, fazemos graça, e não fazemos mercê como agora se diz. Os quaes dez mil reaes haviam d'haver emquanto lhe não pagassem as corôas do tal casamento. E porque as ditas graças eram mercês, pagavam e pagam hoje em dia chancellaria.

E depois da morte d'El-Rei D. Affonso, n'estas côrtes aqui em Montemór foi El-Rei mui requerido pelos povos que não desse mais as taes graças, porque iam de maneira para pagar muito dinheiro em cada um anno, e assi que todas as que El-Rei seu pae tinha dadas tirasse e desempenhasse, porque estava metido em muita despeza, e El-Rei prometeo ahi aos povos de não dar mais as ditas graças d'ahi em dian-

te, e de ter maneira em cômo os homens podessem haver pagamento de seus casamentos. E então ordenou que os casamentos grandes fossem pagos em tres terços e tres annos, um terço em cada um anno, e os casamentos de mil corôas até quinhentas, fossem pagos em duas ametades, e dois annos, e os de quinhentas corôas, e d'ahi para baixo fossem pagos juntamente em um anno como se ora faz, e disse que quanto ás graças que El-Rei seu pae tinha dadas, que ficassem, por quanto elle ao presente não tinha com que as desempenhar.

E os povos apertando nisso mandaram dizer a El-Rei por letrados, que aquellas graças eram mal levadas, e com consciencia se não podiam levar nem dar, porque claramente era usura, e não podiam levar a El-Rei ganho do que lhe devia. E El-Rei praticando nisso, por lhe dizerem que era assi, por descarrego de consciencia suplicou ao Papa que houvesse por bem de dar as taes graças, emquanto não podesse pagar os ditos casamentos. E ao Padre Santo aprouve d'isso com tal condição que quando se separasse o casamento por morte do marido ou mulher, tanto que fosse separado lhe fosse tirado e descontado da dita graça a quinta parte d'ella, s. de vinte mil reaes, quatro mil, e ficasse em dezaseis, e de vinte e cinco, cinco mil, e ficasse em vinte, e assi a esse respeito. A qual quinta parte havia de ficar a El-Rei, ainda que a graça fosse do marido e morresse a mulher, ou pelo contrario, como se apartasse o matrimonio logo ficassem separadas.

E porque no breve do Papa Santo vinha esta palavra de separadas, tomaram o nome de separadas, e d'ahi lhe ficou até agora. E as do Infante D. Fernando não são d'esta calidade, que andam em nome das tenças, porque as dava logo em tenças, e por isso

não pagavam chancelaria, e as outras si, porque eram mercês.

E estas graças e separadas andavam em livro apartado por si, e El-Rei as mandou ajuntar ao livro da fazenda no anno mil e quatrocentos e oitenta e oito.

## CAPITULO XXXIV

### *Embaixada que El-Rei mandou a El-Rei de Inglaterra*

D'AQUI de Montemór mandou El-Rei por embaixadores a El-Rei D. Duarte de Inglaterra Ruy de Sousa, pessoa principal e de muito bom saber, auctoridade e credito, de que El-Rei muito confiava, e o doutor João d'Elvas, e Fernão de Pina por secretario.

E foram por mar mui honradamente com mui boa companhia, os quaes foram em nome d'El-Rei confirmar as ligas antigas com Inglaterra que pela condição d'ellas o novo Rei de um reino e do outro era obrigado a mandar confirmar. E tambem para mostrarem o titulo que El-Rei tinha no senhorio de Guiné, para que depois de visto El-Rei de Inglaterra defendesse em todos seus reinos que ninguem armasse nem podesse mandar a Guiné, e assi mandassse desfazer uma armada que para lá fazia por mandado do duque de Medina Cidonia um João Tintão e um Guilhermo Fabião, Ingleses. Com a qual embaixada El-Rei de Inglaterra mostrou receber grande contentamento e foi d'elle com muita honra recebida, e em tudo fez inteiramente o que pelos embaixadores lhe foi requerido, de que elles trouxeram autenticas escripturas das diligencias que com publicos pregões

se lá fizeram, e assi as proviçōes das aprovaçōes que eram necessarias, e com tudo muito bem acabado e á vontade d'El-Rei se vieram.

## CAPITULO XXXV

*Da outra embaixada que El-Rei então mandou a Castella*

Assim neste anno enviou El-Rei de Montemór por embaixador a El-Rei e á Rainha de Castella D. João da Silveira, barão d'Alvito, e homem mui prudente, e de muito bom conselho, auctoridade e confiança, e com elle por secretairo Ruy de Pina, e ia requerer algumas restituiçōes que pelos Reis se haviam de fazer, e assi perdões que haviam de dar a alguns cavalleiros castelhanos que no tempo das guerras serviram a El-Rei D. Affonso, como em seu favor no trato das pazes fôra capitulado; o que a muitos d'elles se não cumpria, com achaques e cautelas que punham e outros entendimentos que aos capitulos davam, desviados para os não cumprirem.

E a principal causa a que o embaixador foi era sobre a mudança das terçarias de Moura para a côrte, ou outra parte do reino em lugar sadio, forte e seguro, onde tudo se cumprisse, ou se desfizessem as ditas terçarias pelo perigo em que o Principe e a Infanta D. Isabel estavam, pela villa de Moura ser muito doentia nos verãos.

Chegou o barão a Medina del Campo, onde El-Rei e a Rainha estavam, na quaresma. E não foi alli acabado d'ouvir, porque estando para o despacharem, veio a El-Rei recado como a villa d'Alfama no reino

de Granada era tomada pelo marquez de Cadiz, que lhe mandou pedir socorro com muito grande pressa e muita necessidade. E El-Rei tanto que a nova lhe deram partiu aforrado a grande pressa a lhe fazer ir o socorro que pedia.

E tanto que a dita villa foi socorrida e provida como cumpria, El-Rei se veiu a Cordova, e ahi esperou pela Rainha, andando prenhe, e se foi de Medina a Toledo, e ahi pario acerca da Pascoa a Infanta D. Maria no anno de quatrocentos e oitenta e dois acerca da Pascoa de Resurreição, e de Toledo se foi a Rainha a Cordova onde a Infanta foi baptizada na Igreja Maior pelo Bispo da cidade com grandes cerimonias.

E esta Infanta D. Maria foi depois Rainha de Portugal, casada com El-Rei D. Manuel, e mãe d'El-Rei D. João o III, nosso senhor, e o barão foi padrinho da dita Infanta, e ahi acabou de dar sua embaixada, e começou de requerer despacho das cousas ao que ia. E porque os Reis de Castella tinham d'El-Rei muitas suspeitas como não deviam, e por isso cuidavam que o fundamento de seus requerimentos era cauteloso, e com respeito de novidades e não para bom fim como o embaixador lhe dizia, em quantas cousas requereu não tomou conclusão alguma que fosse para aceitar.

E porque não parecesse mal os Reis não consentirem em cousas tão honestas, e a ambas as partes tão proveitosas, para as haverem por boas cometiam a El-Rei por condições cousas tão feias, que pareciam mais escusas que desejo de concordia, e as mais eram sobre a Excelente Senhora estar fora do poder d'El-Rei e de toda sua ordenança, e lhe dar vida mui apertada, pelas quaes cousas o barão descontente dos despachos se despedio dos Reis, e d'elles não quiz tomar grandes mercês que lhe mandavam offerecer, e se veio a estes reinos dar de tudo conta a El-Rei, que cui-

dando quão proveitosa, honesta, justificada sua embaixada era, e na sem razão dos despachos d'ella, teve muita suspeita que procederia de conselhos e avisos do duque de Bragança, a quem do desfazimento das terçarias muito pesava, crendo que o penhor d'ellas o segurava d'alguns receios que tinha ou mostrava ter d'El-Rei. Porque com ellas por respeito do Principe seu filho estar atado, confiado que emquanto durassem sempre o sostentaria em sua honra a Infanta D. Beatriz sua sogra, que parecia ter-lhe amor como era razão, e dar muito credito a seus conselhos.

E não foi sem causa tomar El-Rei do duque esta suspeita, porque vistas as respostas que o barão trouxe de Castella com os avisos que nas instruções do duque que El-Rei tinha em segredo iam para os Reis de Castella, achava-se claro sairem umas cousas das outras, e tambem porque antes de o barão partir d'estes reinos já El-Rei e a Rainha sabiam todas as cousas a que elle ia, o que tudo El-Rei calou e dissimulou grandemente, sem pessoa viva lh'o entender.

E no Setembro d'este anno tornou El-Rei a mandar o dito Ruy de Pina aos Reis de Castella que estavam no mosteiro de Nossa Senhora de Guadelupe, com respostas e replicas da embaixada a que o barão fôra. Apertando com razões mui evidentes e com fundamento de mais amizades e amor entre elles, e que as terçarias todavia se mudassem ou desfizessem, e tambem que acerca da Excellente Senhora não requeresse mais novidades nem estreitezas, das que ácerca d'ella eram já concluidas, assi por não parecer que as pazes e cousas passadas entre elles não foram feitas com aquella firmeza que deviam. E tambem porque da maneira em que ellas estavam seria bem e sossego, e assi seguro de uma parte e da outra. E se no casamento do Principe com a Infanta D. Isabel

pela differença das idades tomassem muito contentamento se fazer com a Infanta D. Joana sua filha, que na idade tinha mais conformidade com elle, que por verem quanto estimava sua liança e amisade elle seria d'isso contente, com apontamento, que se neste casamento quizessem antes entender, no dote se apontasse e requeressem as ilhas das Canarias que El-Rei sempre desejou para maior segurança de Guiné.

E os Reis responderam logo a Ruy de Pina que bem criam que tal Principe como era El-Rei seu primo, não diria nem affirmaria taes cousas se não fossem verdadeiras e muito de sua vontade, porém que elles tinham comprendida uma cousa em que El-Rei de seu coração e desejo lhe daria mui claro testemunho. Dizendo-lhe logo com palavras e mostranças de mui grande sentimento que no mosteiro de Nossa Senhora de Guadelupe tinham preso a Pedro Montesinho, castelhano, com cartas e instruções de D. Fernão Gonçalves de Miranda, Bispo de Lamego, prior de S. Marcos, que fôra de Castella, e Alonso de Ferrara, castelhano, e d'Alvaro Lopez, secretairo d'El-Rei, sobre casamento d'El-Rei Febos de Navarra com a Senhora D. Joana. E por ser caso que tanto tocava a sua paz e amizade, que no castigo que a estes desse, pois eram seus vassallos e andavam em sua côrte, se veria bem sua verdadeira vontade, e que para isso antes que tomassem conclusão nas cousas que queria, era necessario que elle Ruy de Pina tornasse a El-Rei com esta duvida, e que segundo a obra que na execução d'ella fizesse assi entenderiam depois nas cousas de seus requerimentos. E para prova d'isto mostraram a Ruy de Pina as ditas cartas e instruções que o dito Pero Montesinho confessou e declarou logo por tormento que lhe foi dado sobre isso.

E por o perigo d'este negocio que os Reis de Cas-

tella haviam por certo não se tratar sem consentimento d'El-Rei, e pelas differenças que sabiam haver já em Portugal entre elle e o duque de Bragança e seus irmãos, desejavam muito vêr a Infanta D. Isabel sua filha fóra das terçarias, porque lhe queriam muito grande bem e a estimavam muito. E em tempo de mudanças, e em reino estranho, vindo as cousas a se danarem, como parecia que podia ser, estava em muito risco sua vida e liberdade. E d'outra parte receavam abrir mão da paz, que era o Principe e a Infanta em terçarias, temendo-se que El-Rei pelas informações que tinha, se tivesse o filho livre, poderia vir com algumas cousas de que entre elles se podessem seguir odios e guerras, que como prudentes Principes desejavam escusar.

Com o qual recado Ruy de Pina tornou a El-Rei, e logo sobre este negocio de Pero Montesinho teve conselhos. E porque aos que nisso tratavam e andavam em sua côrte não deu castigo algum, se o faziam contra seu consentimento e vontade, não se achavam neste caso desculpas por El-Rei que satisfizessem aos Reis de Castella.

E porque El-Rei no desejo de vêr o Principe fóra de terçaria, era com elles conforme, que em extremo desejavam vêr a Infanta sua filha fóra d'ellas, depois de tudo muito bem visto e cuidado, logo no Janeiro seguinte de mil e quatrocentos e oitenta e tres tornou a mandar aos ditos Reis Frei Antonio, seu confessor, frade observante de S. Francisco, homem de grande credito e auctoridade, e o dito Ruy de Pina, os quaes foram aos ditos Reis, que estavam em Madrid, aos quaes o dito Frei Antonio disse em resposta das cousas passadas em nome d'El-Rei taes cousas, e deu taes desculpas, com que lhe aprouve consentir no desfazimento das terçarias, porque toda

a desculpa d'El-Rei para se ellas desfazerem como tanto desejavam, lhe parecia boa e de receber. E concertou-se tambem o casamento do Principe, que com a Infanta D. Isabel ficava desatado, de se fazer com a Infanta D. Joana, e que se lhe daria maior dote, por um gráo que mais era alongada na socessão de Castella, que a Infanta D. Isabel.

E d'estas cousas fizeram os Reis um escripto, que Frei Antonio e Ruy de Pina secretamente trouxeram a El-Rei, com certidão que passada a Pascoa os Reis lhe mandariam seus embaixadores para concluirem o dito casamento, e assi para levarem a Infanta D. Isabel das terçarias.

E com este recado vieram a El-Rei, que estava em Almeirim, com o qual foi muito alegre e contente, porque nelle teve esperança de vêr cedo seu filho em seu poder, a que muito contrariavam as cousas que no reino lhe eram reveladas, e já contra si sentia.

## CAPITULO XXXVI

### *De como a Rainha moveu e esteve mui mal, e da vinda dos duques por esta causa á côrte*

Esttando El-Rei em Almeirim neste anno de quatrocentos e oitenta e tres, na quaresma, andando a Rainha D. Lianor prenhe, moveu uma criança de que esteve muito mal, e sua vida muito duvidosa, e El-Rei por isso muito triste e mui enojado.

E vieram logo vêr a Rainha o duque de Vizeu seu irmão, que já era vindo de Castella, e o duque de Bragança, e outros muitos senhores e senhoras do

reino, e com a vinda dos duques El-Rei recebeu muito prazer, e lhe fez muita honra, e deu de si muita parte. E desejando sossegar a vontade ao duque de Bragança, e faze-la conforme ás cousas de seu serviço, o apartou um dia na capella dos paços dentro na cortina, perante D. Fernão Gonçalves de Miranda, Bispo de Lamego e seu capelão mór, e lhe fez uma fala nesta maneira.

## CAPITULO XXXVII

### *Da fala que El-Rei fez ao duque de Bragança*

Muito honrado duque, porque as cousas que agora vos quero dizer hão de ser ditas nesta casa sancta em que estamos, haveis de crêr que são tão verdadeiras como se diante de Deos vo-las dissesse.

Eu sou informado que vós contra o que a mi deveis e a meu estado e serviço, e sem aquelle resguardo que a vossa honra e lealdade pertence, tendes em Castella algumas negociações, modos, e maneiras, que não sei como lhe dê fé, pois tantas razões para mi e para vós são a isso mui contrairas. Porém se nisso com alguma maginação errada alguma cousa entendestes, sabei que minha vontade e verdadeiro desejo é esquecer-me de tudo, e assi vo-lo perdoar como se as culpas d'isso fossem serviços e merecimentos. Pelo qual com toda efficacia que posso, e mais no que devo, vos rogo muito que posposto tudo queirais ser conforme comigo, pois me Deos fez e deixou por herdeiro d'esta corôa de Portugal. Que em tantas cousas por merecimentos vossos e dos que

decendeis vos foi e é tão liberal, que sois por isso após mi n'estes reinos outro principal esteio, que o deveis soffrer. Porque além do muito patrimonio real que comvosco partio, sabeis que da nobre geração das duas irmãs que do Infante D. Fernando e da Infanta D. Beatriz naceram, deu a mi uma, e a vós juntamente não negou a outra, e com tudo eu não me escuso da culpa geral que dão aos juizes e officiaes novos, e assi será ao Rei novo de quem em seus principios não se escusam alguns agravos. Mas estes quando agravassem, vós sobre todos por singular exemplo de obediencia e lealdade os haveis de comportar e sofre-los sem paixão. Quanto mais que os meus para vós, que são o degredo do marquez vosso irmão, e a entrada dos corregedores em vossas terras, não são tão crimes, que na razão e honestidade não tenha muita parte, e que a não tivessem soffrendo-os sem escandalos, tanto mais obrigareis, por que sendo assi, bem sei que por vossa grandeza e merecimentos, vosso saber e lealdade emfim sempre hei de folgar de fazer o que vós quizerdes. E por tanto a mi a quem esta casa de Portugal pela graça de Deos coube em socessão, haveis sempre em tudo ajudar e soster, não sómente com o saber e bom conselho que tendes, mas com as armas e forças quando me cumprir, e assi vo lo rogo, e outra vez encomendo que o façaes.

## CAPITULO XXXVIII

### *Resposta do duque a El-Rei*

Depois de tudo ouvir, o duque como muito esforçado e prudente e leal vassallo lhe respondeu dizendo:

Senhor, eu beijo as reaes mãos a Vossa Alteza por esta mercê, que para mi por muitas causas hei por mui grande, e mui singular. E porque em breve lhe responda, saiba que de todo que me aqui disse para lhe muito dever e o servir eu sou em muito verdadeiro conhecimento, e certamente assi é, e por isso vos peço muito de mercê, que de mi não creaes senão que sempre hei de viver e morrer por vosso serviço. E a isto não contradiz ser eu por ventura agravado de vós em cousas de que Vossa Alteza me desagravará com mercê, honra, e acrecentamento como espero. Porque os achaques não se escusam entre os senhores e servidores, pois os ha entre os paes e os filhos. Mas os meus não são de graveza nem de calidade para deixar de ter a Vossa Alteza o grande amor e muita lealdade com que vos sempre hei de obedecer e servir em todo o que a vossa honra, estado e serviço, e bem de vossos reinos cumprir.

## CAPITULO XXXIX

### *Do que depois d'esta fala e resposta se passou*

E sobre esta tão boa e leal tenção do duque com que pareceo que então se despedio d'El-Rei, se affirmou que logo em se recolhendo a sua pousada mostrou grande contentamento do que com El-Rei passara. Attribuindo suas palavras tão reaes, verdadeiras e esforçadas a medo, e pouco esforço. E logo o duque de Vizeu, e o duque de Bragança e seus irmãos, depois de partidos d'Almeirim se ajuntaram no Vimieiro onde todos tiveram pratica sobre isso, louvando muito os modos que tinham, pois El-Rei d'elles presumia que para seu favor e ajuda quando lhes cumprisse tinham os Reis de Castella, pelo qual El-Rei os estimaria e trataria como elles mereciam.

E segundo ditos d'alguns que a isto foram presentes, alli tomaram todos por conclusão e determinação de não consentirem a entrada dos corregedores em suas terras, e que com todo o risco lhe resistissem, e sobre isto o marquez de Montemór, o conde de Faram, e o senhor D. Alvaro se viram e ajuntaram algumas vezes no mosteiro de Santa Maria do Espinheiro, em Evora. Em que com temor do odio d'El-Rei, que contra si maginavam, consultavam a maneira que teriam para contra elle se valerem. Em que claramente se soube que o voto e tenção do marquez cada vez era mais aceso com desamor e deslealdade contra El-Rei, e que por todalas maneiras procurava desobediencia e rompimento. A que o conde de Faram, e o senhor D. Alvaro com palavras de fé, e muita lealdade a El-Rei, sempre o contrariaram, dizendo-lhe que quando

para desobediencia houvesse a razão, que não havia, entregassem a El-Rei todo o que d'elle tivessem e se desnaturassem d'elle e de seus reinos, como já outros fizeram, e que então o desservissem. Porque d'esta maneira não cairiam no caso em que sem isso fariam, o que não era para crêr, e porém a declaração sua com El-Rei lhe parecia boa e necessaria, mas o modo e com que palavras se faria ficasse sómente a juizo e disposição do senhor D. Alvaro, e que em outra maneira não consentiriam nem se faria. E de tudo o que passavam, avisavam logo o duque de Bragança que estava em Villa Viçosa.

El-Rei como soube d'estas vistas e ajuntamentos, lembrando-se da maneira em que tinha o Principe seu filho que não consentia semelhantes cousas, determinou como prudente com brandura, dissimulação e siso apagar sua furia e encendimento. E para isso deixou de mandar os corregedores a suas terras (o que com palavras doces e com respeitos do que a elles por sua honra e contentamento se devia o notificou logo ao senhor D. Alvaro) que com mostrança de muito prazer e alegria por vêr fóra a principal causa de seu escandalo o fez logo saber a todos, e por El-Rei acrecentar mais nesta temperança satisfez o marquez e o conde de Faram a suas vontades em certos requerimentos que já de dias com elle traziam. O que deu então causa a se esfriarem de seu aceso proposito e cessarem de seus negocios e recados.

E neste tempo veio ao duque de Bragança um mensageiro da Rainha de Castella, que se chamava Tristão de Villa Real, homem aceito a ella. E segundo testemunho dos que ouviram, elle secretamente e de noite tratava e negoceava com o duque, depois de dar boas noites, sem ser visto d'alguma pessoa, salvo de Jeronimo Fernandez, meirinho do duque que encuberta-

mente em sua casa o agasalhava, e de Villa Viçosa o duque se passou a Vidigueira, e com elle encuberto o mesmo Tristão de Villa Real.

E sobre a concordia e assento que tomaram fizeram uma capitulação que foi mostrada ao marquez, que pela vêr veio alli de noite das Alcaçovas onde então estava, e com elle Affonso Vaz seu secretairo, que disse a dita capitulação ser em desserviço d'El-Rei sobre duas cousas. A primeira acordaram que os Reis de Castella requeressem a El-Rei, que por quanto a Excellente Senhora em nome, trajos e serviço não cumpria em sua religião o que por bem do capitulado e seu habito era obrigada, que os Reis apertassem muito que se entregasse em poder do duque, ou de cada um de seus irmãos para lhe fazerem cumprir o que fosse honesto e razão, pois que eram seus vassalos e haviam d'estar em seus reinos. E a segunda que por quanto na capitulação das pazes fôra defeso que os castelhanos sob graves penas não fossem tratar ás partes de Guiné, o que os Reis de Castella não podiam fazer, por ser contra o bem commum de seus reinos, nos quaes não era negado seus tratos e proveitos aos portugueses, pagando seus direitos ordenados, antes com isso iam e vinham e tratavsm livremente, que assi com imposição d'algum justo direito e tributo dessem lugar aos seus naturaes que o trato de Guiné lhe não fosse defezo por El-Rei.

E o desleal fundamente d'isto era, que com quanto estas cousas pareciam justas e honestas, e que era razão se fazerem, que pela calidade d'ellas El-Rei as não havia de conceder nem outorgar em nenhuma maneira, e que então os Reis de Castella teriam com isso razão de romper com elle guerra, e que o duque e seus irmãos com esta causa parecer justa se escusariam d'El-Rei ao não servirem nem sosterem guerra, pois não

queria seguir razão. E aos Reis de Castella serviriam e dariam entrada a suas gentes por suas terras, a qual capitulação foi metida em cera, e dada ao dito Jeronimo Fernandes, que com ella na mão em cima de um bom cavallo portio de noite com o dito Tristão de Villa Real. Sendo avisado pelo duque que se alguma gente o salteasse fizesse todo o possivel por esconder e salvar a dita instrução, e como chegasse em salvo a Castella a entregasse como entregou ao dito Tristão de Villa Real.

## CAPITULO XL

*De como Gaspar Jusarte e Pero Juzarte descobriram a El-Rei o que do caso do duque de Bragança sabiam*

Na quaresma do anno de quatrocentos e oitenta e tres, estando El-Rei em Santarem, Gaspar Jusarte, homem fidalgo e muito bom cavalleiro, sabendo que seu irmão Pero Jusarte, que vivia com o duque de Bragança, ia a Castella por seu mandado e do marquez seu irmão contra a pessoa e estado d'El-Rei, elle como leal vassallo determinou de lh'o descobrir, e para isso por escriptos que em grande segredo se mandaram, e por consentimento d'El-Rei se vio em um casal com Antão de Faria seu camareiro, a quem logo descubriu a substancia de uma instrução que sobre isso vira. A qual o dito Pero Jusarte por conselho de seu irmão depois mostrou e deu a El-Rei estando em Avis, em grande segredo, que foi posta no feito que se processou contra o duque, como diante se dirá.

E por este grande serviço que Gaspar Jusarte e Pero Jusarte fizeram a El-Rei, lhe fez muita mercê e acre-

centamento: principalmente Pero Jusarte, que o fez senhor da Villa d'Arraiolos com todalas suas rendas, em sua vida e de um seu filho, e em vida sempre o favoreceu, honrou e acrecentou.

## CAPITULO XLI

### *Da embaixada que os Reis de Castella mandaram a El-Rei sobre o desfazimento das terçarias*

DAQUI de Santarem na entrada d'este anno de oitenta e tres, El-Rei foi vêr a Infante D. Joana sua irmã, que estava no mosteiro de Jesu de Aveiro, e tornou logo a Santarem ter a Paschoa com a Rainha sua mulher; e passada a festa veio recado a El-Rei que o Prior do Prado, confessor dos Reis de Castella, que depois foi Arcebispo de Granada, pessoa de muita confiança e a elles mui acceita, vinha por embaixador sobre o desfazimento das terçarias, e que era já em Avis, de que El-Rei mui alegre foi, e com a Rainha e toda côrte se partiu logo para Avis, onde ouviu o embaixador.

E logo aos xv dias do mez de Maio do dito anno de oitenta e tres tomou conclusão e assento, jurando e affirmando no desfazimento das ditas terçarias, porque o Principe e Infanta ficaram d'ellas livres, e assi desatados e soltos todos os seguradores e desnaturamentos, e assi todalas obrigações que por elles eram feitas, e o casamento ficou então concertado de futuro com a Infanta D. Joanna filha segunda dos ditos Reis: com as mesmas condições e obrigações que com a dita Infanta D. Izabel e o Principe D. Affonso era concertado, dando porém mais em dote á dita Infanta

D. Joanna dez contos de reaes, e no dito contrato ficou logo declarado e especificado um ponto substancial sem então haver esperança de se cumprir, o qual era que se ao tempo que o Principe cumprisse idade de quatorze annos, a dita Infanta D. Isabel estivesse por casar, que neste caso o casamento se cumprisse entre elles por palavras de presente como primeiro fôra concertado.

E para receberem o Principe em Moura e o trazerem á sua côrte fez El-Rei seus procuradores: D. Pedro de Noronha seu mordomo mór, e o doutor João Teixeira, chancerel mór, e Frei Antonio seu confessor. Os quaes todos e assi o dito prior do Prado, embaixador, partiram logo caminho de Moura, e El-Rei e a Rainha se foram logo caminho d'Evora para ahi receberem o Principe, e pousaram nas casas do conde de Olivença, que são pegadas com o mosteiro de S. João, por serem de bons ares para o verão, que ahi esperavam ter.

E antes d'El-Rei partir d'Avis lhe trouxe Pero Jusarte em pessoa, escondidamente a instrução com que fôra a Castella como atraz se disse, e ácerca do caso lhe descubriu muitas particularidades. Pelo qual El-Rei logo determinou de prender o duque, e quando o não podessem prender, de o cercar em qualquer logar que estivesse. E para isso houve logo secretamente muito dinheiro junto, que trazia em sua guarda roupa, e assi fez minutas das cartas provisões, que em tal caso havia de mandar pelo reino, e ás vilas e castellos do duque a seus alcaides móres, o que tudo lhe aproveitou na noite que prendeu o duque como adiante se dirá.

O duque de Bragança ao tempo que o dito embaixador de Castella entrou em Portugal estava em Villa Viçosa, e porque se disse logo que El-Rei para des-

pacho da embaixada se vinha a Estremoz, que era tão acerca d'onde elle estava, e querer-se por honestidade, por escusar suspeitas e outros inconvenientes de sua honra, se partiu só para Portel, onde os procuradores d'El-Rei que iam a Moura o acharam dia de Pentecoste, indo já para Moura, os quaes por modo de conselho praticou sobre o que ácerca da vinda do Principe devia fazer, pois vinha por suas terras, porque de uma parte por obediencia e por sua dignidade, e por outras muitas causas lhe parecia bem ir-se para o Principe e o acompanhar e servir até a côrte, e em suas terras lhe fazer aquelle recebimento e serviço que era razão, e elle por ser seu senhor merecia, e da outra receava de o fazer por não saber quanto El-Rei d'isso seria servido e contente, pois lhe não escrevia. E depois dé muitas praticas que sobre este caso passaram, os ditos procuradores sàmente, e sem cautella o aconselharam que para elle soldar quebras e achaques que no povo se diziam haver entre El-Rei e elle, e tambem porque assi era razão, elle se devia ir para o Principe e servi-lo e festeja-lo em suas teraas, e ir com elle até á côrte. E que na hora que El-Rei visse o Principe seria tão alegre e contente, que lhe esqueceriam quaesquer suspeitas ou más vontades que entre elles houvesse. Do que o duque mostrou ser satisfeito e mui alegre, e na diligencia que logo poz para se aperceber, e no desejo que amostrou para em tudo servir El-Rei e o Principe, mais parecia então haver nelle amor e lealdade que o contrairo.

E depois dos procuradores serem do duque despedidos, indo pelo caminho houve entre elle duvida se fôra bem ou mal, conhecendo a condição e discrição d'El-Rei, aconselhar o duque d'aquella maneira. E para com tempo se atalhar quando El-Rei o não houvesse por seu serviço, logo do mesmo caminho lh'o fizeram

saber pelas paradas de cavallo que d'Evora a Moura eram postas.

E El-Rei lhe respondeu logo mostrando que folgava muito, e louvando com doces e fingidas palavras a determinação e conselho do duque, e dando algumas escusas que pareciam honestas porque para isso o não convidara nem lh'o escrevera, por ser certificado que o duque ao tal tempo não estava tão bem disposto de sua saude, que o podesse nisso servir. A qual resposta d'El-Rei foi logo mostrada ao duque em Moura, onde já estava, porque aforrado foi logo notificar á Infanta D. Beatriz sua ida com o Principe á côrte, que lhe pareceu mui bem, vendo a carta d'El-Rei com tão segura dissimulação, com que a Infanta e o duque mostraram ser mui alegres, e do alvoroço e despejo do duque que então mostrava, parecia haver nelle muito amor e lealdade para El-Rei.

Esta carta que o duque vio que parecia a boa fé, e não dobrada como vinha, o descarregou e segurou tanto, que não quiz depois crêr os muitos avisos que no caminho lhe foram dados para que não entrasse em Evora.

## CAPITULO XLII

*De como se desfizeram as terçarias, e a entrega do Principe e da Infanta*

Os procuradores d'El-Rei, e o embaixador de Castella chegaram a Villa de Moura aos 24 dias de Maio de quatrocentos e oitenta e tres. E dentro no castello perante o Principe D. Affonso, e as senhoras Infantas D. Isabel, e D. Beatriz, o dito embaixador fez uma fala com muita auctoridade, di-

zendo que aquelle desfazimento das terçarias se fazia, porque os penhores de paz que foram aquelles senhores Principe e Infanta, não eram já necessarios entre os Reis de Castella e de Portugal, pela grande certidão e verdadeira segurança que de sua paz e amizade tinham, com muitas razões e comparações de grande prudencia muito a proposito. E acabadas a senhora Infanta D. Beatriz entregou logo o Principe aos ditos procuradores d'El-Rei, e a Senhora Infanta D. Isabel ao embaixador d'El-Rei e da Rainha seus padres, e isto com muitas lagrimas de amor pela grande saudade que da Infanta D. Isabel havia. Com os quaes logo sairam da fortaleza, e a Senhora Infanta D. Beatriz, com quanto já feita entrega do Principe, veio com elle até Evora, e o entregou outra vez a El-Rei seu pai.

E o duque de Vizeu que tambem era ahi, foi com a Infanta D. Isabel até o estremo, onde a entregou aos senhores de Castella que ahi esperavam por ella, e despedido da Senhora Infanta tornou logo com muita pressa para o Principe, que alcançou no caminho, e entrou com elle em Evora.

## CAPITULO XLIII

### *Da entrada do Principe na cidade de Evora*

O Principe veio de Moura dormir ao lugar de Vera Cruz, onde chegou a elle muita e mui nobre gente da côrte, è o outro dia não passou de Portel por o recebimento, festas e banquetes que lhe o duque de Bragança ahi fez em muita perfeição, que o duque era mui largo e abastado em suas

cousas, e trazia mui honrada casa. E ao outro dia foi o Principe dormir a Torre dos Coelheiros, e a terça feira, antebespora do dia do corpo de Deos foi dormir a Evora, e com elle ambos os duques, e muitos senhores com muita nobre gente.

El-Rei sahio a receber o Principe com muita e honrada gente, e os vassallos da cidade e comarca vinham ao recebimento todos armados, porque El-Rei ia em duvida se prenderia logo o duque tanto que o visse, ou se o deixaria para depois, e pelo grande repouso e muita segurança que nelle vio o não quiz então fazer. Recebeu o Principe com mui grande prazer e alegria, e tanto contentamento, que não podia ser mais, e á Infanta e aos duques fez tanta honra, tanto gasalhado, como ao Principe seu filho, abraçando os duques com tanto amor e mostranças de folgar com elles, que parecia que em seu coração não jazia o contrairo, e com quanto ia prestes para prender o duque se lhe bem parecesse, quiz que não fosse então e ficasse para depois, por ser com menos alvoroço, como se fez.

E a outro dia bespora do corpo de Deus, e assi no dia pela acostumada solemnidade da festa como pela vinda do Principe, cousa tão desejada d'El-Rei e da Rainha, houve na cidade muitas festas e touros, e nos paços serãos de danças, e bailos, a que o duque era preseente, sem nunca poder conhecer d'El-Rei o contrairo do que lhe mostrava. O que foi causa de não crêr muitos avisos que nestes dias lhe vieram, em especial do marquez seu irmão, que lhe aconselhava que se saisse e salvasse. Mas o duque confiado na segurança que via em El-Rei o não quiz fazer: e tambem porque sabia que as cousas em que o podiam culpar eram papeis que elle a mui bom recado e segredo tinha em seu cofre, sem presumir que podiam

ser vistos, como eram, parecia-lhe que todo o mais seriam presunções de que elle mui levementente se poderia absolver, e por isso não deu credito algum ao marquez para fazer mudança de si, e porém determinava de se ir ao outro dia.

## CAPITULO XLIV

### *De como foi a prisão do duque de Bragança*

E logo ao outro dia, sexta-feira 29 do mez de Maio do dito anno de quatrocentos e oitenta e tres, o duque por sua vontade sem ser chamado d'El-Rei se foi á tarde ao paço com tenção de se despedir d'elle e se ir embora para suas terras, e achou El-Rei em despacho de petições com os desembargadores do Paço. E em o duque chegando, com a honra acostumada lhe mandou dar uma cadeira, e fez assentar junto comsigo, e perante elle esteve despachando algumas cousas, e acabado tudo fez despejar a casa em que estava, que era um sotão, e ficou só com o duque, que logo falou a El-Rei algumas cousas que trazia para lhe dizer, entre as quaes lhe tocou nas suspeitas que d'elle contra seu serviço lhe faziam ter, pedindo-lhe muito por mercê que as não cresse, e houvesse por certo o que já em Almeirim sobre tal caso lhe dissera, que era morrer por sua honra, estado, e serviço quando cumprisse, e que pois isto era assi, que ás pessoas que tamanhos erros contra elle assacavam falsamente devia dar o castigo que por tal caso mereciam, e que por não parecer a Sua Altesa que elle por receio d'algumas suas culpas se acautelava, lhe pedia por mercê que se quizesse bem informar da

verdade, e do que achasse fizesse o que fosse razão e justiça.

El-Rei lhe respondeu logo ao que primeiro lhe falou, a cada cousa per si, e antes de responder a esta lhe disse que por quanto era tarde, e a casa estava já escura, que se subissem acima a uma sua guarda roupa. E depois de subidos, estando El-Rei em pé, lhe disse que quanto ás cousas que apontara que lhe d'elle diziam e pedia que se informasse da verdade, que seu requerimento era tal e tão justo, que se devia de conceder, e que elle assi determinava de o fazer, e que para isso por se escusarem alguns inconvenientes, e se fazer com maior seguridade, era necessario que elle duque estivesse ali retraido, e que fosse certo e seguro que sua honra com sua defesa e justiça lhe seria inteiramente guardada.

E como El-Rei isto disse deixou o duque na guarda roupa em poder de Aires da Silva, camareiro mór, e d'Antão de Faria camareiro, os quaes com muito acatamento, guardando-lhe mui inteiramente sua honra, o guardaram como então cumpria. E vendo Aires da Silva o duque muito triste e agastado, o quiz confortar, dizendo-lhe que não tomasse sua senhoria paixão nem se agastasse, que prazeria a Nosso Senhor que seria por mais sua honra e acrecentamento de seu estado, e o duque lhe respondeu:

«Senhor Aires da Silva, o homem tal como eu não se prende para soltar».

El-Rei se subio a outra camara, onde logo mandou vir alguns fidalgos e cavaleiros, a quem encomendou a guarda e serviço do duque, e assi mandou chamar os senhores e pessoas principaes d'autoridade que na cidade estavam para conselho, que logo sobre o caso teve, os quaes vieram logo com tão grande pressa e espanto, como a novidade do caso o requeria.

E como a nova foi pela cidade sabida, porque tocava em deslealdade contra El-Rei, foi tão estranha e contraira nos ouvidos e corações de todos, que toda a gente da cidade acudio na mesma hora a El-Rei, não sómente os que para seu serviço eram necessarios; mas ainda os velhos e moços, e eram tantos que não cabiam nos terreiros e ruas todos, pelo grande amor que lhe tinham, com grande ira bradando por crua vingança, sem nenhuma piedade lhe lembrar, sómente o estado e vida d'El-Rei como a propria de cada um, e faziam tamanha união, ruido e estrondo, que era cousa de grande terror e espanto, e mais por ser de noite.

E estando já muitos do conselho, e assi alguns letrados com El-Rei, elle com muita temperança, como mui justo e virtuoso Rei, mostrou a todos por causa e fundamento da prisão do duque as cartas e instrucções que atras faz menção, e com todos tomou o assento de todo o que para tal caso e necessidade cumpria. Primeiramente que se segurasse bem a pessoa do duque, e que seus castellos, villas e fortalezas se cobrassem logo, e assi se notificasse logo o caso aos Reis de Castella, e não como a sabedores da causa d'elle, e assi ao Prior do Prado, embaixador, por se atalharem e impedirem requerimentos e alvoroços d'aquelles reinos para estes.

E mandou logo El-Rei a todolas fortalezas que o duque tinha em todo o reino, que eram muitas e mui boas, fidalgos principaes, e cavalleiros de sua casa, d'elles que na côrte estavam, e outros que eram ausentes, para com suas cartas e provisões, e com outras do duque que tambem levavam, as haverem ou combaterem logo não se querendo entregar, repartindo logo apontadamente as comarcas, villas, e fortalezas a que cada um com melhor disposição havia

de ir. Os quaes todos como bons e leaes servidores, olhado o tempo e importancia do caso, com grande amôr e diligencia cumpriram em tudo os mandados d'El-Rei. Porque como chegaram, logo sem alvoroço, perigo, nem contradição, as houveram todas á mão, em que pozeram alcaides e pessoas que sobre suas menagens as tivessem sempre fielmente a serviço d'El-Rei. Cousa certo de muito louvor e espanto, entregarem-se assi levemente e tão sem duvida 25 villas e fortalezas do duque, só por mandado d'El-Rei, sem vista de sua pessoa, nem resistencia alguma dos alcaides, que foi muito de louvar sua muita obediciencia e grande lealdade a El-Rei, e parece cousa de mysterio de Deos.

O marquez de Montemór estava nas Alcaçovas, e o conde de Farão no de Mira, e pelo aviso que logo houveram da prisão do duque, sem mais esperar, na mesma hora e ponto que o souberam fugiram e se pozeram em salvo, e acolheram a Castella. E o marquez veiu por Portel, e se quizera lançar na fortaleza de que era alcaide do duque Nuno Pereira, que por ser já do caso avisado o não quiz ahi recolher, e o marquez se foi logo a terra de Campos, em Castella, e depois recolheu a marquesa sua mulher em Sevilha.

E o conde de Farão se passou a Andaluzia, onde d'ahi a pouco tempo com maior tristeza e sentimento do que nestes casos tinha de culpa, se finou, acabou sua vida. Do que a El-Rei não aprouve, antes lhe pesou muito, porque se o conde se tornara para o reino como logo lh'o mandou dizer, teve tenção de se haver com elle nobre e virtuosamente, porque El-Rei tinha sabido o conde não ser culpado.

E com o senhor D. Alvaro, irmão do duque, assentou El-Rei que por então se fosse fóra de Portugal, e não ficasse em Castella, nem estivesse em Roma, isto

até sua mercê, e que em todolos outros reinos e terras podesse estar e haver lá todalas rendas que neste reino tinha, até El-Rei haver por bem de o mandar vir, e elle se foi com tenção de o cumprir, e proposito de ir a Jerusalem, o que não cumprio porque chegando á côrte de Castella, foi d'El-Rei e da Rainha tão favorecido que não passou adiante, e ficou em seus reinos e côrte, a que recolheu a senhora D. Felipa sua mulher, e filhos. E lhe foi dado por El-Rei e a Rainha a governança da justiça em sua côrte, e com elles teve grande credito e autoridade, por ser pessoa de grande siso, saber, e conselho. E lá em Castella faleceu depois de ser a estes reinos de Portugal tornado e restituido a todo o seu por El-Rei D. Manoel, que santa gloria haja.

E porém quando se assi foi do reino, ficou cá em Portugal uma sua filha, a que El-Rei fazia muito honrada criação, em casa da Rainha sua mulher, e a trazia com muita honra e abastança, a qual ora é duquesa de Coimbra e mulher do Mestre de Santiago e d'Avis, filho natural d'El-Rei.

E ficaram do senhor D. Alvaro dois filhos e quatro filhas, s. o maior que é marquez de Ferreira e conde de Tentuguel, herdeiro de sua casa, e de muita renda, pessoa mui principal, e de muita estima e grã valia. E D. Jorge de Portugal, que vive em Castella com muita renda e conde, e Alcaide-mór do Alcacer de Sevilha, e a dita duquesa de Coimbra, e outra casada em Castella com o conde de Benalcacer, e outras duas casadas nestes reinos, uma com o conde do Vimioso, e outra com o conde de Portalegre. Todas pessoas mui principaes e de muito grandes virtudes.

E assi os filhos do conde de Farão tambem foram tornados a estes reinos por El-Rei D. Manoel, e dado ao maior suas rendas com o titulo do conde de Mira,

e em Castella ficou um que ora é Arcebispo de Çaragoça, e Visorei em Aragão, homem de grã valia. E assi casara lá duas filhas suas com o Infante Fortuna, neto d'El-Rei d'Aragão, e a outra com o duque de Medinaceli. E outro filho mais moço, que ora é mordomo mór da Rainha nossa senhora. A qual senhora D. Isabel, mulher do duque de Bragança, ao tempo da prisão do duque estava em villa Viçosa, e tanto que do caso foi avisada, mandou logo tres filhos seus a Castella, e com elles fidalgos de sua casa, s. D. Felipe o maior, que sendo moço lá faleceu, e D. Gemes o segundo, que ora é duque de Bragança e de Guimarães, e o mór senhor d'Espanha, sangue, terras, e vassallos, e pessoa singular que tomou a cidade de Azamor aos mouros, depois de tornado a estes reinos por El-Rei D. Manuel seu tio, que santa gloria haja, e D. Diniz o terceiro, que em Castella casou com uma filha do conde de Lemos, herdeira da casa.

E com a senhora duqueza ficou uma filha menina, que havia nome D. Margarida, que nestes reinos d'ahi a poucos annos faleceu. E a Rainha de Castella como mui nobre e virtuosa princesa recolheu os filhos do duque, que eram seus sobrinhos, a sua casa, e os tratou e honrou sempre como era razão que fosse, e fizesse a sobrinhos tão chegados a ella, que eram filhos de sua prima com irmã, e netos do Infante D. Fernando, e da Infanta D. Beatriz, que era irmã da Rainha de Castella sua mãe; e do marquez de Montemór não ficou filho algum

O duque não sahiu mais da guarda roupa em que o El-Rei deixou, onde estava sem ferros, nem outra alguma prisão em seu corpo, porém era de bons fidalgos e cavalleiros bem guardado, e em tudo mui acatado e servido como a seu estado cumpria sendo em sua liberdade, assi no serviço da mesa com suas

salvas devidas e costumadas, como nos officios divinos, e pratica e visitações de seu confessor, e tambem nos avisos de seus procuradores, que nunca lhe foram defesos quando o elle desejava e alguma necessidade o requeria.

E sendo El-Rei aconselhado d'algumas pessoas que por direito podia mandar fazer justiça do duque, pois do crime era certificado, elle o não quiz fazer, antes no primeiro conselho que sobre este caso teve o viram chorar muitas lagrimas, e dizer palavras de compaixão e sentimento, mostrando que desejara muito achar ao duque boa desculpa, como homem mais cheio de piedade, que de ira nem rigor, acusando a Deus seus pecados proprios, reportando estas cousas a elles como virtuoso e catholico Principe que era, e tomou por conclusão que o caso se visse e determinasse por justiça.

## CAPITULO XLV

### *Do que alguns senhores cometèram a El-Rei sobre o caso do duque*

PRATICANDO entre si sobre este caso alguns grandes e senhores do reino que na côrte eram presentes, doendo-se da destruição e queda do duque, e por escusarem sua morte, todos juntos pediram por mercê a El-Rei que lhe quizesse dar a vida, e que por segurança do que a seu serviço cumpria, e o duque d'ahi em diante sempre bem e lealmente o servisse, houvesse Sua Alteza a seu poder todas suas fortalezas, e mais as suas d'elles mesmos, as quaes em vida do duque fossem sempre em seu poder, e El-Rei as desse de sua mão.

E porque ao tempo que isto lhe cometeram não tinha ainda recado algum da entrega das fortalezas do duque que eram na comarca d'entre Doiro e Minho e detralos Montes, em que tinha muita duvida e receio, mostrou que lhe parecia bem o partido, e que havia prazer de lh'o cometerem e de entender nelle, isto com fundamento que se algumas das ditas fortalezas revellassem a sua obediencia, ou soubesse que em Castella se fazia sobre este caso alguma revolta, aceitar o dito partido, e com elle feito mandar soltar o duque, mostrando que aquella fôra sempre sua vontade. Mas como foi certo da entrega de todalas fortalezas, e assi de em Castella se não fazer cousa alguma, e estar tudo assocegado, escusou-se do dito partido e requerimento, e como seguro e descançado dos receios que tinha mandou logo que o caso do duque se visse e determinasse por justiça.

## CAPITULO XLVI

*De como El-Rei perdoou ao duque de Vizeu a culpa que neste caso tinha, e da morte do duque de Bragança*

E logo ao outro dia depois da prisão do duque El-Rei mandou chamar ao duque de Vizeu a casa da Rainha sua irmã, e perante ella lhe fez uma fala, na qual o reprendeu muito, dizendo-lhe que elle fôra sabedor de todalas cousas passadas, que o duque de Bragança e o marquez seu irmão contra elle quizeram cometer, e que se com rigor e justiça o quizera castigar, cousas tinha sabidas d'elle por onde com direito o poderia fazer. Porém por ser filho do Infante D. Fernando seu tio e por sua pouca idade, e pelo

amor que sempre lhe tivera e tinha, e principalmente por a Rainha sua irmã, que elle sobre todas tanto estimava e amava, lhe perdoava tudo livremente, e dava por esquecidos quaesquer erros e culpas que n'este caso tivesse, dando-lhe sobre tudo tão virtuosos e verdadadeiros conselhos e ensinos, que o Infante seu pae se fôra vivo lh'os não podera dar melhores, e o duque por não ter escusas nem replicas, sem falar palavra alguma lhe beijou a mão por tamanha mercê.

E a Rainha que isto muito estimou, com palavras de grande amor e muita prudencia, o teve em muita mercê a El-Rei.

E para o caso do duque de Bragança mandou El-Rei vir a Evora todolos letrados da casa da suplicação que então estava em Torres Novas, e foi logo dado por juiz o licenceado Ruy da Grã, muito bom homem e de muito boa conciencia e bom letrado, e por procurador d'El-Rei o doutor João d'Elvas e por procurador do duque o doutor Diogo Pinheiro, que depois foi Bispo do Funchal, homem fidalgo e de muito boas letras, e bom saber, e de criação do duque, e com elle Affonso de Bairos, que era havido por um dos melhores procuradores do reino. Aos quaes El-Rei mandou e encomendou que com muito cuidado e estudo procurassem e defendessem a causa do duque, que por isso lhes faria muita mercê.

Foi feito e dado libelo contra o duque, que logo procedeo com vinte e dois artigos fundados naquellas cousas em que parecia elle ser culpado, os quaes pelo juiz lhe foram logo levados onde estava, e todos lidos, de que o duque mostrou logo alguma torvação, porque na substancia d'elles conheceu claramente que muitas cousas suas eram descubertas, que elle havia por muito secretas e escondidas. E depois de estar um pouco cuidoso, antes de nada responder, enco-

mendou a Ruy de Pina, que era presente, que fosse dizer a El-Rei seu senhor que aquellas cousas e em tal tempo não tinham replica mais propria de servo para senhor, nem que mais conviesse a sua grandeza, virtudes, e piedade que a que o Profeta David disse a Deos no Psalmo: *Et non iutres in iudicio cum fervo tuo Dne, quia non iustificabitur in conspectu tuo omnis vivens.* E que quando isto que a elle por todos respeitos mais convinha não quizesse fazer, que então por sua dinidade e por ser assi direito lhe quizesse dar juizes conformes a elle, e que seu feito mandasse determinar a Principes e duques, pois o elle era, e El-Rei houve tudo isto por escusado, e mandou que todavia respondesse e se livrasse por direito.

E além das cartas, instruções, e escripturas que logo para prova do libelo foram no feito offerecidas, se preguntaram pelos artigos d'elle estas pessoas por testemunhas, convem a saber: Lopo da Gama, Affonso Vaz, secretario do marquez, Pero Jusarte, Lopo de Figueiredo, Diogo Lourenço, de Montemór, Jeronimo Fernandez, Fernão de Lemos e João Velho, de Viana de Caminho. Todos da criação do duque e de seus irmãos. Cujos testemunhos pareceu que fazia prova ao libello, nem havia a ellas contraditas, nem lh'as receberam.

Foi o processo contra o duque acabado em vinte e dois dias, e nenhuma diligencia que para elle cumprisse foi necessaria fazer-se fóra da côrte. E para final determinação d'elle foram por mandado d'El-Rei juntos para juizes alguns fidalgos e cavalleiros do reino, homens sem sospeita, que com os letrados foram por todos vinte e um juizes.

E tanto que o feito foi concluso, os juizes foram todos juntos em uma salla dentro do aposentamento d'El-Rei, armada de panos da historia, equidade e

justiça do Imperador Trajano. Onde se poz uma grande mesa aparelhada como cumpria para o auto, em que de uma parte e da outra os juizes estavam todos assentados, e no tope d'ella El-Rei. E junto com elle o duque assentado em uma cadeira, a quem El-Rei em chegando a elle e em se despedindo guardou inteiramente sua cortesia e cerimonia. O qual veio alli duas vezes, em que vio lêr o feito, e pelos procuradores de uma parte e da outra disputar em grande perfeição os merecimentos do processo.

E a terça feira em que publicamente se haviam de repreguntar as testemunhas em pessoa do duque, El-Rei o mandou para isso chamar, e elle se escusou e não quiz vir, dizendo a Ruy de Pina que o foi chamar estas palavras: «Dizei a El-Rei meu senhor que eu me confessei e comunguei hoje, e que agora estou com o padre Paulo meu confessor falando em cousas de minha alma e do outro mundo, e que essas para que me chama são do corpo e d'este mundo, e de seu reino, de que elle é juiz, que as julgue e determine como quizer, porque a ida de minha pessoa não é necessaria»; e não foi.

E com esta resposta mandou El-Rei logo despejar a salla, para sobre a final sentença tomar os votos dos juizes. Aos quaes antes de votarem fez El-Rei uma fala, em que lhe encomendou o que devia, como virtuoso e justo Rei, e isto com muitas lagrimas, que todos aquella noite lhe viram correr, porque cada voto, que cada juiz concluia na morte do duque, El-Rei chorava com grandes soluços e muito triste.

E no votar se detiveram dois dias manhã e tarde, com a noite derradeira muito tarde, em que finalmente acordaram todos com El-Rei que na sentença poz o seu passe, que vistos os merecimentos do processo, conformando-se no caso com as leis do reino,

e imperiaes, e com a pura e mui antiga lealdade que aos Reis d'estes reinos de Portugal se devia sobre todos; Acordaram que o duque morresse morte natural, e fosse na praça d'Evora publicamente degolado, e perdesse todos seus bens, assi os patrimoniaes como os da corôa para o fisco e real corôa d'El-Rei.

E acabada d'assentar e assignar a sentença, tomou El-Rei logo com todos assento sobre o que na execução d'ella se havia de fazer. E aos vinte dias do mez de Junho do anno de mil e quatrocentos e oitenta e tres, de noite, ante manhã tiraram o duque dos paços em cima de uma mula, e Ruy Telles nas ancas apegado nelle, e muita e honrada gente a pé, que o acompanhava com grande seguridade.

E o duque em sahindo cuidou que o levavam a alguma fortaleza, e quando vio todos a pé ficou muito enleado e triste. Foi assi levado a umas casas da praça, que parece cousa de notar: porque o dono d'ellas se chamava Gonçalo Vaz dos baraços; e em Evora não se vendiam se não em sua casa. Onde o duque conheceo a verdade que logo claramente lhe foi descuberta por o padre Paulo seu confessor, que o estava já esperando, e lhe deu com muitos confortos e esforços a mui triste e mui desconsolada nova, a qual o duque recebeu com palavras de muita paciencia e mui em si, como homem esforçado.

E logo ahi fez uma sedula de testamento, que elle notava, e um Christovão de Bairos escrivão, escrevia, na qual assignou com o padre Paulo seu confessor. Em que por descarrego de sua alma declarou algumas cousas: principalmente pedio á duquesa sua mulher por mercê, e assi a seus irmãos, e encommendando a seus filhos por sua bençâo, e encommendou a seus criados que todos por o caso de sua morte não tivessem odio nem escandalo contra alguma pessoa

que lh'a causasse, nem muito menos contra El-Rei seu senhor, porque em tudo o que fazia era verdadeiro ministro de Deos, e mui inteiro executor de sua justiça. Porém não declarando se era, ou deixava de ser culpado no caso porque morria. Falando muitas cousas e fazendo em tal tempo algumas perguntas como de homem em mui acordado e de grande esforço, e sobre tudo catholico e bom christão. E mandou pedir perdão a El-Rei com palavras de muita humildade e de acusação de si mesmo, e pedio que antes de padecer lhe trouxessem o recado como lhe fôra em seu nome pedido, e assi se fez, e tanto que o duque entrou nas ditas casas foram logo juntos muitos carpinteiros e officiaes, e com muita brevidade fizeram um alto e grande cadafalso quasi no meio da praça, e um corredor que de uma janella das casas ia a elle, e no meio do cadafalso outro pequeno pouco maior que uma mesa, mais alto, com degrao, tudo de madeira cuberto de alto abaixo de panos negros de dó. E feito como havia poucos dias que a El-Rei perante o duque disseram que se fizera em Paris outro tal com tal ceremonia a um duque que El-Rei Luiz de França mandou degolar.

E no fazer do cadafalso e cerredor, que era grande, e no que mais era necessario se detiveram tanto, que eram já mais de dez horas do dia, no qual tempo o duque cansado e desvelado da noite pela grande agonia em que estava, pedio de beber, e sobre figos lampos bebeu uma vez de vinho. E em uma cadeira d'espaldas em que estava assentado se affirma que se encostou e dormio um pouco. E acordado tornou a estar com seu confessor, e disse que fizessem o que quizessem, que elle não tinha mais que fazer.

Vestiram-lhe uma grande loba, capello, e carapuça de dó. E ataram-lhe diante a um cinto, com uma fita

preta, os dedos polegares das mãos. E em lh'os atando lhe disseram que houvesse paciencia e não se escandalizasse, porque assi era mandado por El-Rei. E elle respondeu: — «Soffrelo-hei, e mais um baraço no pescoço se Sua Alteza o mandar».

Sahio assi ao corredor, por onde havia d'ir ao cadafalso, e diante d'elle confessores e religiosos com uma cruz diante encomendando com devotas orações sua alma a Deos, e quando vio o cadafalso, e da maneira que tudo estava ordenado, lembrou-lhe o que vira contar a El-Rei sobre o duque que em Paris degolaram, e disse:

«Ah! como em França».

E nesta morte do duque o fez o conde de Marialva muito honradamente, que sendo meirinho-mór, e mandando-lhe El-Rei que fosse estar com o duque, lhe pedio muito por mercê que tal lhe não mandasse, porque antes perderia quanto tinha, que o fazer, porque era grande amigo do duque; e El-Rei lhe conheceu de sua razão, e o escusou, e mandou servir de meirinho-mór a Francisco da Silveira, que ora é condel-mór. O qual com muita gente d'armas, e elle ricamente armado, foi lá com vára de justiça na mão, e o duque quando o vio assi, pesando-lhe disse:

«Bem galante está Francisco da Silveira».

Foi com muita segurança até o cadafalso, que era defronte da capella de Nossa Senhora, e em chegando se poz em joelhos com os olhos na imagem, e se encommendou com muita devoção a ella, e os religiosos dizendo-lhe palavras para tal hora de muito esforço e grande confiança em Deos. Mas elle foi sempre tão esforçado, tão inteiro na fé, e tanto em seu inteiro acordo, que pareceu que para sua salvação as não havia mister.

E porque a gente principal do reino acudiu toda a El-Rei, era a praça tão cheia de gente d'armas que

não cabia nem pelas ruas, e a cidade toda em grande revolta, o confortaram muito que de vista e rumor tão espantoso não tomasse torvação nem escandalo, e elle respondeu:

«Eu não me torvo nem escandalizo do que me dizeis, porque se o posso ou devo dizer, Jesu Christo Nosso Senhor não morreu morte tão honrada.»

E falando com o confessor preguntando-lhe se se lançaria, se sobiu ao outro cadafalso mais alto d'onde todos o viam, e assentado nelle com os olhos em Nossa Senhora encomendando-lhe sua alma, chegou a elle por detrás um homem grande todo coberto de dó, que lhe não viram o rosto; o qual se afirma não ser algoz, e ser homem honrado, que estava para o justiçarem, e por fazer esta justiça em tal pessoa, foi perdoado, e com uma toalha de Olanda que trazia na mão lhe cubriu os olhos, e com muita honestidade o lançou de costas, pedindo-lhe primeiro perdão: e acabado um espantoso pregão, que um rei d'armas dizia, e dois pregoeiros em alta voz davam, o homem com um grande e agudo cutelo que tirou debaixo da loba, perante todos lhe curtou a cabeça. E acabado de o assi degolar se tornou para a casa d'onde o duque saira, por o mesmo corredor, sem ninguem saber quem era; e o pregão dizia assi:

«Justiça que manda fazer El-Rei nosso senhor; manda degolar D. Fernando, duque que foi de Bragança, por cometer e tratar traição e perdição de seus reinos e sua pessoa Real».

E El-Rei tinha mandado que tanto que o duque fosse morto tocassem o sino de Santo Antão: e estando El-Rei com poucos ouviu tocar o sino, e em no ouvindo, levantou-se da cadeira e poz-se em joelhos e disse:

«Rezemos pela alma do duque que agora acabou de padecer», e isto com os olhos cheios de lagrimas:

e assi em joelhos esteve um espaço rezando por elle, e chorando.

E certo o duque recebeu a morte com tanta paciencia, tanto arrependimento e contrição de seus peccados, tanto esforço, e em tudo tão achegado a Deus, que muitos se maravilharam de tão santamente morrer: porque em sua vida não era havido como na morte mostrou; antes por homem muito metido nas pompas e cousas d'este mundo, mais que nas do outro.

Esteve assi o corpo do duque publicamente no cadafalso á vista de todos por espaço de uma hora, e de alli sem dobrarem sinos nem haver choro, o cabido da Sé com a clerezia da cidade, com suas cruzes e muitas tochas acesas o levaram honradamente ao mosteiro de S. Domingos, onde foi soterrado na capella maior. E na côrte não tomou pessoa alguma dò por elle, salvo El-Rei, que esteve tres dias encerrado, vestido de panos pretos com capuzes cerrados, e barrete redondo.

## CAPITULO XLVII

*De como o senhor D. Manoel, irmão da Rainha, que era em Castella pelo caso das terçarias se tornou á côrte*

E porque na capitulação das terçarias, foi concertado que emquanto durassem o senhor D. Manoel irmão da Rainha, que ainda era moço, andasse em Castella, El-Rei para cumprimento d'isso, o anno passado lhe ordenou e deu casa honrada com todos seus officiaes dos seus proprios moradores. E lhe deu por aio Diogo da Silva de Menezes, que depois foi conde de Portalegre, homem de nobre sangue

e de muito bom siso e saber, e de bom conselho. E então lhe deu El-Rei por divisa a Espera, cousa que pareceu de mysterio e profecia: porque lhe deu a esperança de sua real socessão, como ao diante se seguiu, havendo então muitas pessoas vivas que antes d'elle eram herdeiros; os quaes todos depois faleceram para elle vir herdar.

E sendo já o senhor D. Manoel em Freixinal, villa do estremo de Castella: porque as taes terçarias se desfizeram, sua ida não foi mais necessaria, e se tornou á côrte. E El-Rei com toda a casa que lhe tinha dado o recolheu e criou depois em sua cama, mesa e nos conselhos e boas doutrinas, com mostranças e obras de verdadeiro amor de filho. E para ter com que sostivesse seu estado, em sua mocidade tinha já El-Rei ordenado de lhe dar o Mestrado de Avis, com grande e honrado assentimento de sua fazenda: mas logo se seguiram cousas por onde a provisão d'isso cessou, como ao diante se dirá.

## CAPITULO XLVIII

*Partida d'El-Rei d'Evora para Abrantes, e do recado do Santo Padre que lhe ahi veiu*

No mez de Julho d'este anno de oitenta e tres, El-Rei com a Rainha e o Principe e sua côrte se foi á villa d'Abrantes, onde veiu a elle um Nuncio com um breve do Papa Sixto quarto, porque por cousas e causas nelle apontadas, em que parecia El-Rei meter mão individamente nas cousas da egreja, o emprazou que por si ou seu procurador parecesse em côrte de Roma para dar d'ellas razão. De

que El-Rei mostrou receber paixão e sentimento, porque ainda lhe pareciam pendenças da desventura passada para no temporal e espiritual lhe darem fadiga, e porque El-Rei era muito livre da culpa de todas aquellas cousas, porque as mais d'ellas passaram em tempo que elle ainda não reinava, determinou desculpar-se logo ao Papa e ao Sagrado Collegio dos Cardeaes, e assi lhe respondeo pelo mesmo Nuncio, que se chamava Joanes de Merle, e ordenou logo de mandar sua embaixada honrada, e por embaixadores Fernão da Silveira, Condel-mór, e o doutor João de Elvas. Os quaes sendo já despachados para partirem, foi d'isso avisado o Cardeal D. Jorge, Arcebispo de Lisboa, que era em Roma, e por ser certificado que muita da embaixada ia fundada em reprensões e ingratidões suas de que presumia que as ditas informações contra El-Rei naceriam d'elle mesmo Cardeal, e por se em Roma não abater seu credito e autoridade que era grande, houve do Santo Padre que El-Rei fosse escuso do emprazimento. Por onde a embaixada não foi; o que o Cardeal fez mais pelo que a elle cumpria, que não pelo d'El-Rei, a que sempre teve má vontade, já em vida d'El-Rei D. Affonso seu pae, como atrás fica dito.

## CAPITULO XLIX

### *Da justiça que em Abrantes El-Rei mandou fazer na estatua do marquez de Montemór*

Estando El-Rei em Abrantes, por ser certificado que o marquez de Montemór estando em Castella, não deixava de seguir sua má vontade contra elle, com os do seu conselho e letrados orde-

nou e quiz em sua ausencia mandar fazer justiça e justiçar sua estatua nesta maneira.

Na praça da dita villa se fez um cadafalso de madeira, grande e alto, todo cuberto de panos de dó, e nelles assentos para corregedores, desembargadores e juizes, e ahi em pé meirinhos, alcaides e officiaes da justiça. E publicamente foi alli trazida uma estatua do marquez, natural como viva, que se parecia com elle, e vinhà armado de todas armas, e em cima d'ellas sua cota d'armas, e na mão direita uma espada alta, e na esquerda uma bandeira quadrada de suas armas, e ali pelos juizes lhe foram lidas em alta voz suas culpas, e logo por todolos juizes e desembargadores sentenceado que morresse por justiça morte natural, e publicamente fosse degolado.

E acabada de lêr a sentença veio um rei d'armas, e em voz alta dizia:

Por quanto vós Condestable, por vosso tão grande officio ereis obrigado a ter muita lealdade a vosso Rei, e servi-lo e ajudar a defender seus reinos, e vós não no fizestes; antes trabalhastes e procurastes por lhe offender, e lhe fostes desleal; não mereceis ter tal espada, e logo lhe foi tirada da mão, e tornou logo a dizer:—Por quanto vós marquez por vossa grande dignidade vos foi dada bandeira quadrada como a Principe, e por esta honra e dignidade que recebestes ereis obrigado guardar a honra e estado d'El-Rei vosso senhor, e servi-lo e acata-lo como natural e verdadeiro Rei e senhor, e vós tudo isto fizestes ao contrairo: tal bandeira não deveis ter, porque a não mereceis, e lh'a tomaram logo da mão, e pela mesma maneira e ceremonia lhe tiraram a cota d'armas e armadura da cabeça, e todas as outras peças d'armas até ficar desarmado em calças e em gibão.

E então veio um pregoeiro e um algoz, e com pre-

gão de justiça, em que declarava suas culpas, lhe cortaram a cabeça, de que sahiu sangue artificial, que parecia de homem vivo.

E acabada esta grande cerimonia de justiça que durou muito, se deceram todos do cadafalso; e logo foi posto fogo nelle, e a estatua e o cadafalso todo assi como estava foi queimado, cousa que pareceu espantosa.

E o marquez sendo d'isto sabedor foi mui enojado e triste, e d'ahi a pouco tempo se finou em Castella onde elle estava.

## CAPITULO L

*De como d'Abrantes El-Rei partiu para S. Domingos da Queimada e a outras partes*

El-Rei com a Rainha e o Principe, e o senhor D. Manoel se partiu d'Abrantes no fim de Setembro d'este anno, e o duque de Vizeu por ser mal sentido ficou em Thomar, e foram em romaria a S. Domingos da Queimada, que está junto de Lamego, com grande devoção pedir-lhe que por seus merecimentos Deus lhe desse filhos dentr'ambos, que El-Rei muito desejava, e lhe levaram ricas offertas que lhe offereceram.

E de Lamego se tornou a Rainha a Vizeu, e d'ahi se foi á cidade do Porto. E El-Rei foi a Villa Real e Bragança, e a alguns outros lugares de Tralos Montes e entre Douro e Minho, em que ainda não fôra, correndo montes reaes, e provendo alguns repairos de fortalezas, e assi cousas de justiça que cumpriam. E tornou-se ao Porto onde a Rainha com o Principe estava esperando, e por virem grandes invernos esti-

veram ahi até Janeiro do anno seguinte de oitenta e quatro, e do Porto se vieram a Aveiro, onde estava a Infanta D. Joanna irmã d'El-Rei, a quem elle e a Rainha falaram em casamento com o duque de Vizeu, irmão da Rainha. E por sua má ventura se não concertou, porque se então se acabara ficara mui contente e tivera maior amor a El-Rei, e não ousaram de lhe danar a vontade como fizeram, d'onde se seguio sua morte como logo se dirá.

E d'Aveiro veio El-Rei com a Rainha e o Principe a Santarem, onde logo veio o duque de Vizeu, que ficara em Thomar. E passada a Pascoa se fizeram de dia e de noite muitas festas de toiros, canas e danças, tudo em muita perfeição, e com grandes festas.

## CAPITULO LI

### *Do que aqui em Santarem aqueceo a El-Rei de noite*

Nos paços de Santarem estando El-Rei com a Rainha na cama, depois de todos repousados, acerca da meia noite dormindo já El-Rei, bateram á porta da camara onde jazia. Acordando perguntou quem era, e não lhe responderam; ficou enleado cuidando o que podia ser; d'ahi a pouco tornaram a bater, e elle se levantou mui manso, e vestio um roupão, e tomou uma espada e uma adarga, e uma tocha acesa na sua mão, e foi muito passo só abrir a porta, e em na abrindo sentio ir diante si homem que abrio outra porta, e elle depôs elle, lhe foi o homem fugindo abrindo todalas portas até os desvaos dos paços, que é cousa tão carregada, que de dia se carrega qualquer pessoa d'andar só por elles,

quanto mais de noite, e a taes horas, e mais havendo ahi suspeita que alli sentia cousa má.

A Rainha bradou alto, e aos brados lhe acudiram mulheres que a grande pressa chamaram os fidalgos da guarda, e monteiros, que logo acudiram todos com armas, e tochas acesas, e foram achar só El-Rei nos desvaos buscando todolos cantos d'elles tão seguro e sem receio, que mais não podera ser se fôra no meio do dia. E então perante si fez buscar tudo sem ficar nada, e não se achou cousa alguma, por onde elle e todos affirmaram ser cousa passada d'esta vida; e tornou-se El-Rei então com todos, fazendo fechar as portas, tão despejado e o rosto tão seguro e alegre, que todos vinham espantados. Deu boas noites, e tornou-se a lançar na cama com a Rainha como d'antes jazia, e não deixou por isso de repousar e dormir.

## CAPILULO LII

*De como se começou o caso em que o duque de Vizeu foi contra El-Rei*

Em Santarem se começou a praticar e tratar a segunda deslealdade contra El-Rei, d'onde se seguiu a triste e rebatada morte do mallogrado duque de Vizeu. A qual naceu mais de crêr perversos e errados conselheiros, que de sua condição, porque d'El-Rei nunca recebeu escandalo nem agravo para que com rasão lhe devesse de querer mal, mas a má inclinação e o odio dos que o nisso metiam, mais por seus proprios odios a El-Rei que por desejarem de elle reinar, como lhe faziam crêr com uma esperança vã e desordenado desejo, o cegaram de ma-

neira, que lhe fizeram esquecer que El-Rei era seu natural Rei e senhor, e que o criara como filho, e honrara como irmão, e que era seu primo com irmão, e irmão da Rainha sua mulher, filho do Infante D. Fernando seu tio. Pelas quaes cousas elle mais que outra nenhuma pessoa tinha razão de com verdadeira lealdade, obediencia e amor, servir e acatar El-Rei em tudo o que a sua vida, honra e estado real e bem de seus reinos cumprisse.

E não lhe lembravam que o fizeram meter na conjuração dos primeiros que a desobediencia e destruição d'El-Rei tratavam, e sendo elle nella comprendido e posto em seu poder, El-Rei por suas muito grandes virtudes, movido mais de piedade e misericordia que de ira nem rigor, e havendo tambem respeito a sua pouca idade, e pelo da Rainha, não quiz olhar suas culpas por saber que então não naciam d'elle, e quiz mais perdoar-lhe como pae, que castiga-lo como Rei, que se então quizera seguir inteiramente a ordem de justiça, por ventura o podera bem fazer.

E não sómente levou então contentamento de lhe tudo perdoar como atrás fica dito, mas para sua grandeza de animo e real condição levava El-Rei gosto em o aconselhar com amor, e honrar, e favorecer; mas tanto bem não aproveitou ao mal que se seguio. Porque o mal afortunado do duque por algum secreto juizo não pôde aqui em Santarem fugir a outros danados e peores conselheiros, que fazendo-lhe crêr que andava preso, e fóra de sua liberdade, com uma esperança de sem rasão e sem causa o fazerem Rei, o fizeram inclinar e consentir, a contra Deos e toda razão quererem matar El-Rei seu verdadeiro senhor, e não lhe lembrava, nem elle se queria lembrar que devia a El-Rei a vida que Deos lhe dera, o que em sua memoria devera d'andar para sempre com verdadeiro

amor e lealdade, e não devera estimar tão pouco aquelle tão real, tão grande, e piedoso perdão que com puro amor, e sem necessidade alguma lhe tinha feito em Evora, mas os grandes pecados de seus diabolicos conselheiros o traziam enleado com tanta indignação, que este tamanho bem lhe fazia crêr que era mal. E não lhes lembrando Deos, nem a obediencia, amor, e lealdade que a El-Rei deviam ter, pois era seu Rei natural, e filho d'El-Rei D. Affonso, que a muitos d'elles tinha feito grandes senhores e grandes mercês, e assi as grandes virtudes e perfeições d'El-Rei, e as muitas e grandes mercês que a muitos d'elles tinha feitas.

E esquecidos de si mesmos, de suas honras e vidas, e da nobreza de seus sangues, e assi do grande perigo em que se metiam, tratavam em matar El-Rei a ferro ou com peçonha, e seus reinos tiral-os ao Principe seu filho a quem de direito vinham, para os ter quem contra justiça, e toda razão os queria tomar. Mas Nosso Senhor Deos por sua grande misericordia e pela innocencia e grande devoção d'El-Rei tornou tudo isto ao contrairo do que elles tinham ordenado, e guardou sempre a vida d'El-Rei, por quão bem elle guardava a justiça e verdade, e seus mandamentos, e por quão verdadeira fé tinha, que verdadeiramente vêr quão só El-Rei era, e elles tantos e tão principaes pessoas, e tão chegados a elle, e tantas vezes o cometerem fóra e em casa, e elle sempre escapar, não é de crêr senão que foi por misterio de Deos, a que El-Rei sempre primeiro que tudo sua vida e suas cousas encommendava. E o triste, desastrado, e mal afortunado caso foi n'esta maneira que se segue.

O duque de Vizeu pousava fóra da cerca de Santarem nas casas do Arcebispo de Lisboa, que são junto com o mosteiro de S. Domingos das Donas. E

o Bispo d'Evora D. Garcia de Menezes, digno de muito grande culpa, pois tanta cavallaria e tantas letras, fidalguia, rendas e outras muitas e boas partes tão mal soube aproveitar, pousava nas casas de um Affonso Caldeira, junto com o postigo de Santo Estevão, d'onde secretamente sahiu a falar com o duque, e com elle D. Fernando de Menezes seu irmão. E assi foram Fernão da Silveira, escrivão da puridade d'El-Rei, e filho do barão d'Alvito, e D. Guterrez Coutinho, filho do marichal, a quem El-Rei tinha dado havia bem pouco a encommenda de Cezimbra, e D. Alvaro d'Atayde, irmão do conde d'Atouguia, e do Prior do Crato, e seu filho D. Pedro d'Atayde, e o conde de Penamocôr D. Lopo d'Albuquerque, e Pero d'Albuquerque seu irmão, Alcaide-mór do Sabugal. Os quaes todos foram os sabedores e consentidores d'esta deslealdade e traição. Ainda que mui claramente se provou que D. Fernando de Menezes sómente quando pelo duque com quem vivia, e pelo Bispo seu irmão lhe foi descuberto, lhe pesou muito de o saber, e com palavras de lealdade e muita prudencia, sempre como bom portuguez e fiel vassalo d'El-Rei o estranhou muito, e contradisse gravemente, porém não no descubriu por ser criado do duque.

E depois da Pascoa passados alguns dias, El-Rei com a Rainha e o Principe com sua côrte se partiu para Setuvel, e foi pelas lezirias a montes e a caças, com muitos banquetes, prazeres, festas e todos estes com elle, e outra nobre gente.

## CAPITULO LIII

*De como foi a morte do duque de Vizeu*

El-Rei foi primeiramente avisado d'este caso por Diogo Tinoco, homem fidalgo, a quem o Bispo d'Evora por ter por manceba uma Margarida Tinoca sua irmã, a quem queria muito grande bem, e por confiar muito nelle lhe deu d'isso parte. E Diogo Tinoco logo o mandou descubrir a El-Rei por Antão de Faria, e depois disse per si miudamente a El-Rei no mosteiro de S. Francisco de Setuvel, vestido em habito de frade por maior dissimulação. A quem El-Rei com palavras e obras muito o agradeceu e satisfez como tão leal e proveitoso aviso merecia. E lhe deu logo juntamente cinco mil cruzados em ouro, e seiscentos mil réis de renda em beneficios logo nomeados, pelos quaes logo mandou despedir as letras, mas não houveram effeito, porque antes de despedidas, o dito Diogo Tinoco falleceu.

E depois foi El-Rei de tudo avisado por D. Vasco Coutinho, filho do Marichal, e irmão do dito D. Guterrez, o qual D. Vasco por descontentamentos que tinha d'El-Rei, estava neste tempo despedido d'elle para se ir fóra do reino. E D. Guterrez pesando-lhe da ida do irmão, e havendo por cousa certa a morte d'El-Rei com que sua ida seria escusada, lhe mandou pedir muito que antes de se partir se visse com elle em Cezimbra, onde se viram, e D. Guterrez por lhe não descubrir a causa principal de seu fundamento, lhe disse que o mandara chamar sentindo muito seu despedimento e partida, e lhe pediu muito que estivesse ali alguns dias, nos quaes trabalharia remediar

com El-Rei seus aggravos, com que sua ida se escusasse.

E porque D. Vasco o não quiz fazer, parecendo-lhe que eram delongas, D. Guterrez pelo segurar lhe descubriu inteiramente todo o caso, e D. Vasco lhe disse então que ficaria e seria com elle nisso.

E tanto que o soube, lembrando-lhe sua lealdade e fidalguia, e a longa criação que d'El-Rei recebera, e não os aggravos e pouca mercê que dizia que d'elle tinha recebida, por onde era d'elle despedido, determinou logo como bom, verdadeiro, e leal vassallo descubrir tudo a El-Rei. E mui secretamente por meio d'Antão de Faria se vio com El-Rei, a quem meudamente tudo descubriu, e que o que tinham determinado era matarem-no a ferro, e recolherem o Principe por mar a Cezimbra, e que por logo com elle sossegarem o reino o levantariam por Rei, e que o seria emquanto o duque quizesse, o que ficaria em sua mão e vontade.

E sabendo El-Rei tudo isto tão meudamente por taes duas pessoas, o dissimulou de maneira que nunca foi sentido, por esperar mais inteira prova, e porém andava mui a recado armado mui secretamente, e sempre com espada e punhal, e a cavallo, e nunca em mula, porém tudo feito com tanta prudencia e dissimulação, que nunca sentiram o que elle sentia.

E quando D. Guterrez disse ao duque e aos que com elle eram, como D. Vasco seu irmão se não ia, e era metido no caso, e que tinha jurado de elle ser o primeiro que lhe puzesse o ferro, disse o bispo D. Garcia: «muito me doe o cabello de D. Vasco».

E andavam buscando tempo desposto em que o melhor podessem fazer, e dizem que uma vez o quizeram matar andando no Troino passeando a cavallo, e que El-Rei o sentiu e se poz com as costas na egreja de Nossa Senhora d'Anunciada, confiando que por diante

ninguem ousaria de o cometer, e assi esteve até que o capitão chegou com os da guarda; e que outra vez o quizeram fazer e cometer descendo por uma escada de noite para casa da Rainha, e não se acabaram de derterminar.

E d'ahi a pouco foi El-Rei a Alcacer do Sal, e sabendo o duque e os da conjuração que havia de tornar por mar em uma barca com poucos, determinaram esperal-o na praia, e ao sair dos bateis o matarem, do qual concerto e perigo ordenado El-Rei foi logo avisado por D. Vasco, que com elles era nisso. Pelo qual El-Rei mudou a vinda por mar, e se veio por terra pela Landeira, mui bem acompanhado de boa gente da sua guarda que para isso sem algum alvoroço, fingindo outra cousa, mandou aperceber. Porque depois da morte do duque de Bragança sempre El-Rei trouxe guarda da camara e dos ginetes, de que era capitão Fernão Martins Mascarenhas, que nestes feitos em que a vida d'El-Rei e bem dos reinos pediam, sempre servio continuadamente muito bem e lealmente, e pessoa de que El-Rei muito confiava.

Chegou El-Rei a Setuvel sexta feira XXII dias do mez d'Agosto de mil quatrocentos e oitenta e quatro. E o duque sabendo que El-Rei vinha por terra não no esperou em Setuvel, e foi-se a Palmella onde estava aposentado, elle e a Senhora Infanta sua mãe.

E ao outro dia, sabbado, mandou El-Rei chamar o duque a Palmela, o qual dizem que veio com muito pejo, e em se cerrando a noite El-Rei o chamou a sua guarda roupa, que era nas casas que foram de Nuno da Cunha, em que então El-Rei pousava, onde o duque entrou só sem alguma pessoa entrar com elle, e sem se passarem muitas palavras El-Rei por si o matou ás punhaladas, sendo a tudo presentes e para isso

escolhidos D. Pedro d'Eça, Alcaide-mór de Moura, e Diogo d'Azambuja, e Lopo Mendes do Rio.

E esteve assi morto secretamente sem se ouvir rumor nem cousa alguma até que El-Rei mandou cerrar as portas da villa, e pôr nellas grandes guardas, e mandar muita gente por fóra da villa guardar os caminhos, e mandar em Setuvel pregoar grandes e temerosos pregões, e fazer muitas e grandes diligencias para se haverem os outros todos da conjuração, que foi uma noite de muito grande terror e espanto, e sobre tudo muito grande tristeza, porque quasi a todo Portugal tocava a desaventura d'aquelles que nisso eram culpados, por serem pessoas tão principaes.

Foi o corpo do duque assi vestido como estava levado ante manhã á egreja principal da villa, em um cadafalso cuberto de panos de dó, e jouve no meio da egreja descuberto á vista de todo o povo até á tarde que o enterraram.

E de sua morte foi logo feito um auto por o doutor Nuno Gonçalves, como juiz, e por Gil Fernandez escrivão da camara d'El-Rei, em que El-Rei verbalmente disse as causas e razões que tivera para matar o duque, que logo foram escriptas, e por ellas logo perguntadas por testemunhas o dito D. Vasco e Diogo Tinoco, que com seus ditos aprovaram e justificaram a morte do duque.

## CAPITULO LIV

*Da mercê que El-Rei fez ao senhor D. Manuel irmão do duque, do mestrado de Christus e ducado de Beja*

E logo sem delongas nem esperar que algum lhe falasse, El-Rei mandou chamar o Senhor D. Manoel que então jazia doente, e com elle Diogo da Silva seu aio, vindo elle mui temorisado por o dia ser de tanto temor e espanto.

E El Rei lhe disse que elle matara o duque seu irmão, porque elle duque com outros o quizeram matar, e porque todalas cousas que elle em sua vida tinha, por sua morte ficavam livremente á sua corôa, e elle de todas d'ali em diante lhe fazia mercê e pura doação para sempre, porque Deos sabia que elle o amava como a proprio filho, e lhe dizia que se o proprio seu filho falecesse sem outro filho legitimo que o socedesse, que d'aquella hora para então o havia por seu filho herdeiro de todos seus reinos e senhorios, e isto de uma parte e da outra foi dito e ouvido com muita tristeza e lagrimas, porque El-Rei muita parte d'estas desaventuras attribuia a seus pecados, posto que fossem por culpas alheias.

E o Senhor D. Manuel com muito acatamento poz os joelhos em terra, e lhe beijou por tudo a mão, e assi Diogo da Silva seu aio, e El-Rei mudou-lhe o titulo de duque de Vizeu por se não intitular como seu irmão, e houve por melhor que se intitulasse duque de Beja e senhor de Vizeu, como d'ahi em diante se chamou.

E logo nesta mesma fala El-Rei tocou ao duque

em querer para si as villas de Serpa e Moura, e que por ellas lhe daria dentro no reino mui inteira satisfação, e assi apontou nas saboarias do reino que tinha, em que por ventura haveria mudança, porque as havia por opressão dos povos, e por carrego de sua consciencia. E tambem lhe disse que a ilha da Madeira no que pertencia a sua corôa elle duque a teria em sua vida inteiramente, mas que por seu falecimento quando Deos o ordenasse, era razão que por ser cousa tamanha se tornasse á corôa, e aos Reis d'estes reinos que os socedessem. As quaes palavras que El-Rei então disse ao duque foram todas pronosticos do que ao diante se vio, pois tudo foi como elle então o disse.

O Bispo d'Evora ao tempo da morte do duque estava com a Rainha, e ahi o foi chamar da parte d'El-Rei o capitão Fernão Martins, e em sahindo fóra foi logo preso, e levado com muita gente e muito recado ao castello de Palmella, e metido em uma cisterna sem agua que está dentro na torre da menagem, onde d'ahi a poucos dias falleceo, e dizem que com peçonha.

E na mesma noite foram presos por mandado d'El-Rei, D. Fernando de Menezes, e D. Goterrez, e foram trazidos diante d'El-Rei na relação, onde D. Fernando fez uma fala a El-Rei mui elegante, como homem mui prudente, e esforçado cavaleiro, e mui isento, na qual disse algumas palavras a El-Rei de que houve desprazer, e por isso se não houve com elle piedosamente como tinha em vontade, e mandou que por justiça se determinasse seu feito, e foi julgado á morte e degolado na praça de Setuvel.

E D. Goterrez tambem quiz fazer fala, e falou tão mal com palavras piedosas, que El-Rei o não quiz ouvir e o mandou tirar de diante de si. E porque D. Vasco seu irmão tinha já pedido a El-Rei que não

morresse por justiça, El-Rei mandou levar o dito D. Goterrez preso á torre d'Avis, onde tambem logo morreu, e segundo fama não morte natural senão artificial.

E D. Pedro d'Ataide sendo fugido de Setuvel, e indo caminho de Santarem, foi no caminho preso, e trazido a Setuvel, onde contra elle foi ácerca de suas culpas processado, pelas quaes pela justiça foi publicamente degolado e feito em quartos.

E Fernão da Silveira foi escondido em uma casa dentro em uma cova por segredo e fiança de um cavalleiro que fôra criado de seu pae que se chamava João de Pegas, que nunca se corrompeu: nem por temor das mortaes penas d'El-Rei a quem o escondesse, nem por suas promessas e grandes mercês a quem o descubrisse. E na pousada de Fernão da Silveira foi achada uma sua borjoleta com muitos cruzados, que por mandado do duque recebera, de que já despendera muitos mais por aquelles da conjuração, cujos nomes e somas por suas ementas se acharam. E d'ahi a muitos dias o dito Fernão da Silveira se salvou por meio e ajuda de um mercador que se chamava Bartolo, homem estrangeiro, que pelo seu se aventurou a muito, e por mar demudado em baixos trajos foi ter a Castella, e depois sendo d'ella desterrado a requerimento d'El-Rei foi em França morto a ferro, na cidade d'Avinhão, a oito dias de Dezembro de mil e quatrocentos e oitenta e nove annos, por o conde de Palhaes, catalão, que em França tambem andava desterrado, a quem El-Rei pelo fazer por seu mandado fez mercê de muita soma de ouro, em que se primeiro concertou. E porém o conde por mandado d'El-Rei de França foi por isso logo preso em perpetua prisão, a quem os favores e requerimentos que El-Rei por elle mandou fazer não aproveitaram para

mais que para logo pelo mesmo caso não morrer por justiça, de que com muita difficuldade escapou.

D. Alvaro d'Ataide era em Santarem, onde pelos da conjuração foi acordado que estivesse com muita gente, que com dissimulações recolhia, para que tanto que da morte d'El-Rei, ou d'algum alevantamento contra elle fosse certificado, logo recolhesse ao castello a Excellente Senhora D. Joana, que então estava no mosteiro de Santa Clara da dita villa, porque para uma cousa e para a outra se o caso sobreviera, tinha já as cousas aviadas e postas em ordem astuciosamente. Porque sobre o recolhimento d'esta senhora tinham esperança d'ajuda e favor dos Reis de Castella, a quem segundo fama tudo isto era revelado.

E por D. Alvaro ser homem mui sabedor e de muito credito e autoridade, estava em Santarem com esta empresa, mas como da morte do duque foi avisado, como sesudo que era, se poz logo em salvo e se foi para Castella, onde sempre andou em vida d'El-Rei, e depois por El-Rei D. Manoel, que santa gloria haja, foi a estes reinos tornado com sua honra, e restituido ao seu. Porque na verdade muito menos culpa e caso era estar D. Alvaro em Santarem, posto que estivesse por parte do duque e em ajuda sua, que a dos outros que com suas proprias mãos queriam matar seu Rei e senhor, de quem muitas e grandes mercês tinham recebidas, que D. Alvaro ainda que consentisse em o fazerem, não no quiz elle fazer nem vêr fazer, e por isso estando El-Rei em Setuvel, estava elle em Santarem.

E depois de assi ser nestes reinos casou com D. Violante de Tavora, mulher de mui nobre geração; e houve d'ella um filho que se chama D. Antonio d'Ataide, que ora é conde da Castanheira, senhor de Povos e Chileiros, alcaide mór de Alegrete e de Co-

lares, e veador da fazenda d'El-Rei nosso senhor, homem de muito grande estima e muito aceito a El-Rei, de muita valia e tão bom saber, que sendo mancebo alcançou todas estas cousas, e muita renda per si, segundo seu contino serviço, e o grande amor que lhe El Rei tem e a muita confiança que tem nelle, se espera alcançar outros maiores.

E Pero d'Albuquerque fugindo, foi logo preso em Lisboa e trazido á casa da suplicação, onde foi contra elle processado e ouvido perante El-Rei, a que fez uma grande fala mui eloquentemente, que falava muito bem, na qual alegou muitos serviços e grandes feitos em armas, que era valente cavalleiro. E nada lhe aproveitou, porque emfim por o caso foi julgado a morte e publicamente degolado em Montemór-o-Novo.

E o conde de Penamacôr se acolheu e lançou logo na dita sua villa. E quando El-Rei ia ao Sabugal, como ao diante se dirá, tornando-se El-Rei de Castello Branco para Santarem, o dito conde com seguro real lhe veiu fallar no logar das Cortiçadas, que se ora chama Proeça a Nova, e porque se não quiz pôr a direito como El-Rei queria, se despediu d'elle e de seus reinos, e com sua mulher e filhos se foi para Castella, e depois em Roma, e fóra de Hespanha andou em muitos reinos cometendo contra El-Rei muitas cousas, até que tornou outra vez a Castella, onde acabou como adiante se dirá.

## CAPITULO LV

*De como El-Rei mandou notificar á Infanta a morte do duque seu filho*

Ao tempo da morte do duque de Vizeu, a Senhora Infanta D. Beatriz sua mãe estava em Palmela, a quem El-Rei pelo doctor Nuno Gonçalves, do desembargo, pessoa de muitas letras e autoridade, e por Gil Fernandes seu escrivão da camara, pessoas de que confiava, lhe mandou logo notificar a morte do filho, e mostrar as causas e culpas do caso, para vêr as razões que tivera de o matar: e assi lhe mandou levar e mostrar a grande e liberal doação que a seu filho o Senhor D. Manuel tinha feita. Pedindo-lhe e encommendando-lhe muito com palavras de muita prudencia, cortesia e honestidade, que se confortasse e houvesse paciencia. E ella vio e ouviu tudo com muita dôr e tristeza, e com muitas lagrimas respondeu com palavras que ainda que fossem de Princesa desconsolada, foram com muito soffrimento e honestidade, e de mulher muito inteira como ella o era.

E logo na noite da morte do duque, El-Rei mandou fazer as diligencias que cumpria para se haverem suas fortalezas, como houveram todas sem alguma duvida nem resistencia, e assi as dos que com elle eram: salvo a fortaleza do Sabugal, muito forte, e no estremo, em que estava D. Caterina, mulher de Pero de Albuquerque, que sabendo da prisão de seu marido a não quiz entregar; e para El-Rei atalhar e remedear isto, mandou logo diante D. Pedro de Noronha seu mordomo-mór, homem de muita autoridade,

que cercasse como logo cercou o Sabugal; e El-Rei se aparelhou para ir logo após elle, e foi em pessoa, e chegou até Castello Branco, onde com elle se ajuntou logo muito boa gente do reino mui aparelhada d'armas e bons cavallos. E d'alli não passou mais adiante, porque D. Caterina como soube de sua ida, entregou logo o castello; e El-Rei lhe fez mercê da fazenda do marido, que por sua deslealdade tinha perdida.

## CAPITULO LVI

*Embaixada que aqui em Castello Branco veiu a El-Rei, d'El-Rei e da Rainha de Castella*

Em Castello Branco vieram a El-Rei por embaixadores d'El-Rei e da Rainha de Castella o Bispo de Cordava, pessoa de grande auctoridade, e Gaspar Fabra, valenciano, homem mui honrado. E ao que principalmente vinham era requererem restituição dos filhos do duque de Bragança que andavam em Castella em casa da Rainha.

E porque ao tempo da partida dos ditos embaixadores, os Reis não sabiam da morte do duque de Vizeu, El-Rei temporisou com elles ácerca de seus requerimentos, e deixou sua determinada resposta com a outra sua embaixada que sobre isso, e sobre outras cousas enviou depois por Fernão da Silveira, e com elle Estevão Vaz, com escusas boas e de receber para os requerimentos passados, e para sobre isso não deverem mais falar, lhes lembrava que a successão d'estes reinos se esperava vir a seus filhos de ambos, entre quem o casamento era concertado, á que a semelhante restituição muito perjudicaria.

E em Castello Branco adoeceu El-Rei, e pelo perigo supito em que esteve, teve maginação que fôra de peçonha; e de Castello Branco ainda doente se veio ás Cortiçadas, e d'ahi pelo Tejo a Fundo, até Almeirim, onde depois de são se foi a Montemór-o-Novo com toda sua côrte, em que esteve até o Janeiro do anno de oitenta e cinco.

E em Montemór-o-Novo fez El-Rei novamente conde de Borba D. Vasco Coutinho, pelo leal e assinado serviço que lhe fez em lhe descobrir o caso do duque de Vizeu, estando d'elle despedido, como atrás fica dito. E deu-lhe a dita villa e condado de juro e herdade, para quantos d'elle decendessem, e mais lhe deu o castello e Reguengos d'Estremoz com outras rendas, e seu honrado assentamento, e sempre lhe fez muita honra, favor e mercê como elle o merecia, que foi homem mui honrado, muito nobre e muito bom cavalleiro, e outras muito boas partes.

E de Montemór por começarem de morrer nelle de peste, que neste tempo era no reino geral, El-Rei se foi a Viana d'Alvito, e d'ahi a Beja.

E neste tempo em que El-Rei tinha tanto escandalo e odio ás cousas do duque de Bragança e do duque de Vizeu, não havendo no reino outro parente chegado senão D. Affonso, filho do marquez de Valença, e primo com irmão da Infanta D. Beatriz e do duque de Bragança; sendo D. Affonso bem mancebo lhe deu o bispado d'Evora livremente sem pensão, nem deixar cousa alguma que tivesse. O qual bispo foi pessoa singular de muitas letras e auctoridade, e grão senhor.

E d'elle ficaram dois filhos e uma filha, o primeiro foi D. Francisco de Portugal, conde do Vimioso e senhor d'Aguiar, veador da fazenda d'El-Rei e camareiro mór do Principe, homem de muito credito e au-

ctoridade, mui sesudo e prudente, e de muito bom conselho, casado com uma filha do senhor D. Alvaro, mui virtuosa e honrada senhora. E o segundo D. Martinho de Portugal, que ora é Arcebispo do Funchal e Primás das Indias, mui magnifica pessoa, e a filha se chamava D. Beatriz de Portugal, a quem o pae deu cincoenta mil cruzados para seu casamento, e sendo mulher moça não quiz casar, e fez tudo em um morgado e o deixou e trespassou em D. Affonso de Portugal seu sobrinho, filho do dito conde seu irmão.

E este bispo D. Affonso começou em Evora um grande e honrado collegio com muita renda, e obra mui virtuosa, e em o começando se finou. E na Sé fez muitas e reaes obras, e deu mui riquisimos ornamentos.

E sentindo se El-Rei tanto de Fernão da Silveira, que dentro em França o mandou depois matar, com grandes dadivas a quem o matou, porque Fernão da Silveira era homem de muito preço e valia, e de muito boas calidades, disse um dia perante muitos á mesa, que Fernão da Silveira era tal, que não iria a parte alguma onde lhe não fizessem muita honra.

E do Bispo D. Garcia disse El-Rei muitas vezes bem, dizendo que era muito bom cavalleiro, e grande letrado, e tinha outras boas partes: e eu lh'o ouvi por vezes. E assi disse tambem a algumas pessoas, que quizera antes perder muito, que ter mandado matar D. Fernando de Menezes, posto que por justiça fosse julgado.

E por D. Alvaro de Atayde disse, quando foi a sua grande entrada de Lisboa, indo debaixo do palio: — «Não se póde negar que sem D. Alvaro Lisboa não presta para nada». E isto dizia porque D. Alvaro por ser mui principal, sempre nos taes dias levava os Reis pelas redeas, e era tão sabedor, cortesão e gracioso, que elle por si fazia festa.

E era El-Rei tão virtuoso, tão justo, tão verdadeiro, que ainda que quizesse mal a alguem, não lhe tirava sua honra se a tinha; nem deixava de dizer algumas boas partes se as nelle havia, e isto por sua grandeza de animo e mui real condição.

## CAPITULO LVII

### *Da mudança que El-Rei fez no escudo real de suas armas, e das novas moedas que mandou fazer*

Em Beja teve El-Rei conselho sobre as moedas que havia de fazer, e ainda não tinha feitas: para as quaes enovou e ordenou algumas cousas no real escudo de suas armas. E a primeira mudança foi, que tirou do dito escudo a cruz verde da ordem d'Avis que nelle por grande erro como parte d'armas sustanciaes andava já encorporada: porque El-Rei D. João o primeiro seu visavô, antes que devidamente, e por auctoridade Apostolica se intitulasse Rei dos reinos de Portugal e do Algarve, era Mestre d'Avis. E depois de ser Rei, tomou por devoção da ordem assentar o escudo das armas de Portugal sobre a cruz verde, com as pontas d'ella fóra do escudo, na bordadura, como ainda em suas obras e mui excellente sepultura no mosteiro da Batalha hoje em dia se vê.

E depois por descuido ou pouco aviso dos Reis d'armas, andou assi muito tempo em vida d'El-Rei D. D. Duarte e d'El-Rei D. Affonso, e por tirar isto que parecia mal, El-Rei a mandou então tirar de todo fóra. E assi mandou mudar os cinco escudos de dentro; porque os dois das ilhargas andavam atravessados com

as pontas debaixo para o do meio; que parecia cousa de quebra, e os poz todos direitos com as pontas para baixo, da maneira em que agora andam.

E neste anno e tempo se intitulou El-Rei primeiramente em seu titulo Senhor da Guiné, como agora anda.

E assi fez neste anno de oitenta e cinco, no mez de Junho as primeiras suas moedas, s. moeda d'ouro, a que chamou justo, e era de lei de vinte e dois quilates, e de peso de seiscentos réis, e tinha de uma parte o escudo real direito, com letra de redor do nome, e titulo d'El-Rei, e da outra parte El-Rei armado de todas armas assentado em cadeira real e o cetro na mão, e a letra dizia: *Justus ficut Palma florebit.*

E assi mandou fazer outra moeda d'ouro que se chamava espadim, que era da lei dos justos, e da metade do preço e peso d'elles, que era trezentos réis, e tinha de uma parte o escudo real, com o nome e titulo d'El-Rei, e da outra uma mão com uma espada nua com a ponta para cima, e por letra derredor: *Dñ' proctector vitæ meæ à quo trepidabo.*

E estes espadis mandou fazer d'este nome e por devoção e lembrança da conquista d'Africa, que sempre com a espada na mão se fez, e prosegue por honra e exalçamento da Fé de Nosso Senhor Jesu Christo.

Fez tambem vintens e meios vintens de prata, e de cincos, de lei de onze dinheiros, e de preço de vinte réis e de dez e de cinco: e fez outros espadis de cobre, da feição e grandura dos de ouro, e eram prateados, de preço de quatro réis.

E assi deu novo crecimento á valia da prata, que mandou geralmente que valesse o marco d'ahi em diante a dois mil e duzentos e oitenta réis; e a este preço se fizeram os ditos vintens. E assi se lavraram em seu tempo mais que outra nenhuma moeda os

cruzados da propria lei e peso que ora são; porém valiam a trezentos e noventa réis cada um, que os dez réis de mais com que ora tem valia de quatrocentos, El-Rei D. Manoel, que santa gloria haja, lh'os acrecentou na valia no anno de quinhentos e dezasete. E em tempo d'El-Rei valendo a trezentos e noventa, eram tantos em todo o reino que davam por trocar um cruzado cinco reaes, e ficavam em valia de trezentos e oitenta e cinco; e havia no reino em todalas cidades e villas principaes, trocadores que ganhavam muito nisso, os quaes agora não ha, porque dão pelos cruzados quem os ha mester, a quatrocentos e dez reaes.

## CAPITULO LVIII

### *Da embaixada que El-Rei mandou com a obediencia ao Papa Innocencio VIII*

NESTE anno estando El-Rei em Setuvel, lhe veio recado como era fallecido o Papa Xisto V, e assi da nova criação do Santo Padre Innocencio VIII por seu breve. A que logo ordenou mandar sua acostumada obediencia, e lhe mandou com ella por embaixadores D. Pedro de Noronha seu mordomo mór, e comendador-mór da ordem de Santiago, e o doctor Vasco Fernandes de Lucena do seu conselho, grande letrado e muito bom orador, e Ruy de Pina por secretario, e muitos fidalgos e cavalleiros, e mui honrada companhia; e foram por terra até Roma, onde foram muito honradamente recebidos de toda a côrte de Roma, e a obediencia foi dada em consistorio mui solemnemente por o doctor Vasco Fernandes, que fez uma muito elegante oração, com grandes e

verdadeiros louvores do Papa e dos Reis de Portugal.

E as cousas que em nome d'El-Rei se requereram o Papa por meio do Cardeal de Portugal, que era seu protector, fez todas com muito amor e boa vontade, e entre as muitas graças e cousas que se concederam foram estas as principaes:

Primeiramente a Cruzada para a guerra d'Africa, com grandes indulgencias e remissões de peccados aos que para ella dessem certa soma logo taxada, segundo as calidades das pessoas, e valia das fazendas de cada um; e assi licença para nos castellos do extremo d'estes reinos se poderem dizer missas em logares honestss sem perjuizo das igrejas e parochias. E outra tal licença para nas casas de justiça, que são da supplicação, e do civel, tambem se poderem dizer para sempre missas. E licença a El-Rei para poder tomar em um só esprital todolos espritaes de Lisboa, que eram muitos; e assi os de Santarem e Evora. E tambem grandes indultos e beneficios para capellães d'El-Rei, da Rainha e do Principe, e outras muitas graças particulares.

E neste anno querendo El-Rei que em seus reinos houvesse muitas armas, e prover todos os vassallos d'ellas, de que havia necessidade, mandou fazer e trazer de fóra a sua custa, uma grande soma de lanças compridas, e um grande numero de couraças de muitas sortes, e as mandou lançar pelo reino segundo cada um devia ter; e pela paga deu a todos em geral uma honesta espera em que pagassem.

## CAPITULO LIX

*Das galés de Veneza que tomaram os francezes, e do que El-Rei fez aos venezeanos*

NESTE anno foram ao cabo de S. Vicente tomadas e roubadas de francezes quatro galés de Veneza que iam muito ricas para Flandres. E o capitão mór e capitães d'ellas muito feridos e roubados e maltratados, foram lançados em Cascaes, onde então estava D. Maria de Menezes, condessa de Monsanto, e El-Rei era em Alcobaça, e a Rainha em Cintra, aos quaes capitães a condessa fez muita honra, e mandou mui bem agasalhar, e os proveu de bestas e dinheiro, como mui virtuosa e nobre pessoa, e por saber que El-Rei o havia assi d'haver por bem : os quaes se foram esperar El-Rei a Cintra, onde a Rainha os mandou agasalhar e prover, com grande honra e muita abastança, como a sua grandeza convinha.

E como El-Rei chegou e soube como o dito capitão mór e capitães vinham de todo desbaratados, não nos quiz vêr nem ouvir até primeiro lhe mandar ás pousadas vestidos inteiros e dobrados, de sedas e ricos panos, com todalas outras cousas que para elles e para os seus eram necessarias, e assi cavalos e mullas em que andassem. E lhe mandou dizer que para homens tão honrados e tanto seus amigos falarem a tal Rei, não era razão que ante elle viessem com menos atavios, porque sendo d'outra maneira parecia que seus reinos lhe eram estranhos, o que muito sentiria. Porque pela antiga amisade que elle e os Reis seus antecessores tinham com Veneza, todos os de sua na-

ção deviam d'haver e estimar seus reinos e senhorios por propria sua terra. E assi foram ante El-Rei, que com muita honra os recebeo, e elles em suas palavras e obras mostraram serem em tudo gente nobre e bem agradecida; e com palavras d'homens prudentes deram conta a El-Rei de sua perda e estrema necessidade.

E El-Rei se lhe offereceu a todo o que fosse razão; e porque os francezes tinham ainda em Cascaes as ditas galés, lhe disse que se as quizessem comprar e resgatar que lhe emprestaria para isso quarenta mil cruzados em ouro, e mais se mais quizessem.

E porque os francezes com os venezeanos senão concertaram, os francezes recolheram as mercadorias a seus navios, e venderam as galés, que El-Rei comprou e mandou levar a Ribatejo, até vêr o que a senhoria de Veneza ordenava d'ellas. E assi defendeo que nenhumas cousas que das ditas galés foram tomadas em seus reinos não fossem compradas, o que assi se cumprio. E ao despedir do dito capitão e capitães, El-Rei lhe fez a todos para ajuda do caminho mercê em muita abastança.

E neste tempo era vindo de Roma o mordomo-mór de dar a obediencia como atrás se disse, e veio por Veneza pela vêr, e a senhoria sabendo que era embaixador d'El-Rei, lhe fez mui honrado recebimento e muitas festas, e mandou a todos mui largamente aposentar, e lhe mandou ricas dadivas, tudo mui perfeitamente e com muitas palavras de grande amor e muito conhecimento das grandes mercês que os seus capitães em Portugal receberam d'El-Rei, dizendo o duque e todos os regedores que o estimavam tanto, que nunca em suas vontades o acabariam de servir.

E logo sobre isso mandaram a El-Rei por terra uma mui honrada embaixada, com mui ricos presentes e

serviços, a reconhecer e ter em mercê as muitas honras e mercês que a seus capitães fez, em que veio por embaixador um Jeronimo Donato, grande letrado, e singular orador. Que foi muito honradamente recebido, e El-Rei lhe fez muita honra, e ao despedir muita mercê de muita e muito rica prata lavrada de bastiães, e ginetes e mulas com ricos jaezes, e guarnições, muitos negros muito bem despostos e bem vestidos, e assi outras cousas que em Veneza não havia. E o embaixador se partio, elle e todos os seus com grande contentamento d'El-Rei, e assi de toda sua côrte.

E neste anno de 85, pelos muitos serviços e merecimentos de Gonçalo Vaz de Castelbranco, veador da fazenda, El-Rei pelo acrecentar fez a elle, e a seus filhos, e aos que decendessem, a mercê de D., e d'ahi em deante se chamou D. Gonçalo; e mais lhe deu assentamento de conde, e bandeira quadrada. E por a confiança que tinha de sua bondade e bom saber, lhe deu a governança da casa do civil de Lisboa, e elle foi o primeiro que teve titulo de governador, e o officio de veador da fazenda deu a seu filho D. Martinho de Castelbranco, que depois foi conde de Villa Nova.

E por fallecimento do dito D. Gonçalo seu pae, lhe fez El-Rei mercê da governança de Lisboa, e o officio de veador da fazenda deu a D. Alvaro de Castro, e por fallecimento d'El-Rei, D. Manoel que santa gloria haja, fez com D. Martinho que deixasse a governança de Lisboa a D. Alvaro, e tornasse a ser veador da fazenda, e isso com grandes promessas, e D. Martinho o fez assi, e teve com El-Rei muito grande credito e auctoridade e confiou muito d'elle, e o fez conde de Villa Nova, e o mandou com a Infanta sua filha a Saboya por capitão-mór e governador de toda a frota, e a Infanta entregue a elle, e elle a entregou ao duque, e lhe fez deixar o officio de veador da fazenda e

o fez camareiro mór do Principe seu filho, El-Rei D. João o terceiro, nosso Senhor, e o officio de veador da fazenda deu ao conde do Vimioso, e em fim deixou El-Rei por seu testamenteiro o dito conde de Villa Nova, pelo amor que lhe tinha e o que d'elle conhecia.

## CAPITULO LX

### *De como a cidade de Zamor em Africa tomou El-Rei por senhor*

No anno de mil e quatrocentos e oitenta e seis, os governadores e moradores da cidade de Zamor em Africa, temendo mandar El-Rei, ou ir sobre ella, e receando sua destruição, com acordo e procuração de todos, mandaram a El-Rei sua obediencia, e o reconheceram por seu senhor, com tributo de cada um anno de dez mil savenis. O qual recado veiu a El-Rei estando em Santarem, que foi d'isso contente, e lhe deu sua bandeira real, e em tudo se fizeram firmes contratos, que muito inteiramente cumpriram sempre em quanto El-Rei viveu.

## CAPITULO LXI

### *De como El-Rei secretamente mandava descubrir a India por terra*

Pelo muito grande desejo que El-Rei tinha do descubrimento da India, que com muito grande cuidado pelo mar mandou descubrir o longo da costa, e tinha já descuberto até além do Cabo de Boa Esperança, o quiz tambem fazer por terra, e

neste anno de 86, mandou um Affonso de Paiva, natural de Castello Branco, e outro João de Covilhã, homens aptos para isso e de que confiava, aos quaes deu largas despezas por letras para muitas partes, e suas instruções para por via de Jerusalem, ou pelo Cayro passarem a terra do Preste João, os quaes lhe levavam suas cartas em que lhe dava conta de tudo o que pela costa de Guiné tinha descoberto, para saber se algumas d'aquellas terras eram perto de seus reinos e senhorios, para por essas se poderem comunicar, e prestar e fazer com que a fé de Jesu Christo fosse exalçada, mandando-lhe notificar o grande desejo que tinha de se poderem conhecer, e terem verdadeira amizade. Os quaes partiram, e depois d'elles foram outros, com muitas despezas que El-Rei nisso fez, e em fim nunca se soube, porque nunca mais nenhum d'elles tornou até agora, que certas pessoas que da India foram ao Preste João acharam lá vivo o João de Covilhã, que pelos perigos que passou não ousou tornar.

## CAPITULO LXII

### *Da polvora que El-Rei mandou ao cerco de Malaga*

Neste anno de mil quatrocentos e oitenta e seis, estando El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel de Castella em cerco sobre a cidade de Malaga, do reino de Granada, que mui apressadamente e com muita força combatiam com armas e tiros de fogo, estando já os mouros em muita estreitesa e necessidade, e não podendo já sofrer os continos e rijos combates, falleceu no arraial a polvora, de que El-Rei e a Rainha ficaram muito tristes, porque tendo a

cidade já quasi tomada seria necessario levantarem o arraial, pois sem artelharia se não podia tomar. Pelo qual os Reis com palavras de muito amor e confiança, e com muita necessidade, mandaram pedir a El-Rei ajuda e socorro de polvora ou salitre emprestado. O qual recado chegou a El-Rei estando em Santarem, e tanto que lh'o deram, com muita pressa e diligencia, e verdadeira vontade, mandou logo armar uma grande caravella na qual lhe mandou por Estevão Vaz uma grande soma de polvora e salitre, tudo de graça, com grandes offerecimentos de sua pessoa e seus reinos e cousas d'elles, para tudo o que cumprisse para uma tão sancta empresa. Com o qual recado e socorro El-Rei e a Rainha e todo o arrail receberam muito grande prazer e contentamento, e o estimaram tanto como se tomaram a mesma cidade, e d'ahi a poucos dias por caso do dito socorro logo a tomaram. E assi o mandaram dizer a El-Rei pelo mesmo Estevão Vaz, a que fizeram muita honra e muita mercê.

## CAPITULO LXIII

### *De como foi preso D. Alvaro de Souto Maior com suspeita de traição*

D. Alvaro de Souto Maior, filho de D. Pedro Alvarez de Souto Maior, que foi conde de Caminha, e era galego, neste anno de quatrocentos e oitenta e seis foi preso em Lisboa por mandado d'El-Rei, com suspeita de traição. Porque um João d'Agualda, que fôra criado do conde seu pae, disse a El-Rei que o dito D. Alvaro era vindo de Castella, onde andava para o matar. Pelo que foi me-

tido a aspero tormento, para d'elle se saber a verdade, e nunca confessou cousa alguma, e porque o testemunho do dito João d'Agualda foi achado falso, foi logo preso.

E por testemunhar falsamente e em tal caso, foi por justiça degolado e esquartejado na praça de Santarem. E ao dito D. Alvaro fez El-Rei muita mercê como por sua innocencia merecia, e elle fôra de moço criado d'El-Rei.

## CAPITULO LXIV

### *De como El-Rei defendeo as sedas e brocados*

E neste mesmo anno pelos muitos e demasiados gastos que na côrte e em todo o reino se faziam em sedas e brocados, chaparias, borlados e canotilhos, El-Rei pela grande perda que o reino e seus naturaes nisso recebiam, e por escusar tamanhas despezas, defendeu e fez ordenança que em todos seus reinos e senhorios nenhuma pessoa, assi homem como mulher, de qualquer estado e condição que fossem, d'ahi em diante não vestissem mais cousa alguma das sobreditas, sómente os homens poderiam trazer gibões, carapuças e pantufos de seda, e as mulheres sainhos e cintas, e bordaduras de seus vestidos.

E por se melhor cumprir, El-Rei e a Rainha e o Principe, e o duque, nunca mais vestiram sedas, senão nas cousas sobreditas.

No que a todos deram singular exemplo e fizeram grande virtude, de que o reino recebeu muito grande proveito, e muito mais os cortezãos, a quem a lei muito aproveitou, pelos tirar de tamanhos gastos. E

porém nas festas do casamento do Principe D. Affonso com a Princesa D. Isabel, se despensou em todo a dita lei, e acabadas se tornou logo muito inteiramente a cumprir.

## CAPITULO LXV

### *De como se descubrio o reino de Beni*

O reino e terra de Beni foi primeiramente descuberta neste anno por um João Affonso d'Aveiro, que lá falleceo, e d'ahi veio a Portugal a primeira pimenta que se vio de Guiné. Da qual foi logo mandado a Flandres e foi logo havida em grande preço e estima. El-Rei de Beni mandou logo a El-Rei por embaixador um seu capitão de um lugar porto de mar, que se chamava Hugato, homem de bom saber e bom siso, e foram-lhe feitas muitas festas. O qual vinha saber novas d'esta terra por haverem por muito estranha cousa a gente d'ella, e com grandes offerecimentos foram-lhe mostradas muitas cousas das boas d'estes reinos, e El-Rei o mandou tornar a sua terra honradamente em uma boa caravella, e á partida lhe fez mercê de vestidos ricos para elle e sua mulher, e d'outras cousas.

E a El-Rei de Beni mandou por elle presente rico e de muitas cousas, que elle em sua terra havia muito de estimar. E assi lhe mandou muitos e tantos conselhos, para o tornar á fé de Nosso Senhor Jesu Christo, mandando-lhe muito estranhar suas idolatrias e feitiçarias que em suas terras os negros tinham e usavam. E assi mandou logo com elle feitores e officiaes para lá estarem, e resgatarem a dita pimenta, e outras

cousas que na terra havia. E depois por ser muito doentia, e o trato não ser de muito proveito como se esperava, a feitoria se desfez, e os officiaes se vieram.

## CAPITULO LXVI

### *De como El-Rei mandou, que as letras Apostolicas se publicassem sem serem vistas na chancelaria*

Custumava-se antigamente nestes reinos que todos os Breves e rescriptos, letras e bulas que de Roma viessem, não se fizesse por ellas obra alguma sem primeiro serem vistas e examinadas pelo Chanceler mór, e as que achava serem verdadeiras e direitamente espedidas, dava licença que se publicassem, e se darem a execução, e isto era com são e bom respeito, por se escusarem falsidades com que as partes não recebessem enganosamente perda e dano. E principalmente porque em tempo de cismas, havendo mais de um Papa como muitas vezes se vio, não se havia de obedecer nestes reinos se não ao Padre Santo de Roma.

E ao Papa Innocencio oitavo com o collegio dos Cardeaes, por lhe parecer isto cousa grave e algum tanto desobediencia e quebra de sua auctoridade, no anno de oitenta e sete mandaram requerer a El-Rei que não usasse mais do tal costume. E El-Rei por lhe obedecer como catholico Principe, e comprazer em tudo, o fez assi como lh'o mandaram pedir. De que o Papa e Cardeaes houveram muito prazer e muito contentamento, e com muitos louvores de El-Rei lh'o mandaram muito agradecer, e depois para cá sempre se fez assi.

E neste anno de oitenta e sete estando El-Rei em Setuvel, desfez os estaos da villa, que eram como em Lisboa, e soltou aposentadoria por toda a villa, e porque dos estaos, aposentadoria e emposição havia ahi dinheiro junto, El-Rei por mais nobrecimento de Setuvel, e por proveito commum, com o dito dinheiro, e com outro muito que elle deu de sua fazenda, por fazer mercê á dita villa, mandou fazer os canos d'agua que agora vem da serra á dita villa, e assim a praça do Çapal e a do Paço do Trigo, e outras bemfeitorias, em que gastou bem de sua fazenda, e nobreceu muito a villa.

## CAPITULO LXVII

*De como D. Diogo d'Almeida foi aos aduares em Africa.*

E NESTE mesmo anno de mil e quatrocentos e oitenta e sete, no mez de Agosto, mandou El-Rei fazer uma armada junto de Povos e Villa Franca, porque morriam em Lisboa então de peste. A qual era de trinta navios, em que entravam muitas taforeas, e iam nella cento e cincoenta de cavallo, todos da casa d'El-Rei, em que entravam muitos fidalgos e cavalleiros, e com elles mil homens de pé, os mais besteiros e espingardeiros. Foi por capitão-mór D. Diogo d'Almeida, que depois foi Prior do Crato, mui esforçado cavalleiro e de outras muito boas qualidades, e a El-Rei muito acceito, e com elle ia D. João de Athaide, filho do conde de Athouguia, que El-Rei mandou por segundo capitão, quando D. Diogo o não podessé ser.

E porque o ardil a que iam não houve effeito e se tornou, por não irem em vão arribaram junto da cidade de Anafé, onde o capitão por conselho dos principaes que com elle eram, mandou certos cavalleiros e besteiros de cavallo com guias espiar a terra, os quaes com grande risco foram espiar outros aduares de mouros da enxouvia, nos quaes havia alguns de muita gente, e estavam duas leguas da costa do mar. E o capitão com a mais gente que pôde, porque não poderiam tão prestes desembarcar, foi dar sobre elles, com os quaes pelejou, e sendo os mouros muito mais os desbaratou todos, e mataram novecentos mouros, e foram muitos feridos, e captivaram quatrocentas almas, homens e mulheres, que trouxeram a estes reinos, com muitos cavallos e outro muito despojo, e isto sem nenhum perigo dos christãos.

E por o feito ser tão honrado, foram ahi feitos muitos cavalleiros com muita honra sua. Da qual nova El-Rei foi mui alegre, e recebeu muito prazer e contentamento por o feito ser tal, e por ser sem perigo dos christãos. E d'este feito toda a enxouvia tomou grande temor e espanto, porque El-Rei mostrou que lhe mandara fazer este damno por desobedecerem a Muley Beljabe, seu Rei, com quem El-Rei então tinha paz, porque se dava por seu amigo e servidor. E o dito Rei se favoreceo muito com isso, e segurou seu estado; e logo sobre o caso mandou a El-Rei sua embaixada com grandes presentes, estimando muito a grande mercê que nisso recebera, e offerecendo-se-lhe para sempre estar a seu serviço, o qual recado veio a El-Rei estando em Almeirim.

## CAPITULO LXVIII

*De como Barraxe, mouro, foi desbaratado e preso por D. João de Menezes*

Neste anno de oitenta e sete, a onze dias de Outubro, Ale Barraxe, entre os mourps havido por Xarife, e muito bom cavalleiro, muito sabedor na guerra, que continuamente fazia aos christãos, homem de grande valia e senhor de muita terra, veio com quatrocentos de cavallo e muita gente de pé correr á cidade de Tanger, estando nella por capitão e governador D. João de Menezes, que depois foi conde de Tarouca e Prior do Crato, e mordomo-mór d'El-Rei.

E levando os mouros captivos alguns christãos, e todo o gado que acharam, o capitão sahio a elle com sua gente, e pelejou com o dito Barraxe tão valentemente, que o desbaratou, e mataram quarenta mouros prinçipaes, entre os quaes foi nm Cideomar, tio de Barraxe, e mouro de muita estima, e muito bom cavalleiro; e o dito Barraxe com grandes cinco feridas foi captivo e trazido á dita cidade com grande prazer dos christãos; e diante d'elle vinha a cabeça de seu tio, e por a victoria ser melhor, dos christãos não receberam perda alguma que fosse de sentimento.

A qual nova chegou a El-Rei em Santarem, de que recebeu muito contentamento e houve muito prazer, e deu a Deus muitos louvores; e a D. João mandou muitos agradecimentos como por tão honrado feito merecia, e assi aos que com elle nelle foram; e ao messageiro que a nova trouxe fez boa mercê por alviçaras d'ella.

E mandou logo fisicos ẽ sorgiães para curarem o dito Barraxe, que emquanto esteve captivo foi sempre tratado muito honradamente e sem ferros. E depois mandou Estevão Vaz, seu escrivão da camara, que depois foi feitor das casas da India e da Mina, homem de que El-Rei confiava, que com o dito D. João entendesse no resgate do dito Barraxe. O qual se concertou com elles de se resgatar por quinze mil dobras de banda, e dez captivos christãos, e vinte cavallos bons, para que logo deu filhos seus, e outras pessoas principaes de seus arrefens.

E foi solto fazendo a El-Rei concerto e capitulação de sempre ser a seu serviço, porque ao tal tempo elle estava mal e era amigo de Moleyxeque, Rei de Fez, e tinha com elle guerra, e sabia que El-Rei continuamente lh'a mandaria fazer como fazia.

E este resgate não houve effeito, porque d'ahi a poucos dias foram livremente soltos os filhos e arrefens de Barraxe, e dados por D. Antonio, filho do conde de Villa Real, que sendo capitão em Ceuta por seu pai, foi dos mouros em uma peleja mui ferido e captivo como ao diante se dirá.

## CAPITULO LXIX

### *De como El-Rei por auctoridade Apostolica mandou enquerir sobre os confessos que de Castella eram nestes reinos*

Deixou El-Rei estar nestes reinos muitos confessos e marranos, que a elles se acolheram de Castella com medo da inquerisição que se contra elles tirava, e isso com tal declaração que elles vivessem bem como bons e verdadeiros christãos.

E porque a El-Rei foi dito que entre elles havia muitos hereges e máos christãos, neste anno de quatrocentos e oitenta e sete, por auctoridade e licença do Papa, começou a entender nelles, e ordenou certos commissarios, doutores em canones, e outros mestres em theologia, que pelas comarcas do reino entenderam em suas vidas, tirando sobre isso verdadeiras inquerições, em que acharam muitos culpados, e se fez nelles muitas justiças, que d'elles foram queimados outros em carceres perpetuos, e a outros pendenças segundo suas culpas o mereciam.

E porque alguns se lançaram por mar em terra de mouros, e lá publicamente se tornaram logo judeus, El-Rei defendeu que em seus reinos e senhorios, sob pena de morte e perdimento de fazendas, pessoa alguma não passasse algum d'elles por mar. E depois deu lugar que se sahissem os que quizessem; e os capitães das náos ou navios que os levavam, davam seguras fianças de os não levarem a terra de mouros, salvo a levante, e os porem em terra de christãos, e trazerem d'isso autenticas certidões.

## CAPITULO LXX

### *De como El-Rei mandou prover e repairar as fortalezas dos estremos*

Estando El-Rei em muita paz e amizade com os Reis de Castella, como muito prudente Principe fazia sempre e ordenava suas cousas antes de haver necessidade d'ellas. E no começo do anno de mil e quatrocentos e oitenta e oito, com muito cuidado e deligencia mandou prover, fortalecer e repar-

tir todalas cidades, villas e castellos dos estremos de seus reinos: assi no repairo e defensão dos baluartes, cavas, muros e torres, como em artilharias, polvora, salitre, armas, almazens, e todalas outras cousas necessarias. E em todalas fortalezas mandou de novo fazer aposentamentos e casas para isso ordenadas.

E porque tudo isto não quiz fiar na diligencia e pouco cuidado que os alcaides podiam ter, ordenou novos officiaes móres, pessoas de credito e autoridade e bom saber, repartidos pelas comarcas, para que com muito cuidado provessem a meudo todas as ditas cousas. E para que estivessem muito bem guardadas fez em algumas comarcas novas tarracenas em que estavam muito bem concertadas e governadas.

E neste mesmo anno mandou começar a cava e gran torre de Olivença, do que aos de Castella pesou, e com muitos rogos lhe mandaram dizer e pedir, que em tempo de tanta paz, tanta amizade como entre elles havia, não se deviam de uma parte nem de outra fazer cousas de que se podesse presumir nem suspeitar que entre elles podesse haver desconcerto nem guerra, e El-Rei lhe respondeu com palavras de grande amizade e muita segurança, e porém não deixou de fazer tudo assi e na maneira que o tinha mandado começar.

## CAPITULO LXXI

***De como foi desbaratado e preso o alcaide de Alcacer Quibir por o conde de Borba, e seu resgate***

Neste anno de quatrocentos e oitenta e oito, estando o conde de Borba, D. Vasco Coutinho, degradado em Arzila, fez uma entrada em terra de mouros, sobre um ardil que um mouro lhe tinha dado falsamente, em que o conde ia vendido; e levava comsigo setenta de cavallo, em que entravam fidalgos e bons cavalleiros; e depois de serem entrados e sentidos, tornando para a villa sem fazerem cousa alguma, e vindo muito cansados e descontentes, acharam entre si e a villa o Alcaide de Alcacer Quibir, homem de grande poder e estima entre os mouros, e continuo guerreiro: E trazia comsigo quinhentas e cincoenta lanças mui escolheitas, com tenção de não escapar o conde nem alguns dos seus.

E o conde tanto que houve vista d'elle, a primeira cousa que fez foi esconder a bandeira, por os mouros cuidarem que detrás vinha mais gente com ella. E acolheu-se a um pequeno cabeço, e alli cerrados todos, lhe fez uma fala com muito esforço como mui valente cavalleiro que era, dizendo-lhe que outro remedio não tinham em suas vidas senão em pelejarem esforçadamente, porque se o assi não fizessem, um e um os tomariam ás mãos, e que fazendo elles como cavalleiros, Nosso Senhor daria sua ajuda, o que todos determinaram de fazer até morrer.

E os mouros em chegando a elles, o conde com todos deu tão rijamente nelles, que d'aquelle primeiro encontro mataram cincoenta mazaganis, homens prin-

cipaes, em que entravam dois sobrinhos do alcaide, e o alcaide foi muito ferido e preso.

E os mouros vendo quão esforçadamente pelejaram, e vendo os mortos, cuidando que o alcaide era tambem morto: e parecendo-lhe por não verem bandeira que ficava detrás mais gente, estiveram quedos sem ousarem de mais pelejar. E o conde vendo a grande mercê que Deus lhe fizera a quiz segurar, e tomando o despojo dos mortos, levando o alcaide escondido, começou com sua batalha mui cerrada de andar para a villa com muito tento, e os mouros iam após elle sem ousarem de o cometer, nem determinarem por não terem capitão. E o conde tanto que lhe pareceu que era em salvo, tendo passado o rio doce, mandou alçar sua bandeira.

E quando os mouros viram que não era mais gente que aquella, ficaram de todo mortos por tamanha mingua passar por elles, por tão poucos christãos os desbaratarem, e levarem preso seu capitão. E o alcaide quando vio a bandeira perguntou ao conde por sua gente, e elle lhe disse:

«Sabe alcaide que não trouxe mais que estes poucos, e com estes te desbaratei e captivei.»

E o alcaide ficando muito triste e maravilhado, disse-lhe:

«Conde, Deus foi hoje christão, outro dia será mouro».

E na peleja não morreu christão algum; e assi com muita honra, muito prazer e contentamento entrou o conde com o alcaide em Arzila, aonde todos cuidavam que não escapasse christão algum de preso ou captivo.

Escreveu logo o conde a El-Rei esta nova, a qual chegou em Avis, de que El-Rei teve muita contentamento. E por este tão honrado feito fez logo mercê ao dito conde da capitania d'Arzila, que ora tem seu filho o

conde D. João Coutinho: e sobre o resgate do alcaide mandou El-Rei a Arzila João Garcês, escrivão de sua fazenda, com poderes, e com o conde resgataram o alcaide em quinze mil dobras de banda, e dez captivos christãos, e vinte cavallos bons; e o alcaide deixou logo por si dezoito mouros, pessoas principaes, sobre os quaes foi solto, e elles ficaram captivos até se acabar de pagar o dito resgate. E ao conde além da mercê mandou El-Rei muitos agradecimentos com muitas palavras de contentamento, e assi aos que com elle foram, como tal feito merecia; e ao que trouxe a nova fez muita mercê.

## CAPITULO LXXII

*De como foi preso El-Rei dos romãos em Bruges e de sua soltura, e do que El-Rei sobre isso fez*

Estando El-Rei em Avis, na quaresma, no anno de oitenta e oito, lhe vieram cartas de Diogo Fernandes Correa, seu feitor em Flandres, e com ellas uma carta de crença ao dito Diogo Fernandes, de Maxemiliano, Rei dos romãos, que era primo com irmão d'El-Rei, em que lhe dava conta da grande guerra que havia entre elle e El-Rei de França, e da esperança que havia de ser muito maior, pedindo-lhe pela muita rasão que entre elles havia, e por outras virtuosas causas que lhe alegou, quizesse entre elles ser medeaneiro e os contratasse a paz.

El-Rei pela natural obrigação que a isso tinha, e por sua muita bondade e serviço de Deus, que era a principal causa entre elle, folgou muito de o aceitar, e o pôs logo por obra. E determinou logo mandar

por embaixador a El-Rei de França o doutor João Teixeira, Chanceller mór, e com elle por secretario Fernão de Pina, com honrada companhia.

Estando já despedido para partir, veiu a El-Rei outra nova certa do mesmo Diogo Fernandes, que lhe foi dada em Almeirim, bespora de Pascoa, em que lhe certificava o dito Rei dos romãos ser preso em Bruges pelos governadores da cidade, e posto em seu poder com sua vida, e estando em muito grande perigo, assacando-lhe que queria meter na dita cidade muita gente d'armas para a meterem a saco, e os matar, e roubar. Sobre o qual caso foram logo sem causa, e individamente degolados e justiçados muitos dos seus, e entre elles entraram fidalgos honrados e cavalleiros da casa do dito Rei dos romãos. Com a qual nova El-Rei mostrou muito nojo, e assi toda sua côrte.

E El-Rei por isso se vestio de panos pretos, e seus paços e da Rainha e do Principe, foram logo desarmados dos ricos panos de que estavam armados para a festa. Em que não houve tangeres nem danças, nem cousa alguma de prazer, e assi se fez sempre até vir nova de como foi solto.

E tanto que El-Rei soube de sua prisão, mandou logo que a embaixada que estava para partir não partisse. E depois de sobre o dito caso ter conselho, mandou logo por embaixador Duarte Galvão, do seu conselho, com cartas ao Imperador e a El-Rei de França, e para outras cousas que cumpriam, e com poder de desafiar e romper guerra com os inimigos do dito Rei dos romãos, e com quaesquer que para sua soltura lhe parecesse necessario. E assi levou grandes creditos, provisões e letras, e procurações abastantes para receber e poder despender até cem mil ducados de ouro em tudo o que podesse apreveitar para logo ser solto. E assi offerecimentos e determinação de logo

d'estes reinos mandar grande frota e muita gente em sua ajuda se necessario fosse.

E sendo já o dito Duarte Galvão partido, estando El-Rei em Almada para d'ali poder tudo prover, no mez de Junho logo seguinte vieram a El-Rei por mar cartas de Flandres, porque foi certificado que o dito Rei seu primo era já solto e em sua liberdade em poder do Imperador seu pae; o qual com grande poder vinha sobre a dita cidade, e com medo seu o soltaram, as quaes cartas trouxe D. João de Bairros, com que El-Rei foi mui alegre e recebeu muito prazer e grande contentamento, e assi toda a côrte, e o reino todo.

E em Lisboa, e na côrte, se fizeram solemnes procissões e muitas festas e alegrias, assi no mar como na terra, que duraram muitos dias; e ao dito João de Bairros fez muita mercê, e assi aos do seu navio, por alviçaras de tão boa nova.

E Duarte Galvão depois de ser chegado a Flandres aproveitou muito ao Rei dos romãos, posto que fosse solto, assi em virtude do dinheiro, que por virtude de seus poderes lhe deu, como em vir por medianeiro e requeredor de sua paz e segurança, com muitos senhores e terras que o dito Rei requereu, de que tinha muita necessidade; o que tudo acabou a muito contentamento seu.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

# OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume........................ 400

II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume................ 4

III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes.................. .. .... 1$

IV — O Infante D. Pedro, chronica inédita por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes..... ...... 7

V — Chronica d'El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro) por *Fernão Lopes*, 1 volume...... ... 400

VI — Chronica d'El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes ... ........... ...... ... 1$200

VII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes................................ 2$800

VIII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, vol. I, II e III (VIII, IX e X). 1$200

IX — Dois Capitães da India, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume................. ............. 400

X — Arte de Caça de Altenaria, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes................... 800

XI — Apologos Dialogaes, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 3 volumes...... ................ 1$200

XII — Chronica d'El-Rei D. Duarte, por *Ruy de Pina*, 1 volume............................ 400

XIII — Chronica d'El-Rei D. Affonso V, por *Ruy de Pina*, 3 volumes..................... .... 1$200

XIV — Chronica d'El-rei D. João II, por *Garcia de Resende*, vol. I.......................... 400

## EM PUBLICAÇÃO

Chronica d'El-Rei D. João II, por *Garcia de Resende*, vol. II

DEC 16 1959